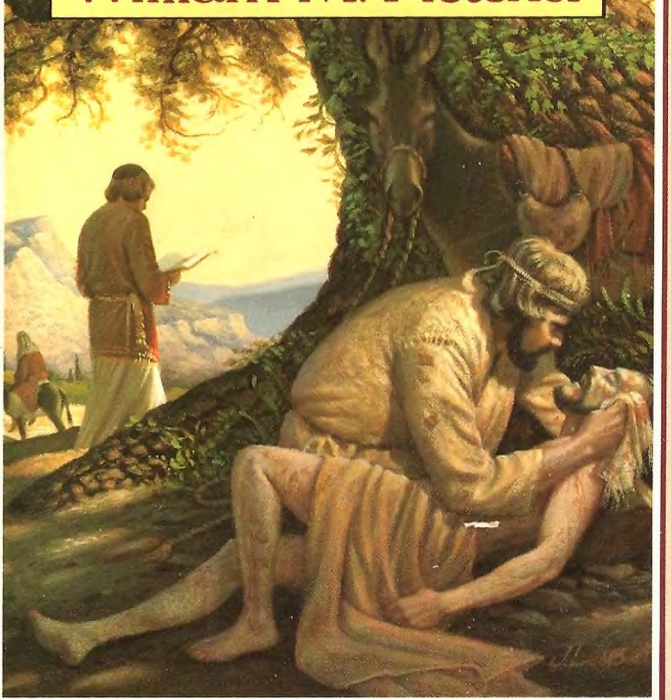
Vida

O SEGUNDO GRANDE MANDAMENTO

UM APELO PARA UMA VIDA DE SERVIÇO PESSOAL E EM GRUPO

William M. Fletcher



O SEGREDO DE AMAR SEGUNDO O NOVO TESTAMENTO

"Se o amor for real, ele se expressará. Se for o amor de Deus, ele se expressará sacrificialmente. O amor divino não permanece em silêncio ou alienado!"

Assim escreve o Dr. William Fletcher. Sua busca em realizar a missão da igreja levou-o a uma grandiosa descoberta: o poder do amor que estende a mão às pessoas necessitadas. A seguir, ele levou sua congregação a transformar a igreja numa família que demonstra o amor de Deus, que leva as cargas uns dos outros em verdadeira assistência cristã.

O Segundo Grande Mandamento é um guia para uma vida de assistência, tanto para o leigo, como para o dirigente eclesiástico. Após cuidadoso estudo da base bíblica para a assistência, que gira em torno da vida de Jesus, Fletcher descreve os efeitos radicais de tal assistência num corpo local de crentes. Valendo-se das lições e discernimentos da experiência, ele oferece sugestões práticas para ministrar a grupos específicos, tais como os solitários, os enfermos e os desolados.

ISBN 0-8297-0721-2

Mestre, qual é o grande mandamento na lei? Respondeu-lhe Jesus: Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento. Este é o grande e primeiro mandamento. O segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas (Mateus 22:37-40).

O SEGUNDO GRANDE MANDAMENTO

William M. Fletcher

UM APELO PARA UMA VIDA DE SERVIÇO PESSOAL E EM GRUPO

Mazinho Rodrigues

Editora Vida

ISBN 0-8297-0721-2

Categoria: Inspirativo

Traduzido do original em inglês:
The Second Greatest Commandment

Copyright © 1983 by William M. Fletcher
Copyright © 1986 by Editora Vida

1ª impressão, 1986

Todos os direitos reservados na língua portuguesa por Editora Vida, Miami, Florida 33167 — E.U.A.

Exceto onde outra fonte for indicada, as citações bíblicas são extraídas da Edição Revista e Atualizada no Brasil, da Sociedade Bíblica do Brasil. As abreviaturas após a referência bíblica indicam: ERC: Edição Revista e Corrigida, Almeida; BV: Bíblia Viva.

Capa: Hector Lozano

A
Jeanette, cuja fidelidade
e desvelo
têm sido um estímulo constante
para o meu ministério.

Índice

O Autor 9
Palavras Preliminares 11
Prefácio 13
Primeira Parte: Amar Porque Jesus Amou
1. Alguém Ama Realmente? 19
2. Começando com Amor 29
3. Compaixão pelo Homem como um Todo 42
4. O Distintivo do Discipulado 51

Segunda Parte: Transformando o Corpo Local
5. Descobrindo e Curando as Feridas 62
6. Tornando-se uma Família 72
7. Aprendendo a Amar 82
8. Adotando um Espírito de Gentileza ... 95

Terceira Parte: O Cuidado Onde É Importante
9. Cuidando dos Idosos 105
10. Cuidando dos Solitários 115
11. Cuidando dos Enfermos 126
12. Cuidando dos Aflitos 137
13. Uma Vida de Amor 148

Apêndice: Como Iniciar um Ministério de Atendimento em sua Igreja 156
Notas 169

O Autor

O Dr. William M. Fletcher é pastor da Primeira Igreja Batista de Golden, no estado de Colorado. Também exerceu o pastorado da Grace Bible Chapel, em Grand Rapids, no estado de Minnesota. Antes de seu ministério pastoral, ele passou muitos anos trabalhando no corpo administrativo dos Navegadores, atendendo a uma variedade de ministérios nos Estados Unidos e na Europa, e na Sede Internacional em Colorado Springs. Por muitos anos sua atividade consistiu em preparar literatura para uso no estudo pessoal da Bíblia, formação de currículo, e ministérios destinados à formação de discípulos. O Dr. Fletcher é membro da Junta de Depositários do Seminário Teológico Batista Conservador em Denver, no estado de Colorado, do qual recebeu o grau de "Doutor em Ministério". Atualmente exerce o cargo de Vice-presidente da Associação Batista Conservadora de Rocky Mountain. Ele e Jeanette, sua esposa, moram em Golden, Colorado.

Palavras Preliminares

Este livro foi escrito por um pastor, mas os capítulos não têm nada de sermões reformulados. São o produto de extensa leitura, de visitação pastoral e de um plano sistemático para treinar leigos que desempenhem a esmagadora tarefa de cuidar das pessoas feridas em nossos campos de batalhas interpessoais.

Observei o desenvolvimento deste livro, bem como de seu autor, através de um programa de "Doutorado em Ministério" em nosso seminário. Sinto-me feliz com os resultados obtidos em ambos. Os livros escritos por professores geralmente são longos na teoria mas curtos na prática. Os livros escritos por pastores tendem a estar no alto quanto às experiências, mas no baixo quanto aos motivos. William Fletcher não só criou um modelo de literatura como também reduziu as teorias a um plano funcional de arrolamento leigos para uma responsabilidade fundamental da igreja — "o cuidado das almas", como outrora lhe chamariam nossos pais na fé.

Tenho tido o prazer de ter o filho e o genro do Dr. Fletcher em minhas aulas. Ambos são carta de recomendação para um homem que pratica aquilo que ensina neste livro. Partilho de sua preocupação por ver o *povo* de Deus empreender a *obra* de Deus utilizando-se de recursos que estabeleçam diferença neste mundo. Para tanto, sinto-me feliz em unir-me a ele na apresentação deste livro com uma oração para que maior seja o número das pessoas pertur-

badas que venham a encontrar em Jesus Cristo o caminho da esperança e da cura.

Bruce L. Shelley

Prefácio

Seja qual for a nossa opinião acerca da Grande Comissão, não podemos fugir ao fato de que temos a ordem de levar o evangelho ao *povo*. Somos responsáveis perante Deus por evangelizar as *pessoas* e delas fazer discípulos. Portanto, para que alcancemos êxito em realizar nossa missão, precisamos saber quais são as coisas pelas quais as pessoas mais se interessam.

Sou um desses tipos mais ou menos bem organizados. Posso administrar atividades e assuntos até que a maquinaria eclesiástica funcione suavemente. Sou capaz de ensinar as Escrituras com lógica (pelo menos assim o penso). Houve, contudo, uma época em meu ministério pastoral em que percebi que eu vinha esperando ser bem-sucedido somente nesses aspectos. Para meu desapontamento, as pessoas não reagiam, como eu esperava, à minha organização perfeita e à minha lógica impecável.

Ao perceber isto, foi como se o Senhor me dissesse que eu havia perdido um ponto importante no ministério. As entidades com as quais eu estava lidando eram *pessoas*, e não máquinas! E as pessoas reagem ao amor. Ao analisar minha vida e meu ministério, descobri que eu precisava crescer em amor — amor *ágape*. Então, quando fiz um levantamento da igreja à qual eu estava servindo, descobri, como seria de esperar, um reflexo de mim mesmo. A igreja precisava crescer em amor. Ao discutir este ponto com os diáconos, resolvemos que tínhamos de ajustar nosso pensamento. Esfor-

çar-nos-íamos por fazer de nossa igreja uma igreja que ama.

Estudando mais atentamente nossa situação, vimos que havia muitas necessidades que não estavam sendo atendidas. Talvez, cada um de nós estivesse por demais ocupado com a sua parte no programa da igreja. Se ao menos tivéssemos parado a fim de prestar atenção, certamente teríamos notado que as pessoas ao nosso redor estavam sofrendo. Começamos a ver que, a despeito das escusas, não estávamos amando como devíamos. A vida no corpo (a igreja) não era uma realidade operante. Nossa comunhão não se aprofundava muito. Nossos corações não eram suficientemente sensíveis.

Como resultado do estudo de nossa situação, começamos a dar alguns passos definidos para atender a algumas das necessidades que víamos. Esta providência conduziu-nos ao que a princípio chamávamos de "um modelo de atendimento".

Nossa revolução na Primeira Igreja Batista de Golden, no Colorado, começou quando preguei uma mensagem sobre "o estado da igreja", na manhã de domingo, 8 de janeiro de 1978. Desafiei o povo a participar do crescimento de nossa igreja. Naquele dia, mais de cem pessoas se ofereceram para ajudar a edificar nossa comunhão. Uma das opções que lhes ofereci era que estivessem disponíveis para cuidar dos necessitados. Muitos disseram que desejavam dedicar-se a tal ministério.

A fim de preparar essas pessoas para esse ministério de atendimento, organizamos um programa de treinamento de treze semanas; esse programa foi dado em um trimestre como lição para as classes de adultos da Escola Dominical. Este livro

teve origem nesse currículo de treinamento. Espero que ele sirva de manual de treinamento para outros grupos que prestam assistência. Nossa experiência tem demonstrado que as pessoas desejam ser treinadas. A maioria dos que assistiram a essas classes (oferecidas todos os anos) diz que desejavam ajudar aos outros mas não se achavam qualificados. Ensinamos-lhes princípios bíblicos sobre o assunto bem como habilidades práticas necessárias ao exercício de tal ministério.

Quando começamos este programa assistencial, oramos para que ele trouxesse alguns resultados duradouros na igreja. Nossos alvos eram: 1) que umas poucas pessoas compreendessem o conceito de amar, segundo o Novo Testamento, e também aprendessem algumas habilidades básicas; 2) que um maior número de pessoas tivessem suas necessidades atendidas, que de outra sorte seriam negligenciadas; e 3) que as pessoas que iam dar assistência crescessem em número e em influência, estimulando todos os membros da igreja a crescer como uma comunidade que cura. Estamos alcançando esses alvos. Os diáconos têm observado maior profundidade na vida espiritual de nossa igreja. As pessoas estão começando a responder espontaneamente às necessidades que vêem ao seu redor. O Fundo Diaconal (usado para assistir pessoas que têm necessidades especiais) está recebendo mais dinheiro. Com maior freqüência os visitantes comentam que esta é uma igreja que se interessa pelos necessitados. Alguns outros ministérios assistenciais têm surgido como resultado de nosso programa inicial.

No transcorrer deste livro dou mais detalhes sobre nossa aventura no ministério, e o apêndice

traz o esboço de um programa sugerido para implementar um ministério assistencial na igreja local. Minha oração é que todos cresçamos na capacidade de levar "as cargas uns dos outros" e dessa maneira cumpramos a lei de Cristo (Gálatas 6:2).

PRIMEIRA PARTE

Amar Porque Jesus Amou

1

Alguém Ama Realmente?

"Filiei-me de novo à raça humana!" Este é o testemunho entusiasta de um homem cuja vida foi transformada pelo ministério assistencial de diversos homens de nossa igreja. Este homem chegou ao fundo. Estava pronto para entregar os pontos. Então, quatro de nossos homens entraram em cena para oferecer-lhe ajuda — não apenas conselho, mas ajuda de verdade que lhes custava tempo, esforço e dinheiro. Isto é amar!

Muitas pessoas que vêm às nossas igrejas estão curtindo mágoas interiores enquanto o exterior está sorridente. São capazes de apontar para uma experiência de novo nascimento em suas vidas. Vêmo-las nos bancos da igreja todos os domingos. Pela conversação casual descobrimos que conhecem a Bíblia. Em realidade, provavelmente conheçam todas as respostas apropriadas para os problemas da vida — não obstante, por algum motivo, de nada têm adiantado. Muitos são como o personagem Linus da história em quadrinhos de Charles Schultz, que arrancava pétalas de uma margarida enquanto repetia: "Alguém lá em cima (lá fora... cá em baixo) me ama?"

Essas pessoas estão procurando assegurar-se de que alguém se interessa por elas. Talvez se perguntem a respeito do restante da congregação "lá

fora". Não há dúvida que muitos são agradáveis nos cultos matutinos de domingo, mas realmente se importam com os membros da igreja no restante da semana? Quando as pessoas presentes não parecem importar-se, a tendência é de duvidar também do que está "lá em cima".

Deus realmente ama? Se feita a pergunta, a maioria desses sofredores responderia positivamente. Não negariam a Bíblia: Deus diz que nos ama. Mas, de certo modo, muitos acham difícil ver que tais promessas influenciem o mundo real onde vivem. Esses lutadores da vida talvez até citem versículos úteis como 1 Pedro 5:7: "lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós." No entanto, é possível que ainda sofram em solidão, ou se afundem ainda mais no desespero pela perda de um ente querido. Não parecem capazes de traduzir as promessas bíblicas em apoio significativo nas horas de angústia.

Algumas pessoas sofredoras são como a garotinha que acordava apavorada diversas vezes durante a noite por causa de um pesadelo que se repetia. Todas as vezes a mãe corria para consolá-la e tranqüilizá-la. Todas as vezes ela recitava versículos bíblicos com a menina e orava com ela, mas o medo da garotinha persistia. Ela não queria, simplesmente, que a mãe saísse de perto. Por fim, em desespero de causa, a mãe disse: "Mas, filhinha, Jesus está com você."

"Eu sei", respondeu a criança, com as lágrimas a descer-lhe pelas faces, "mas eu preciso de alguém de carne e osso!"

Este é o clamor de muitos que sofrem: o anseio por "alguém de carne e osso" — um ser humano que ame e que esteja presente.

Naturalmente, o supremo ato de amor já foi executado. Até mesmo uma leitura casual do Novo Testamento coloca-nos face a face com o amor de Deus expresso em Jesus Cristo e por meio dele. Deus, o Pai, demonstrou-nos seu amor enviando o que ele tinha de melhor no céu — seu Filho — para morrer por nossos pecados (João 3:16). Este exemplo divino mostra-nos a motivação abnegada de Deus, a doação generosa e o íntimo envolvimento com as pessoas, objeto do seu amor. Observe, também, em Romanos 5:8 que Deus nos deu seu amor sem que o mereçamos, e sem levar em conta nossa reação: "Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco, pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores." Este é, indiscutivelmente, o mais alto nível de amor. O Novo Testamento emprega a palavra grega *ágape* para destacar este tipo de amor de todas as demais formas de amor humano. Jeremias deu-lhe uma das mas belas expressões contidas no Antigo Testamento: "Com amor eterno eu te amei, por isso com benignidade te atraí" (Jeremias 31:3).

O Novo Testamento explica plenamente este amor. O pecado que se coloca entre Deus e o homem, a barreira que nos faz indignos do amor de Deus, Jesus levou-o em sua morte na cruz. A grandeza de seu amor é magnificada quando reconhecemos que o inocente morreu para pagar os pecados do culpado. Jesus Cristo, que não tinha pecado, morreu por nós. Nosso Salvador é a revelação máxima do amor divino. As Escrituras não apenas declaram este amor; demonstram-no em uma vida. Jesus Cristo é a inconfundível expressão do amor de Deus. Um olhar cuidadoso ao Salvador dissipa o temor de não sermos amados.

A vida de Jesus, que os Evangelhos apresentam com tanta clareza, é uma vida de amor. Conforme observou Benjamin Warfield:

> No retrato sinóptico de Cristo o traço que sobressai com maior clareza é o amor de Jesus. Ele não só nos mandou amar, mas primeiro ele próprio o praticou. Não é meramente seu pensamento, mas sua vontade; e não meramente sua vontade, mas, acima de tudo, sua ação.[1]

Se o amor for real, ele se expressará. Se for o amor de Deus *(ágape)*, ele se expressará sacrificialmente. O amor divino não permanece em silêncio ou alienado! As pessoas esperam sua expressão — por parte de alguém que se preocupe com elas onde elas vivem e trabalham. Elas têm ouvido falar de Jesus conforme é ensinado nas Escrituras e pregado dos púlpitos. Estão aguardando, contudo, o exemplo vivo.

Muitos de nós manifestamos a atitude de "claro que amo você". Somos como o homem que, indagado por sua esposa se ele a amava, respondeu com toda a naturalidade: "Eu lhe disse que a amava quando nos casamos; se tivesse havido qualquer alteração, eu a informaria." Os relacionamentos não sobrevivem a atitudes desse tipo. Antes, os bons relacionamentos se edificam sobre a expressão voluntária do amor divino.

As pessoas que vivem ao nosso redor esperam que lhes digamos que as amamos e a seguir atuemos como se o que dizemos é para valer. Jesus não tinha apenas mente para amar; ele praticava o amor. Não deixou dúvidas na mente dos que se acotovelavam com ele. Sabiam que ele se interessa-

va por eles, porque seu interesse afetava a vida deles e produzia diferença. Da mesma forma, o simples cumprimentar as pessoas à porta da igreja não é suficiente. Pode ser um bom começo, mas amiúde permanece um vazio que não é aliviado pela jovialidade momentânea. A pessoa que sofre talvez prossiga seu caminho perguntando-se ainda se poderia jamais confiar na pessoa que a cumprimentou. Na incerteza, volta para casa perguntando-se se *alguém* realmente se interessa por ela.

Se desatendida, a situação deste tipo tende a piorar cada vez mais. Um jovem queixava-se amargamente comigo: "Eu ia mal financeiramente. Meu negócio estava fracassando. Ninguém se interessava por mim." Ele e a família haviam freqüentado a igreja regularmente. Os amigos conversavam com eles descontraidamente. Ele e a esposa haviam sido convidados para visitar outros casais jovens. Contudo, a despeito dessas expressões de interesse, ninguém sabia de suas preocupações maiores. Ele tinha visto outras pessoas recebendo ajuda, mas não fora capaz de confessar suas prementes necessidades, e assim a carga persistira e se tornara mais pesada. Parece que ninguém percebia que ele clamava por ajuda, por isso deixou a igreja. Quando esta situação se fez conhecida, os líderes da igreja sentiram-se importunados por perguntas de culpa. Foi nossa a falha? Em realidade mostramos amor? Procuramos ouvir? Demos-lhe a liberdade de descarregar suas preocupações? Será que outros já deixaram a nossa igreja por sentirem nosso desinteresse?

Esta ocorrência infeliz acontece em nossas igrejas com maior freqüência do que gostaríamos de admitir. Então, tentamos justificar-nos, racionalizan-

do: *Estávamos certos de haver demonstrado suficiente amor. Ele nos deveria ter falado de suas queixas.* Temos de admitir, porém, que em realidade ninguém se envolveu a fundo. Ninguém chegou perto bastante para ouvir. Se o amor se tivesse expressado de modo a fazê-lo sentir-se livre para abrir-se, talvez a situação tivesse sido muito diferente.

É claro, este é apenas um exemplo. Todo pastor pode citar casos semelhantes extraídos de sua experiência; por exemplo, o jovem solteiro ou divorciado que sempre se sente deixado fora numa sociedade planejada para casais. Ou a pessoa que vive com alguma vergonha ou constrangimento de seu passado e jamais se sente aceita. Talvez seja a senhora que enviuvou recentemente, cujo travesseiro está molhado de lágrimas vertidas em agonia pela perda sofrida. Muitos comentam: "Ela está reagindo muito bem!" "Ela está com boa aparência!" Mas ninguém a visita, e ela luta sozinha com as longas noites e os longos feriados!

Onde estão os que devem amar? Onde estão os que devem expressar o amor de Deus a essas pessoas solitárias, que têm o coração partido, aceitando-as sem fazer alarde e ajudando-as em suas necessidades?

Tem-se dito que "Deus sempre se comporta como ele mesmo". Quão gratos deveríamos ser porque assim é. Aprendemos que "Deus é amor". Mas é importante lembrar-nos de que Deus, que habita em todo crente nascido de novo, é *sempre* amor, e ele deseja expressar seu amor por nosso intermédio. Paulo diz, na carta aos Gálatas, que o fruto do Espírito é amor. Se, em verdade, o Espírito habita em nós, devemos revelar esse amor. O

Espírito Santo não expressa ódio, nem inveja, nem uma atitude indiferente, centrada no eu, desatenciosa para com os outros. Tudo isso é produto da natureza pecaminosa, ou seja, a carne. Onde o Espírito está no controle, aí há amor. Esse amor demanda expressão.

O amor flui naturalmente de nossas vidas porque partilhamos a natureza de Deus. Warren Wiersbe descreveu esta natureza como se ela fosse uma bússola:

> O navegante depende de uma bússola para traçar seu curso. Por que a bússola? Porque ela lhe mostra o rumo. E por que a bússola aponta para o norte? Porque está constituída de tal modo que reage ao campo magnético da terra.[2]

O cristão é criado de modo que seja responsivo à natureza de Deus. Sua vida deve revelar que sua reação à natureza divina é tão confiável quanto a reação da bússola ao campo magnético. Todos quantos se aproximam dele devem sentir a presença e o amor de Deus. Num sentido muito real, sua vida deve mostrar Deus às pessoas com as quais ele está em contato. Elas devem começar a ver através dele o amor divino.

Esta influência diretiva que o cristão exerce sobre outros é exemplificada pela história do homem que corria apressado pelo terminal de um aeroporto, já atrasado para tomar o avião. Na pressa, ele não viu uma menina na sua frente, que levava um quebra-cabeça. Ao colidir com ela, as peças do quebra-cabeça se espalharam pelo chão. Em vez de continuar correndo, como sem dúvida seria tentado a fazer, ele parou e ajudou a garotinha a recolher as

peças. Quando todo o quebra-cabeça estava de volta na caixa, a garotinha olhou para ele e disse: "Acho que o senhor perdeu o seu avião." O homem sorriu e respondeu: "Perdi, sim." Então a menina lhe perguntou com toda a sinceridade: "Moço, o senhor é Jesus?"

Tal é a vida da pessoa que está pronta a servir e disposta a parar e participar da situação. Tem lá seu preço, mas produz algo que vale a pena. E isso é tão gratificante que o custo parece uma insignificância. Quando nos detemos para servir, amiúde descobrimos que Deus pode utilizar-nos de modos simples mas eficazes. Não é preciso ter grande habilidade; apenas um coração amoroso, doador e a disposição de tomar tempo. Quando nos damos aos outros, encontramo-nos a nós mesmos. Quando reconhecemos o valor de outrem, descobrimos nosso próprio valor!

No início do programa assistencial em nossa igreja muitos manifestaram interesse, mas alguns achavam que lhes faltava preparo. Esta apreensão é compreensível. Damos tanta ênfase ao talento ou a uma personalidade atraente, que os cristãos médios se julgam desnecessários. Contudo, dar assistência é algo que todo cristão pode fazer. O principal requisito é a disposição — primeiro, de permitir que Deus tenha o controle de nossa vida; segundo, deixar que ele expresse seu amor por nosso intermédio.

Provavelmente ninguém, nos tempos de Jesus, parecia menos qualificado para este ministério do que os filhos de Zebedeu, Tiago e João. Esses pescadores duros eram conhecidos como "filhos do trovão". Certa ocasião, quando um grupo de samaritanos os rejeitou, eles disseram a Jesus:

"Senhor, queres que mandemos descer fogo do céu para os consumir?" (Lucas 9:54). Dificilmente esta é uma reação de quem ama. Todavia, à medida que andavam com Jesus, ele transformou-lhes as vidas. Tornaram-se homens sensíveis, atenciosos. João passou a ser conhecido como o apóstolo do amor.

Nosso Deus amoroso pode realizar este milagre em cada um de nós. Podemos tornar-nos pessoas atenciosas, que se deleitam em socorrer os outros. Vimos um belo exemplo disto nas primeiras fases do programa assistencial de nossa igreja. Chamou-me a atenção a necessidade de um homem que havia perdido a esposa recentemente (chamemo-lo de José). Além da solidão, José sofria de uma enfermidade cardíaca e também de uma doença debilitante. Como se isso fosse pouco, ele se encontrava em séria necessidade financeira; seu carro estava prestes a ser retomado. A esta altura da vida José achava que ninguém se importava com ele. Parecia-lhe não haver saída; ele até tentou o suicídio. Então a maré virou quando alguns dos homens de nossa igreja ouviram falar de sua situação. Um homem, em especial, passou tempo com ele, ouvindo, incentivando e orando juntos. Depois, alguns homens interessados no caso ajudaram-no a erguer-se financeiramente. Ajudaram-no a vender o carro e a adquirir outro usado, dentro de suas posses. Um dos homens, que era mecânico, pôs este carro em boas condições de funcionamento sem cobrar nada pelo trabalho. Outro continuou a manter-se em contato com José, diariamente, por algum tempo; depois, passou a visitá-lo semanalmente.

Como resultado, José começou a testificar da

bondade de Deus. Contou aos amigos de sua comunidade que os irmãos em Cristo o ajudaram numa hora de necessidade. Seu semblante mudou, e sua saúde melhorou. Começou a ler a Bíblia de novo e a unir-se com entusiasmo à comunhão de nossa igreja. Ele se havia filiado de novo à raça humana.

Gostaria você de ser usado para cuidar de um irmão ou irmã que está abatido? Se você estiver disposto, Deus pode usá-lo.

Por sua própria conta

1. Consulte João 3:16 e Romanos 5:8. Como é que Deus nos tem demonstrado seu amor?
2. "Deus sempre se comporta como ele mesmo." Em suas próprias palavras, escreva Jeremias 31:3 e 1 Pedro 5:7; a seguir, responda a esta pergunta: Como é que você sabe que Deus continua a amá-lo?
3. Como primeiro passo na assistência aos outros, faça uma lista de três pessoas que você sabe estarem sofrendo. Anote um pedido específico para cada pessoa, e ore por elas todos os dias desta semana.

2

Começando com Amor

— Que é "Real"? perguntou o Coelho um dia ao Skin, o cavalinho de pau, antes de Nana entrar para arrumar o quarto. — Real será ter a maquininha dentro de você que faz esse "bzzzz", e do lado de fora essas duas alças de apoio?

— Real não quer dizer como ou de quê é feito — respondeu Skin. — É uma coisa que acontece. Quando uma criança ama você por muito, muito tempo sem interesse só no brinquedo, mas com um amor "verdadeiro" se apega a você, então você se torna Real.

— Isso dói? — perguntou o Coelho.

— Às vezes —, respondeu Skin, pois ele sempre dizia a verdade. — Quando você é real, não se importa de ser ferido.

— E isso acontece de repente como se nos estivessem dando corda, ou vai de pouco em pouco? — perguntou o Coelho.

— Isso não acontece de repente — disse Skin. — Você se torna aos poucos. Leva muito tempo. É por isso que não acontece com as pessoas que se quebram facilmente, ou são cheias de arestas, ou têm de ser guardadas com muito cuidado. Geralmente quando você é real, não importa o seu cabelo já haver caído, seus olhos já fora das órbitas; pode estar todo desconjuntado e estropiado —

nunca será feio para a criança a que você pertence e que o ama de verdade. Só será feio para quem não entende."[1]

Mudanças notáveis em geral ocorrem nas pessoas quando elas percebem que são amadas. É então que, com freqüência, encontram seu lugar na vida, ou, como na descrição de Margery Williams, autora de livros infantis, elas se tornam "reais". E quem de nós não deseja se tornar real? Tudo o que desejamos é ser amados, ser necessários, e receber atenções. Contudo, não é tão fácil inverter esse processo e amar os outros com a mesma dedicação.

"As pessoas são irrazoáveis, ilógicas e centradas em si mesmas. Não importa; ame-as assim mesmo!" Este sentimento extraído de um poster popular é admirável por sua boa intenção, mas como conseguir esse tipo de amor? Onde encontrar os recursos para amar os que não são amáveis? Certamente, se nós mesmos somos vazios, famintos desse amor, nada temos para dar aos outros.

Talvez alguns sugiram que devemos amar aos outros porque é nosso dever amar. Mas o caminho do dever nem sempre é suficiente para manter-nos motivados.

Em seu poema "A Segunda Milha", Stephen Moore sugere que muitas vezes o dever cede passagem ao amor:

> Disse o Severo Dever: "Caminha uma milha
> E ajuda teu irmão a levar sua carga."
> Caminhei relutante, mas nesse meio-tempo
> Meu coração abrandou com a ajuda concedida.
> Então disse o Amor: "Caminha mais uma milha."

Caminhei, e o Dever não mais falou,
Porém o Amor levantou-se e com um sorriso
Tomou toda a carga que eu levava.
É sempre assim quando o dever chama;
Se nos levantamos prontamente para obedecer,
O amor chega, e tudo mais acontece.
Alegramo-nos em ajudar mais um dia.
Caminhamos a segunda milha com alegria;
A paz do céu vai conosco pela estrada,
Por isso, empreguemos todas as nossas forças
Para ajudar o irmão a levar a carga da vida.

É válida a observação de Moore de que muitas vezes começamos a ter interesse pelos outros só porque nos sentimos obrigados a fazê-lo. Também ele está certo ao notar que uma vez que começamos a expressar tal interesse, amiúde o amor assume o comando, motivando-nos, fortalecendo-nos e capacitando-nos a dar de nós mesmos. Contudo, nossa pergunta não foi respondida. Que fazer se parece que não temos amor algum? Ainda que a pressão do dever seja forte, o dever não tem como tirar amor de um poço seco. Provavelmente, todos concordaríamos em que tal recurso de amor *deveria* existir no coração de todo crente, e que deveria vir à tona e transbordar quando surge uma necessidade. Contudo, quase todos nós temos de admitir que nem sempre isto é assim.

Por que os crentes têm dificuldade em amar? Falta alguma coisa em nossa conversão? Essa é uma possibilidade; certamente há fingidos nas fileiras de qualquer grupo cristão. Mas admitindo que

estamos entre os redimidos, que temos a certeza de um relacionamento eterno com Deus, então precisamos procurar com seriedade uma explicação do por quê muitas vezes não encontramos dentro de nós o desejo de estender a mão de ajuda a quem esteja em necessidade.

Talvez o personagem Linus, da história em quadrinhos de Charles Schultz, nos forneça uma pista. Lucy, a irmã mais velha, caçoa dele:

> Lucy:— Você, um médico? Essa é de fazer rir! Você nunca poderia ser médico! Sabe por quê? Porque você não ama a humanidade, só por isso!
> Linus (finalmente provocado, retruca):—Eu amo a humanidade. . . as pessoas é que eu não suporto!

Por estranho que pareça, Linus fala em nome de muitos cristãos professos. Não é que odiemos as pessoas em geral; não somos misantropos. Simplesmente temos dificuldade em mostrar amor a *indivíduos* — é por demais custoso. As exigências do amor são grandes demais. São ameaçadoras. Não nos sentimos seguros dando-nos aos outros. É. . . bem, às vezes é mesmo impossível.

O escritor John Powell certa vez perguntou a um seu amigo psiquiatra: "Como se pode ensinar as pessoas a amar?" Em resposta, o competente médico ressaltou que somos como alguém que está com dor de dentes, totalmente ocupados com o nosso próprio sofrimento: "O mundo em que vivemos está cheio de dor. E as dores que se instalam fundo nos corações humanos que nos cercam não diferem das dores de dentes. Vamos para a cama com elas à noite e acordamos de

manhã com elas. . . .Em sua maioria, os seres humanos se acham tão voltados para dentro de si mesmos que não conseguem tirar o suficiente de si mesmos, para que amem em qualquer medida."[2]

Devemos, pois, de certo modo progredir na superação de nossos próprios problemas antes que estendamos nosso amor a outros. Parece que Jesus tinha este fato em mente ao responder à pergunta do doutor da lei em Mateus 22. O advogado, especialista na lei mosaica, perguntou-lhe: "Mestre, qual é o grande mandamento na lei?" A resposta de Jesus foi a um tempo definitiva e revestida de autoridade:

> "Respondeu-lhe Jesus: Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento. Este é o grande e primeiro mandamento. O segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas."

Jesus resumiu os Dez Mandamentos no amor. Ele falou primeiro do amor a Deus; depois, do amor ao homem. Essas declarações, disse ele, resumem todos os Dez Mandamentos e tudo quanto os profetas ensinaram. A primeira ordenança fala de nosso caminhar com Deus; a segunda, de nosso proceder entre os homens. Não é por acaso que a resposta de Jesus foi dada nesta ordem: primeiro, Deus deu os mandamentos nesta ordem (veja Êxodo 20). Segundo, esta é a ordem em que devemos obedecer-lhes. Quando a relação vertical é correta, nossas relações no plano horizontal têm tudo para ser corretas. Quando nossa experiência

do amor de Deus é diária, inspiradora da alma e transformadora da vida, então nossa capacidade de amar a outros também será crescente. Começamos a descobrir que somos compelidos a estender a mão de ajuda.

Maurice E. Wagner, conselheiro profissional, diz que na resposta ao intérprete da lei, Jesus nos dá uma base saudável para formar a personalidade e uma receita saudável para cuidar dos outros. Wagner observa: "A obediência ao primeiro grande mandamento redime-nos da escravidão da comprovação de nós mesmos."[3] Esta obediência, declara Wagner, liberta-nos como objetos do amor de Deus, capacitando-nos a amar aos outros abnegadamente:

> . . .somos livres para gostar dos outros pelo que eles são. . . Havendo descoberto que para Deus somos alguém, automaticamente consideramos os outros como alguém. Em vez de amar aos outros porque necessitamos de ser por eles amados, amamos aos outros porque Deus nos ama, e, mais do que tudo, sentimo-nos amorosos. . . .Assim, já não usamos de artifícios para provar-nos aos outros. . . para adquirir status. . . ou para evitar crítica. . . .De bom grado afirmamos os outros, mas não fazemos o jogo da autocomprovação transacional, trocando amor por amor e ódio por ódio.[4]

Pode ser que amar "automaticamente" aos outros exagere ligeiramente o caso, mas é claro que uma posição segura no amor de Deus proporciona o potencial e a base para amar nossos irmãos de uma maneira salutar.

Uma jovem que se converteu de uma determinada seita esclarece o que significa ser livre para amar. Visto que ela também se divorciara recentemente, seria de esperar que Alice fosse cautelosa em dar amor, especialmente se parecesse haver nisso algum risco. Todavia, parece que a transformação que ela experimentou quando Cristo entrou em sua vida libertou-a por completo. Pouco tempo antes da sua conversão ela ficou sabendo que uma amiga, acusada de matar o marido durante uma discussão, estava na cadeia aguardando o julgamento por homicídio. Tão-logo Alice teve conhecimento da situação da amiga, começou a orar por ela e lhe telefonou, oferecendo-lhe apoio e amizade. A ré começou a aceitar a ajuda de Alice, de modo que Alice esteve com ela durante o julgamento. Desse modo Alice pôde não só dar seu testemunho verbal mas também demonstrar amor de uma forma incomum. Esse foi um testemunho convincente da realidade do amor de Deus a alguém que se encontra em profunda dificuldade.

O caso de Alice mostra quão importante é que primeiro experimentemos o amor de Deus; o amor ao próximo vem a seguir. Tal experiência do amor divino inicia quando nos convertemos, e cresce à medida que vivemos em comunhão com Deus. É subproduto de uma prática devocional diária, saudável, de alimentar-nos da Palavra de Deus e comunicar-nos com ele em oração. Esta prática diária nos condicionará e nos motivará a expressar amor aos que estão à nossa volta.

Ao responder Jesus à pergunta do intérprete da lei, conforme Mateus 22, ele revelou estar consciente da importância de que a pessoa ame a si mesma: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo." O

apóstolo Paulo também reconheceu esta mesma característica humana em sua ordem aos maridos: "Assim também os maridos devem amar as suas mulheres como a seus próprios corpos. Quem ama a sua esposa, a si mesmo se ama" (Efésios 5:28). Falam estas passagens do orgulho pecaminoso ou da auto-estima saudável? De há muito esta tem sido uma questão preocupante nos círculos dos que crêem na Bíblia. Temos ensinado que o amor-próprio está na base do problema do pecado que nos separa de Deus. Por certo este ensino tem fundamento teológico. Aponta para o tipo de amor-próprio imoderado expresso nas palavras do próprio Lúcifer:

> "Tu dizias no teu coração: Eu subirei ao céu; acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono. . . .serei semelhante ao Altíssimo" (Isaías 14:13-14).

Palavras semelhantes são também proferidas por Ezequiel ao príncipe de Tiro, e Deus o adverte:

> "Visto que se eleva o teu coração, e dizes: Eu sou Deus, sobre a cadeira de Deus me assento no coração dos mares; e não passas de homem e não és Deus. . ." (Ezequiel 28:2).

O amor-próprio é imoderado quando um ser humano se exalta à posição da divindade. Este tipo de amor-próprio geralmente se manifesta de duas formas, ambas as quais constituem pecado: primeira, o homem reivindica o direito de dirigir sua própria vida e seguir seu próprio caminho sem Deus; segunda, ele se coloca acima dos outros. A filosofia do "eu sou melhor do que você" geralmen-

te é produto da primeira manifestação. Em qualquer caso, o mero homem está bancando deus. Este é um amor-próprio pecaminoso e não uma aceitação saudável de si mesmo.

Nesta situação pecaminosa, não podemos expressar um amor saudável por outrem, seja o cônjuge, seja o vizinho. Um amor-próprio excessivo levanta barreiras entre nós e o nosso próximo. Por essas razões, Paulo adverte a todo crente a não pensar de si mesmo além do que convém (Romanos 12:3). Aos crentes filipenses ele ordena: "Nada façais por partidarismo, ou vanglória, mas por humildade, considerando cada um os outros superiores a si mesmo" (Filipenses 2:3).

Acaso a ordem para amar ao próximo como a nós mesmos sugere uma auto-estima saudável? Sim, pois este tipo de auto-estima deve ser encontrado num relacionamento correto com Deus, o que nos liberta para amar os outros. A centralidade no eu diz: "O importante sou eu. Com efeito, sou mais importante do que o meu próximo." A auto-estima saudável diz: "Sou importante porque Deus diz que lhe sou importante." O cristão saudável pode fazer uma perceptível avaliação de si mesmo perante Deus. Ele não pensa de si mesmo mais do que convém, mas julga corretamente sua posição de aceitação perante Deus. Então ele pode, igualmente, fazer uma avaliação generosa do seu próximo.

Quando começamos a compreender o que Deus pensa a nosso respeito, aprendemos a pensar em nós mesmos de igual maneira. Contudo, quando fazemos um juízo mesquinho de nós mesmos, ignoramos a posição de favor que Deus nos deu. Tornamo-nos inseguros e receosos, temos medo de estender a mão de ajuda, e assim temos a tendência

de retrair-nos das outras pessoas. É fácil descermos a um nível tão baixo de auto-estima que nos descobrimos esperando que os outros nos ajudem; não temos nada que oferecer-lhes. Então um tipo de amor-próprio negativo se apossa de nós, e esse amor-próprio só vê as nossas necessidades.

Esta concentração sobre o eu acontece porque deixamos de aceitar nossa posição de favor, positiva, aos olhos de nosso atencioso Pai celestial. Como resultado, nossa tendência é no sentido de ver tudo e todos como uma ameaça a nós. Verificamos que somos incapazes de conversar sobre qualquer coisa que não seja nós mesmos, e podemos, de fato, indignar-nos com aqueles que não nos dispensam atenção. Num estado assim, não servimos para Deus nem para o homem, e podemos ficar tão deprimidos que não prestamos nem para nós mesmos.

Que condição deplorável para um filho do Rei! Quando nos encontramos nesta espiral descendente, é hora de reconsiderar a grandeza do amor de Deus por nós. Podemos voltar-nos para passagens tais como Jeremias 31:3, em que o profeta cita a Deus expressando amor pelo seu povo: "Com amor eterno eu te amei, por isso com benignidade te atraí." O amor de Deus é incessante; nunca falha. Isaías falou de um tempo quando Israel lamentava: "O Senhor me desamparou, o Senhor se esqueceu de mim" (Isaías 49:14). Mas a resposta de Deus veio sem demora da pena do profeta: "Acaso pode uma mulher esquecer-se do filho que ainda mama, de sorte que não se compadeça do filho de seu ventre? Mas ainda que esta viesse a se esquecer dele, eu, todavia, não me esquecerei de ti" (v. 15).

Devemos tomar todo o cuidado para não atribuir a Deus nossas fraquezas humanas; devemos, antes, elevar nossos corações a ele em ações de graça por seu incessante amor. Também devemos lembrar aos nossos corações afadigados que Deus nos amou, a despeito de nosso estado de rebeldia: "Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco, pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores" (Romanos 5:8). A iniciativa de amar-nos partiu dele; nós não o buscamos. João declara-o com clareza: "Nisto consiste o amor, não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou, e enviou o seu Filho como propiciação pelos nossos pecados" (1 João 4:10). A auto-estima começa a crescer ao reconhecermos que o grande Deus nos ama com amor tão irresistível.

Expondo-nos a esse amor, já não pensamos em nós mesmos como destituídos de importância para Deus. E, levantados pelo reconhecimento deste grande amor, somos compelidos a amá-lo em retribuição. Não é, pois, tarefa difícil amar ao Senhor nosso Deus de todo o coração, de toda a alma e de todo o entendimento. E deste amor a Deus flui com toda a naturalidade o amor ao próximo.

Uma auto-estima saudável resulta, portanto, de ver-nos a nós mesmos como Deus nos vê. Reconhecendo que, firmados nos braços deste grande amor, estamos seguros. Nada nos pode ameaçar; agora estamos em condições de correr o risco de amar a outros. Em realidade, verificaremos que não há como refrear o fluxo do amor de Deus que se apossa de nossos corações. Uma estudante deu este testemunho de sua luta com a auto-estima:

Passei a maior parte dos meus primeiros anos tentando conseguir que as pessoas gostassem de mim — provavelmente porque eu não gostava de mim mesma. Queria que as pessoas dependessem de mim para que eu tivesse um senso de importância. Organizações, coros e outros grupos tornaram-se minha razão de viver. Fiz-me professora e técnica; hoje vejo que isto meramente legitimava minha fome de que as pessoas dependessem de mim.

Há questão de três anos percebi que minha auto-imagem baseava-se em outras pessoas. Por essa época fazia quatro anos que eu era cristã. Acho que o Senhor resolveu que essa era a próxima área em que ele iria trabalhar, porque removeu alguns de meus amigos mais chegados (uns casaram, outros se mudaram, etc.) e eu tive de voltar-me para ele completamente.

Mediante ensino e comunhão com outros cristãos, comecei a entender que Deus me ama e aceita como sou. Se eu aceitasse a mim mesma, poderia cooperar com seu processo de conformar-me à imagem de Cristo. Se não, como de costume, eu lutaria contra esse processo.

Uma vez aceita a idéia básica do amor de Deus por mim, descobri que não mais eu tinha a atitude não saudável de depender dos outros para dar valor a mim mesma. Pude estender-lhes a mão porque Deus me ama e deseja que eu partilhe esse amor com eles.

Já não vivo no temor de que os outros

me rejeitem — tenho agora plena liberdade de repartir o amor incondicional de Deus com aqueles que ele traz a mim. Este processo, é claro, ainda não está completo, mas a diferença é tremenda, mesmo agora.

O fato de Deus nos amar profundamente, e sermos pessoas de valor, é uma base sólida para dividir amor com os outros. *Você* tem muito que repartir. Comece agora a ir a Deus com ações de graça e a alçancar as pessoas com amor.

Por sua própria conta

1. Ore tendo por base o Salmo 139:1-18, e anote todo indício de que você é especial para Deus. Agradeça-lhe cada item que você anotou.
2. Leia com todo o cuidado 1 Pedro 1:18-19 e 1 João 3:1-2. Quanto custou o amor de Deus a você, e qual foi o resultado?
3. Telefone, ou escreva um bilhete, a alguém que necessita de estímulo. Fale com essa pessoa acerca das verdades bíblicas que você acaba de estudar.

3

Compaixão pelo Homem como um Todo

Um homem jaz ferido à beira da estrada poeirenta que vai de Jerusalém a Jericó. Passa por ali outro homem, cavalgando um burro. Ao ver o ferido, imediatamente pára, reclina-se, e pergunta num tom de voz de quem está interessado:

— Você tem "Blue Cross"?

Este tipo de cenário repete-se num "cartoon" de Charles Schulz. Snoopy treme de frio numa tempestade de neve enquanto Linus e Charlie Brown se aproximam, agasalhados e aquecidos em seus pesados casacos de inverno.

Charlie Brown: — Parece que Snoopy está com frio, não acha?

Linus: — Eu diria que sim. . . quem sabe seria bom irmos lá e confortá-lo.

Linus para Snoopy: — Anime-se, Snoopy.

Charlie Brown: — É isso mesmo, anime-se.

Os dois se retiram, deixando Snoopy a perguntar o significado do encontro — enquanto continua a tremer de frio.

O apóstolo João acentua o ponto:

Nisto conhecemos o amor, em que Cristo

> deu a sua vida por nós; e devemos dar nossa vida pelos irmãos. Ora, aquele que possuir recursos deste mundo e vir a seu irmão padecer necessidade e fechar-lhe o seu coração, como pode permanecer nele o amor de Deus? (1 João 3:16-17).

Tem-se dito que compaixão é um termo que designa a Jesus no Novo Testamento. O termo empregado com maior freqüência *(splagchna)* é a mais forte palavra da língua grega que descreve a compaixão. Os gregos dos tempos do Novo Testamento acreditavam que as emoções profundas estavam associadas com certos órgãos internos. O termo usado para compaixão denotava os principais órgãos — coração, pulmões, fígado, e até os intestinos — como fontes de tais sentimentos. (Temos uma expressão similar: "Amo-o de todo o coração.")

Escrevendo sobre a vida emocional de Jesus, Benjamin Warfield disse que a compaixão é o motivo dominante de nosso Salvador:

> A emoção que, naturalmente, deveríamos encontrar mais freqüentemente atribuída a Jesus, cuja vida toda foi uma missão de misericórdia, e cujo ministério foi tão marcado por atos de beneficência que seus seguidores o resumiram como andando por toda parte, "fazendo o bem" (Atos 10:38), sem dúvida alguma é a compaixão. Na realidade, esta é a emoção com maior freqüência atribuída a ele. É possível que o termo que expressa (splagchna) tenha sido cunhado pelos judeus da dispersão. . . .Tem-se definido a misericórdia divina como a perfeição

> essencial de Deus "pela qual ele se compadece de suas criaturas e lhes alivia as misérias". Ela inclui. . . duas partes de um movimento interno de compaixão e um movimento externo de beneficência.[1]

Warfield afirma que Deus é a única fonte da verdadeira compaixão. Ela foi exibida em tons ricos e atraentes na vida terrena de Jesus. Tal compaixão não é apenas um sentimento, por profundo que seja. É a bondade em ação, impulsionada por um profundo interesse interno.

Uma leitura do Novo Testamento, ainda que casual, revela que Jesus expressou coerentemente seu amor em atos de compaixão a favor dos necessitados. Demonstrou interesse não só pelo bem-estar espiritual daqueles a quem ele ministrava, mas também pelo seu bem-estar físico. Nas palavras de Dean Turner, "Incomparavelmente e com perfeição, Jesus cuidou de satisfazer às necessidades de todo o ser humano".[2] É importante notar, também, que a participação compassiva de Jesus pelos sofrimentos das pessoas sempre conduziu ao atendimento de suas necessidades espirituais. Foi o que ele fez no caso da mulher apanhada em adultério. Jesus salvou-a fisicamente (João 8:3-10) e também atendeu à necessidade espiritual dela, dizendo-lhe: "Nem eu tampouco te condeno; vai e não peques mais" (v. 11). Com demasiada freqüência os cristãos modernos tentam "ganhar almas" enquanto ignoram as óbvias necessidades físicas das pessoas que procuram evangelizar. Jesus nunca separou as duas coisas.

Repetidas vezes o Novo Testamento mostra-nos que Jesus tinha grande compaixão pelos necessita-

dos. Por exemplo, com respeito às multidões que vinham ouvi-lo: "Vendo ele as multidões, compadeceu-se delas, porque estavam aflitas e exaustas como ovelhas que não têm pastor" (Mateus 9:36). Esta mesma compaixão levou-o a agir em favor da humanidade sofredora. Atendendo ele às necessidades do povo nas montanhas da Galiléia, milhares o seguiam procedentes das cidades e aldeias da região. Ele curou a muitos aleijados, cegos e mudos (Mateus 15:29-31). Contudo, Jesus demonstrou seu cuidado por essas pessoas e afetou a multidão toda de quatro mil pessoas, ao dizer: "Tenho compaixão desta gente, porque há três dias que permanecem comigo e não têm o que comer; e não quero despedi-la em jejum, para que não desfaleçam pelo caminho" (v. 32). E assim alimentou a todos eles mediante uma provisão miraculosa (vv. 33-38).

A compaixão de Jesus alcançava o homem na sua totalidade. Ele tinha interesse pelas pessoas e por seus problemas, tanto físicos como espirituais.

Em três de suas parábolas Jesus ensinou este mesmo tipo de compaixão mediante o uso da palavra *splagchna*, compaixão, e em cada uma Jesus ensinou o interesse pelo homem como um todo.

Na primeira parábola, o rei que perdoou a dívida do seu servo mostrou compaixão (Mateus 18:23-33). Esta parábola foi dada em resposta à pergunta de Pedro sobre quantas vezes se deve perdoar a um irmão — sete vezes, conforme fora ensinado? Primeiro Jesus deu uma resposta direta, declarando que devemos continuar perdoando, e a seguir contou a história de um servo pobre cuja dívida era muito maior do que seus recursos. O rei ameaçou vender a família desse homem para recuperar os

prejuízos. Esta medida teria, inevitavelmente, dividido a família, talvez para sempre. O apelo do servo moveu o coração do rei e ele perdoou toda a dívida.

Esta história retrata o perdão compassivo de Deus. Exemplifica também a responsabilidade do homem por demonstrar o mesmo tipo de compaixão, perdoando ao próximo. Observe que o servo perdoado recusou-se a perdoar quem lhe devia (vv. 28-34). Jesus deixou claro, pois, seu desagrado quando os que recebem o perdão compassivo de Deus não usam da mesma medida para com seus irmãos.

Jesus ainda ensinou compaixão com a parábola do bom samaritano (Lucas 10:29-37). A finalidade desta história é ensinar, de modo gráfico, o que significa amar ao próximo. Ela também responde de modo especial à pergunta: "Quem é o meu próximo?" Os personagens religiosos da história, o sacerdote e o levita, não estavam dispostos a incomodar-se (e talvez não quisessem correr o risco de contaminação cerimonial) detendo-se para ajudar o homem gravemente ferido, quase morto à beira da estrada. Conheciam a Lei como um sistema legalista, mas deixaram de captar o seu espírito que exigia deles compaixão a qualquer custo (veja Mateus 22:37-40). O samaritano, desprezado pelos judeus daquele tempo, foi quem revelou a verdadeira compaixão. Ele se dispôs a pagar o preço de ajudar a alguém necessitado. Ao ver o homem ferido, "compadeceu-se dele". Atrasou a viagem, cuidou das necessidades do homem utilizando-se dos seus suprimentos, e com seu próprio dinheiro custeou a hospedagem e o tratamento do homem. Este tipo de procedimento é

assistência compassiva posta em prática.

A terceira parábola deste grupo é a história do filho pródigo (Lucas 15:11-32). O ponto que nos interessa aqui é a compaixão do pai em dar as boas-vindas ao lar ao filho cabeçudo—um exemplo notável de perdão completo e restauração à comunhão plena. O pai exemplifica a compaixão que Deus revela ao perdoar seus filhos penitentes, e, ao mesmo tempo, seu procedimento sugere o modelo que os crentes devem seguir. O irmão que permaneceu na companhia do pai ilustra a esmagadora centralidade do eu por ocasião da volta do pródigo. Ele estava tão ocupado consigo mesmo e com seus direitos que não foi capaz de ver a beleza da compaixão paterna. Perdeu por completo a parte que tal compaixão desempenha na restauração de uma vida. Esta cegueira descreve muito bem o estado de muitos crentes.

Cada uma das três parábolas citadas acima chega a um ponto decisivo em que uma ação interior do coração de alguém motivou-o a dar de si mesmo para ajudar uma pessoa necessitada. Cada uma dessas três pessoas: o rei perdoador, o generoso samaritano, e o pai amoroso, teve interesse por outrem, muito embora a pessoa necessitada não parecesse merecer tal cuidado, ou talvez não fosse um desejável objeto de cuidado. Este é o conceito que Jesus tinha de compaixão. Era este o seu conceito de assistência.

Alguém disse: "Jesus não nos deu permissão para sermos seletivos em nossa compaixão." Nossa tendência natural, porém, é escolher aqueles a quem estenderemos ajuda. Talvez fosse este o problema do sacerdote e do levita. Sabemos que muitas vezes este é o *nosso* problema. Jesus

misturou-se com todos os homens, com os ricos e com os pobres, com os socialmente aceitáveis e com os desprezados e indesejáveis. Esta disposição de entrar na vida dos outros tem um elevado custo.

Deus deseja desalojar-nos de nossa existência confortável, complacente, a fim de misturar-nos com nossos irmãos necessitados; ele quer colocar-nos em contato com aqueles que de outra sorte procuraríamos evitar. Esta é, evidentemente, a marca da compaixão de Jesus e o tipo de alcance amoroso para o qual ele nos chama em nosso mundo moderno. Muitas vezes achamos difícil responder ao seu apelo. Talvez louvemos tal compaixão, mas é um louvor da boca para fora; a execução muitas vezes é dificílima, e nos inclinamos a recuar.

Os pastores não constituem exceção nesta luta, e entre eles me incluo. Lembro-me do dia, já faz alguns anos, em que recebi um telefonema pedindo que fosse visitar um índio preso na cadeia municipal. Fora preso como cúmplice num assalto a mão armada. Desde o começo me vi reagindo contra esta visita. Era muito fácil apresentar escusas — e em todas elas havia certa dose de verdade. Não obstante, a despeito de toda a minha racionalização, eu sabia que tinha de ir visitar o João.

Desde o princípio de meu primeiro encontro com ele eu sabia que a mão de Deus estava dirigindo. João parecia honesto e franco. Admitiu seus erros e a necessidade de pagar a dívida para com a sociedade. Os membros de nossa igreja conseguiram arranjar-lhe um terno para ele usar durante o julgamento. Nesse meio tempo, João aceitou a Cristo, e eu lhe dei uma Bíblia e mais alguns livros. Foi condenado e sentenciado a três anos, na

instituição correcional do estado. Por meio de suas cartas e do capelão do presídio, soubemos que João estava lendo a Bíblia, orando, e dando testemunho a outros presos.

Valeu a pena, pois, um pouco de compaixão. Muito embora oferecida com relutância, Deus a usou para transformar uma vida. Foi muito gratificante receber um bonito cartão de Natal de João, que ele mesmo desenhou. E foi até mais recompensador, mais tarde, receber um bilhete contando de seu próximo livramento, e dos planos que tinha de retornar à sua terra natal, para testemunhar aos seus parentes.

No trabalho assistencial compassivo, devemos dar muito e esperar pouco. Um cartaz que vi num centro de reabilitação de alcoólatras expressa-o bem:

> Desejo... amá-lo sem exercer controle; apreciá-lo sem fazer julgamento; unir-me a você sem invadir; convidá-lo sem fazer exigências; deixá-lo, sem culpa; criticá-lo sem queixar-me, e ajudá-lo sem ofender.
>
> Se eu puder contar com a mesma atitude de sua parte, então verdadeiramente podemos encontrar-nos e enriquecer um ao outro.

Este alvo é idealista, mas contém os princípios fundamentais de uma boa atitude assistencial. Significa amar uma pessoa ainda que discordemos de algumas de suas práticas. Envolve guiá-la com gentileza e com respeito por sua personalidade. É dar sem exigir nada em recompensa. É amar como Jesus amou.

Quando expressamos tal compaixão descompro-

missada, sem segundas intenções, as pessoas necessitadas são mais propensas a permitir que as tomemos pela mão e as ajudemos. Isto se aplica à ajuda que damos ao irmão ou irmã em necessidade, que se assenta ao nosso lado na igreja. E aplica-se ao modo de tratarmos o vizinho necessitado que ainda não conhece nosso Jesus.

A verdadeira compaixão expressa a vida de nosso Senhor Jesus Cristo. Ela está sempre pronta para dar, e sempre disposta a sacrificar-se. Num artigo intitulado "A Prodigalidade de Jesus", G. H. Morrison descreveu esta generosidade cristã:

> O amor nunca pergunta quão pouco posso fazer. . . o amor sempre pergunta quanto. O amor não percorre apenas a milha indicada; ele percorre o máximo. O amor nunca regateia, nunca faz o jogo da compensação.

Sim, a compaixão é generosa, pois é a vida de Jesus Cristo a fluir livremente através de nós para atingir a outros.

Por sua própria conta

1. Estude com todo o cuidado a história do bom samaritano, registrada em Lucas 10:30-37. Qual a pessoa nessa história que melhor representa você? O quê, nas ações do samaritano, você gostaria de imitar?
2. Conhece você alguém que esteja em necessidade mas a quem é difícil mostrar atenção, ou que talvez se encontre numa situação que lhe pareça inconveniente demais para envolver-se? Em espírito de oração, decida o que você pode fazer para mostrar amor a essa pessoa. E faça-o!

4

O Distintivo do Discipulado

Nos últimos e ternos momentos com seus seguidores antes de ser preso, Jesus transmitiu alguns dos mais significativos ensinos do Novo Testamento. Ele e os discípulos acabavam de celebrar a festa da Páscoa em um cenáculo de Jerusalém. Eles também haviam participado da Ceia do Senhor, o pão e o fruto da vide, que simbolizavam seu sofrimento e morte por nós. Judas havia deixado o pequeno grupo para trair a seu Senhor, e Jesus havia voltado as atenções para os onze que permaneceram. O que ele lhes disse, e que está registrado em João 13:31—17:26, devia ser as diretrizes para suas vidas e ministérios nos anos vindouros.

O primeiro dentre esses significativos ensinos foi um novo e comovido apelo a que amassem uns aos outros.

> Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros. Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns aos outros (João 13:34-35).

O significado pleno deste mandamento desafiaria suas mentes e se apossaria de seus corações após a ressurreição. Todo o tempo ele estivera a ensinar-lhes que o segredo é o amor. A grande lição de

amor (Mateus 22:35-40) ficou, sem dúvida, gravada em suas mentes. O amor a Deus tinha de vir em primeiro lugar; então se seguiria o amor ao próximo. Contudo, aqui Jesus exigia amor naquele círculo íntimo — entre os que professavam seu nome.

O que ele lhes dizia era tão importante para nosso Salvador que ele o denominou de "novo mandamento". Ele não lhes estava oferecendo apenas uma opção dentre as formas de torná-lo conhecido. Este mandamento era, de fato, o segredo. O amor em primeiro lugar. Jesus deixou muito claro sobre que tipo de amor falava: "assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros." Este amor é também um testemunho para os de fora. Ele identifica claramente os cristãos com seu Senhor Jesus Cristo. Francis Schaeffer comentou sobre quão significativo é este testemunho do amor:

> O amor — e a unidade que ele atesta — é o característico que Cristo deu aos cristãos para usar perante o mundo. Somente com este característico o mundo sabe que os cristãos são, deveras, cristãos e que Jesus foi enviado pelo Pai.[1]

Jesus nunca escreveu um livro, mas a natureza de seu amor ficou gravada indelevelmente na mente de seus seguidores. Jamais se esqueceriam dos três anos de experiência vividos com o Mestre. Ele era o Modelo. Sua própria vida definia claramente para eles o que era o amor. Não apenas tinham visto o amor corporificado, mas também o experimentaram no contato constante com o Salvador. Observaram-no quando ele se movia com compaixão entre os sofredores, e pessoalmente foram aben-

çoados quando também receberam seu terno cuidado.

Que experiências significativas devem ter-lhes inundado a mente toda vez que consideravam a ordem "assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros"! Que gloriosas lembranças tinham do exemplo de cuidado do Mestre! E, por certo, todo verdadeiro crente deveria recontar muitas vezes essas experiências do amor do Salvador, especialmente em tempos de dificuldade. Quão paciente e cuidadoso ele tem sido para conosco, não somente uma vez, mas repetidas vezes!

Pedro, por exemplo, deve ter ficado profundamente comovido ao refletir sobre as muitas vezes que seu Salvador lhe dispensara consideração especial e amorosa. Jamais se esqueceria de que o Mestre tomara tempo para visitar seu lar em Cafarnaum, e de como ele e a família foram movidos pela compaixão que Jesus demonstrou na cura da sua sogra (Lucas 4:38-39). Poderia Pedro vir a esquecer-se de que o Salvador realmente se interessava por seus problemas, por sua família e por sua casa? E também se lembraria, com toda a certeza, de que o Mestre lhe prometera estar com ele em seus momentos de fraqueza na linha de batalha espiritual. As palavras estavam vividamente gravadas em sua memória:

> Simão, Simão, eis que Satanás vos reclamou para vos peneirar como trigo. Eu, porém, roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; tu, pois, quando te converteres, fortalece os teus irmãos (Lucas 22:31-32).

Todo crente pode, da mesma maneira, ter a garantia de que o Salvador está com ele, concedeu-

do-lhe seu pleno e atencioso apoio mediante a intercessão quando a batalha espiritual está no auge (veja Hebreus 7:25).

Depois, é claro, Pedro sempre se lembraria de como havia falhado com o Senhor. Havia prometido ser fiel até ao fim, até mesmo morrer por ele. Mas descobriu o vazio de suas próprias promessas e a vergonha de seu fracasso quando, por três vezes, negou o Mestre. Então, após um olhar penetrante do Salvador, Pedro foi esmagado pelo fracasso de tal maneira que, "saindo dali, chorou amargamente" (Lucas 22:62). Se a sua história terminasse aqui, Pedro nunca teria sido um cristão vitorioso, e jamais teria pregado o evangelho. Mas ele conheceu o amor perdoador do Salvador. Pedro sempre guardaria no coração a primeira mensagem de ressurreição que o anjo deu a Maria Madalena, e às outras mulheres, junto ao túmulo vazio: "Mas ide, dizei a seus discípulos, *e a Pedro*..." (Marcos 16:7). Pedro foi perdoado, e ainda contado entre os seguidores escolhidos do Salvador ressurreto. Bem podemos identificar-nos com Pedro. Cada um de nós, na honestidade do nosso coração, podemos lembrar-nos da culpa e da vergonha do completo fracasso. E, espero, cada um de nós também possamos dar testemunho do perdão compassivo do Senhor.

Talvez o maior ato de maior humildade e compaixão de Jesus antes do Calvário tenha sido lavar os pés dos discípulos no cenáculo (João 13:3-15). Este evento ocorreu pouco antes da ordem de amar uns aos outros. É-nos difícil compreender o Senhor do céu assumindo o papel de servo, mas ele fez o que era costume nos lares orientais os servos fazerem — lavar os pés empoeirados dos hóspedes.

Supõe-se que outros do grupo deveriam ter-se oferecido para executar este serviço. Mas o amor de Deus se mostrou neste ato de humildade. João inicia o capítulo, dizendo: "Ora, antes da festa da páscoa, sabendo Jesus que era chegada a sua hora de passar deste mundo para o Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim" (v. 1). Poderíamos traduzir assim a última sentença: "Ele amou-os ao máximo." Deu-se completamente a eles. Ele poderia ter exigido seus direitos e convocado um deles para executar este humilhante serviço, mas preferiu servi-los. E, fato notável, resolveu incluir Judas que já se rendera ao diabo (v. 2).

Repito, Pedro poderia lembrar-se especialmente desta experiência. Em seu orgulho ele quase perdeu a bênção. A princípio ele não queria deixar que Jesus lhe lavasse os pés. Mas Jesus explicou com paciência, e Pedro submeteu-se.

Pedro e os demais viram Jesus definir o amor de formas inconfundíveis em seus tratos com eles. Resumamos os elementos importantes deste amor:

- Jesus se interessava por suas famílias, seus lares, sua saúde.
- Jesus se dispunha a tomar tempo com as pessoas necessitadas, muito embora ele estivesse engajado num ministério ativo.
- Jesus proveu apoio fiel na batalha espiritual mediante a oração intercessora.
- Jesus ofereceu perdão completo, mesmo quando parecia imerecido.
- Jesus serviu humildemente os seus seguidores, exemplificado no lavar-lhes os pés.
- Jesus, em última instância, deu-se a si mesmo em sua morte na cruz do Calvário.

Em todos esses atos de compaixão, Jesus forneceu o modelo de um tipo prático de amor. O amor de Jesus atendeu às necessidades prementes dos discípulos. Naturalmente, o Calvário reuniu tudo isso. A cruz, por fim, liquidou com os pecados deles e lhes abriu o caminho para experimentarem todas as bênçãos de Deus. Exemplo algum pode comparar-se com o amor de nosso Salvador na cruz. Se, porém, os discípulos deviam amar uns aos outros assim como ele os amou, as experiências ao longo do caminho teriam de ser gravadas em suas mentes como exemplos a imitar.

Dá-se o mesmo conosco. Se vamos amar nossos irmãos como Jesus ordenou, devemos aprender a expressar um amor prático pela pessoa como um todo. Deve ser o tipo de amor que nosso Mestre nos demonstrou.

Se o amor *é* o distintivo de nosso discipulado, como vamos usá-lo? Como exibimos esta importante identificação?

Primeiro, devemos perguntar se *é* suficiente ser amável com as pessoas. Esse *é*, por certo, um bom começo. Em Gálatas 5:22 Paulo escreve que o amor *é* fruto do Espírito. E, ao considerarmos a ilustração da árvore frutífera sugerida por esta passagem, devemos reconhecer que o fruto aí está para que todos o vejam e apreciem. Contudo, note-se que o fruto é exibido, quer os que o observam apreciem-no, quer não; sua autenticidade reside em sua constância. O líder suíço Willard Becker definiu-o para nós: "O falso amor está preso ao seu eco... [isto *é*] atado ao contra-amor... [e] depende das disposições de ânimo e dos sentimentos....O amor verdadeiro sempre tem em si algo da natureza do amor divino. É abnegado e constante."[2]

O cristão deve amar a seu irmão, quer seu amor seja retribuído, quer não. Ele deve ser o primeiro a iniciar expressões de amor, quer o clima seja favorável, quer não, ao invés de simplesmente responder aos que o amam. Ele ama porque o amor de Cristo jorra de seu coração, compelindo-o a expressá-lo. É isto que significa usar o distintivo do discipulado.

Quando jovem, descobri, por verdadeiro acidente, como era vantajoso usar este distintivo do amor. Foi num dia de inverno em Detroit. Eu tentava ajudar um amigo que estava com o carro enguiçado na entrada da casa de alguém e esperava a chegada do guincho. Tentamos empurrar o carro, mas ele não saiu do lugar. Entrementes, a senhora que tinha a entrada da casa bloqueada pelo carro do meu amigo exigiu enraivecida que tirássemos o carro imediatamente, ou ela chamaria a polícia. Explicamos que não podíamos fazer nada enquanto o guincho não chegasse, mas isto não a satisfez. Ela insistia em que o marido chegaria logo e devíamos remover o carro antes da sua chegada.

Poucos momentos depois a mulher apareceu de novo, desta vez com uma pá, e começou a retirar a neve da entrada. Entre uma pazada e outra, ela vociferava seu desprazer, exigindo a todo instante que fizéssemos o impossível: remover o carro. A esta altura notei que ela usava apenas um vestido caseiro, sem um casaquinho, e tremia de frio. Por algum motivo senti-me compelido a ajudá-la. Ela recusou minha ajuda, mas com jeito tomei-lhe a pá e me pus a trabalhar, dizendo-lhe que ela poderia apanhar um resfriado por não estar usando casaco, e além do mais não tínhamos nada que fazer senão esperar pelo guincho. Diante disto, a senhora um

tanto timidamente entrou na casa, aparecendo momentos depois com um ar agradável. Agradeceu-me a ajuda que lhe prestei limpando a entrada da casa, e disse:

— Os senhores não precisam preocupar-se em retirar o carro imediatamente. Meu marido vai demorar pelo menos duas horas.

O distintivo do amor havia funcionado!

Os seguidores do Mestre não só praticaram este tipo atencioso de amor mas também insistiram com outros a fazerem o mesmo. Pedro, por exemplo, deu mostras de haver aprendido bem a lição. Eis o que ele escreveu: "Acima de tudo, porém, tende amor intenso uns para com os outros, porque o amor cobre multidão de pecados" (1 Pedro 4:8). Nosso amor uns aos outros deve ser fervoroso e intenso. Pedro sabia exatamente o que isto queria dizer. Jesus lhe havia demonstrado este tipo de amor. Nosso amor passa por alto os pecados do irmão. O escritor de Provérbios diz: "O amor cobre todas as transgressões" (10:12). Assim, o cristão é habilitado pelo amor de Deus a não levar em conta as faltas de outrem, e até a aturar suas loucuras e suportar suas indelicadezas.

João também captou essa visão e passou adiante a ordem em seu capítulo sobre o amor: "Amados, se Deus de tal maneira nos amou, devemos nós também amar uns aos outros" (1 João 4:11). Paulo, que se juntou às fileiras apostólicas mais tarde, definiu belamente a prática do amor no supremo capítulo sobre o assunto, 1 Coríntios 13. Para Paulo, o distintivo que usamos não passará de bronze se não for controlado pelo amor divino em nossas vidas. Este tipo de amor nunca falha, e é a maior de todas as virtudes.

Prestar assistência, segundo o Novo Testamento, não é fácil. Exige que nos demos totalmente a Deus, e então a nossos irmãos. John Powell expõe este tipo de dedicação ao apresentar "o significado do amor":

> De tudo quanto se possa e deva dizer do amor, é de todo evidente que o verdadeiro amor demanda esquecimento do eu. . . este é o teste: Podemos realmente esquecer-nos de nós mesmos?[3]

Powell prossegue dizendo que há muitos produtos falsificados. Podemos até enganar-nos a nós mesmos, pensando que estamos exibindo amor quando, na realidade, estamos atendendo às nossas próprias necessidades; isto é, estamos recebendo alguma gratificação pessoal por expressar amor, pelo assim dizer, a outrem. Mas "aprova decisiva", diz Powell, "é sempre a questão probante do esquecimento do eu".[4]

O apóstolo João revela a resposta a esta difícil qualificação quando cita o Salvador: "Em verdade, em verdade vos digo: Se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas se morrer, produz muito fruto" (João 12:24). Nesta passagem, Jesus apresenta os requisitos do discipulado. Diz ele que devemos destruir todas as características feias, centradas no eu, de nossas vidas, levando-as à morte. A vida do eu, ou da "carne", não pode, em nenhum sentido, expressar o amor de Cristo. Devemos dar a Deus a liberdade de eliminar nossa natureza pecaminosa de sorte que o amor de Jesus se expresse por nosso intermédio.

A abnegação torna-se realidade quando nossas vidas estão sob o controle total do Salvador. Então

ele pode amar a outros por nosso intermédio, de modo que o que é impossível à força humana torna-se possível mediante o poder de sua vida em nós. Este é o único meio pelo qual nós, fracos seres humanos, podemos amar aos nossos irmãos — o único meio pelo qual amar a uma pessoa difícil, ou aquela para a qual não somos naturalmente atraídos. Não é o nosso amor que se expressa aos outros, mas, como agentes de Cristo, é o seu amor em nós e por nosso intermédio. Só assim temos condições de amar aos outros como ele nos amou.

Por sua própria conta

1. Quais as características de cuidado humilde ou próprias de servo que Jesus exibiu em João 13:1-15?
2. Ore a respeito deste exemplo e decida como demonstraria você este mesmo tipo de cuidado a alguém que você sabe estar em necessidade. E ponha-o em prática!

SEGUNDA PARTE

TRANSFORMANDO O CORPO LOCAL

5

Descobrindo e Curando as Feridas

Quanto sofrimento ocorre em nossas igrejas sem que seja percebido? Quantos clamam por ajuda e não são ouvidos? Quão alto é preciso gritar? Um desenho animado de "Winnie the Pooh" talvez revele quão insensíveis somos muitas vezes. O Urso Pooh caminha à beira de um rio enquanto Eeyore (o burro estofado) flutua de costas, corrente abaixo:

Pooh: — Você caiu no rio, Eeyore?
Eeyore: — Que tolo fui eu, não é mesmo?
Pooh: — E o rio, está desconfortável hoje de manhã?
Eeyore: — Sim, está; é essa umidade, você sabe.
Pooh: — Você precisa ser mais cuidadoso!
Eeyore: — Obrigado pelo conselho.
Pooh: — Acho que você está afundando.
Eeyore: — Pooh, se não for muito incômodo, você poderia salvar-me?
Eeyore (enquanto está sendo puxado para fora): — Lamento estar sendo tão importuno.
Pooh: — Não seja tolo, Eeyore. Você devia ter falado mais cedo.

Será que esta cena não descreve algumas de nossas igrejas? Será que estamos vendo os irmãos em necessidade e deixando de fazer algo a respeito? Se minha igreja se aproxima da média, parece que este é um problema generalizado.

Com que freqüência nos pomos a conversar sobre — ou com — uma pessoa que sofre, mas tomamos precaução para não envolver-nos! Podemos até perguntar-lhe como vai indo e expressar-lhe, mediante palavras, nosso interesse. Talvez até cheguemos ao extremo de oferecer-lhe ajuda. "Dê-me um telefonema", diremos. Sabemos, naturalmente, que tal telefonema nunca será dado, muito embora nossas palavras tenham sido sinceras. As pessoas relutam em pedir ajuda — inclusive as que sofrem. Não obstante, emitem sinais indicativos de que se acham em necessidade. É surpreendente, como no caso de Pooh, que, não damos atenção a esses sinais até que elas se desesperem. Então diríamos: "Por que não disse alguma coisa mais cedo?"

Imagine uma dona-de-casa que aparece na igreja domingo de manhã com o braço engessado. Diversas pessoas perguntam: "Quebrou o braço?" Ela confirma. Algumas talvez até comentem: "Deve ser-lhe difícil fazer o trabalho de casa com esse gesso no braço." De novo ela acena afirmativamente com a cabeça. Suponhamos, porém, que ela seja uma mulher corajosa, e pergunte a uma de suas pretensas simpatizantes: "Você poderia ir à minha casa segunda-feira e ajudar-me a lavar roupa e passar?" Sabemos, é claro, não ser provável que ela faça pedido tão ousado, porque na sua maioria as pessoas relutam até mesmo em mencionar suas necessidades, e muito menos pedir ajuda. Mas se

esta mulher pedisse, receberia a ajuda de que precisa?

Por estranho que pareça, num grupo que se supõe seja amorável, atencioso, poucos há capazes de mencionar (mesmo para oração) que estão sofrendo. O escritor Orien Johnson, intrigado com este problema, indaga por que as pessoas não se abrem em nossas igrejas. Ele sugeriu cinco motivos pelos quais as pessoas tendem a guardar seus problemas para si mesmas:

1. Os cultos da igreja em geral não se destinam a isto.
2. Achamos que admitir que temos problemas é sinal de fraqueza.
3. Também achamos que o fato de termos problemas se reflete sobre nossa fé.
4. Nossos relacionamentos na igreja não têm muita profundidade.
5. Finalmente, achamos que de nada adiantaria contar a alguém os nossos problemas.[1]

Que conclusões podemos tirar de tais observações? Primeiro, devemos admitir que são verdadeiras. Os motivos que Johnson apresenta são válidos para muitas de nossas igrejas. Segundo, em sua maioria as igrejas não são as comunidades curativas que deviam ser.

Às vezes os sinais emitidos pelas pessoas, conquanto não verbais, são tão óbvios como um braço engessado. Outras vezes, porém, eles são muito sutis. Em qualquer dos casos, a pessoa talvez esteja tentando dizer: "Estou sofrendo; alguém se dispõe a ajudar?" Talvez se retraia em silêncio, ou se torne loquaz e hiperativa. Uma pode tornar-se verdadeiramente passiva; outra, discutidora e zangada.

Sejam quais forem os sinais, a comunidade amorosa deve ser o lugar em que as pessoas são reconhecidas e encontrem resposta. Na verdade, deve haver liberdade para que demos expressão franca, verbal, às nossas mágoas a, pelo menos, uma outra pessoa na comunidade de crentes.

A igreja local é o corpo de Cristo. As características desse corpo deveriam ser visíveis nessa comunidade.

Ray Stedman, pastor da Peninsula Bible Church, de Palo Alto, estado da Califórnia, é conhecido por seu trabalho pioneiro no conceito de vida do corpo da igreja local. Ele habilmente descreve a maravilha de um corpo vivo:

> Um corpo é formado por uma célula original que se divide até se tornar um corpo maduro no qual cada célula faz parte da vida original. Este é o segredo do corpo: todas as suas partes compartilham da mesma vida.[2]

Stedman diz mais que "é o compartilhar da vida que diferencia um corpo de uma organização".[3] Sabemos, por via do Novo Testamento, que a igreja não é apenas uma organização — ela é um corpo! E uma vez que é um corpo, todos os membros participam mutuamente de sua vida. Como declara Stedman tão bem: "A igreja é principal e fundamentalmente um corpo destinado a expressar através de cada membro, individualmente, a vida de um Senhor que nele habita; e este corpo foi equipado pelo Espírito Santo com dons que expressem esta vida.[4]

1 Coríntios 12 retrata com clareza este quadro. Aqui aprendemos que um aspecto predominante

do organismo é sua unidade. Embora os membros sejam muitos, todos funcionam em harmonia, porque são realmente um só. O próprio Jesus Cristo é a cabeça (veja Colossenses 1:18). Portanto, os membros do corpo devem realizar rapidamente e de boa vontade cada ordem sua. Se cada membro fizesse o que bem entendesse, o corpo seria espasmódico. Cada movimento exigiria grande esforço e resultaria apenas em energia mal empregada e em fracasso. Os membros do corpo relutariam, pois, em servir uns aos outros. Se, porém, nosso Salvador estiver no comando, haverá participação no sofrimento, participação na honra, e participação na alegria.

Uma igreja local que experimenta tal vida do corpo é linda. Com efeito, onde até uns poucos membros começam a entender essa assistência mútua, nota-se um efeito acentuado sobre toda a assembléia de crentes.

A verdadeira comunhão cristã é mais do que reuniões em torno de uma mesa de café e biscoitos. A palavra empregada pelo Novo Testamento é *koinonia* que significa repartir algo. Este laço comum e ponto focal que nos atrai a todos é nosso Senhor Jesus Cristo. Quando nos tornamos participantes de seu amor, somos atraídos a outros, objetos do mesmo amor. Isto acontece porque o Espírito Santo ama por nosso intermédio. Como seres humanos, somos criados para reagir ao amor; ao nascermos do Espírito, esta participação se torna uma possibilidade.

Esta é a resposta às necessidades da vida, resposta que o mundo está procurando. A igreja *tem* a resposta. Contudo, declará-la apenas é inútil; devemos *demonstrá-la* dentro de nossas próprias fileiras. Como disse Francis Schaeffer:

> De nada adianta dizer que temos comunhão ou amor uns aos outros se esse amor não descer à dura realidade da vida. É preciso descer, do contrário estamos produzindo feiúra em nome da verdade. Estou convencido de que no século vinte as pessoas ao redor do mundo não darão ouvidos ainda que tenhamos a doutrina certa, a forma certa de governo, mas não estivermos exibindo comunhão.[5]

Como cristãos, temos um relacionamento significativo, transformador de vidas, com um Deus que ama. Mas devemos permitir, em nossas comunhões, que Deus tenha liberdade de ensinar-nos como ter relacionamentos significativos uns com os outros. Esta é a comunhão de que fala Schaeffer — um relacionamento prático de amor. A comunhão se expressa não apenas nas conversas uns com os outros, mas também na ajuda uns aos outros. Quando isto acontece numa assembléia local, a igreja cresce. É saudável. Elton Trueblood declara que tal comunhão estimula o serviço cristão:

> A renovação da igreja progredirá quando for vista como uma comunhão de pessoas conscientemente insuficientes que se congregam por serem fracas, e se espalham para servir porque a unidade de uns com os outros e com Cristo as tornou ousadas.[6]

A diferença que Cristo faz deve começar a demonstrar-se nas fileiras de crentes. Então ela não deixará de manifestar sua influência no mundo.

São muitas as vezes que vamos à igreja no domingo de manhã e nos esforçamos ao máximo

para concentrar-nos na adoração do Senhor mas permanecemos totalmente alheios às necessidades que nos cercam.

Joyce Landorf fala de ter passado por esta experiência certo domingo de manhã sentada na galeria do coro. Passaram-lhe um bilhete que dizia: "Vê o casal que está na quinta fileira do auditório, nas cadeiras do corredor? Ele usa um terno azul-marinho e ela um vestido alfazema. O casamento deles rodou. Ore por eles; eles precisam de um milagre!" Joyce notou que o casal ouvia atentamente o sermão, mas sem nenhuma expressão — nem mesmo um aceno de cabeça ou um sorriso. Quanto tempo vinham eles sofrendo em profunda necessidade e mágoa? A Sra. Landorf orou por eles, e ficou a imaginar se as pessoas sentadas atrás e à direita do casal também precisavam de um milagre. A seguir, ela orou pedindo o que este ou aquele necessitasse.[7] Eis um bom ponto de partida para expressar amor — a oração.

De algum modo, o corpo de crentes deve envolver-se na vida uns dos outros! Podemos começar com o cristão médio que se assenta nos bancos da igreja — devemos ajudá-lo a tornar-se uma pessoa que se interessa pelos outros. Ele deve conscientizar-se das necessidades, estar alerta aos sinais, e aprender alguns métodos de oferecer ajuda. Isto é algo que se pode fazer ao nível da amizade. Paul Welter, professor de aconselhamento do Kearney State College, no estado de Nebraska, acentua a necessidade de um amigo ajudar a outro:

> Existe hoje a necessidade de preparar mais pessoas de modo que ajudem seus amigos. Precisamos de pessoas competentes "no

> local do acidente". Levando a analogia médica um pouco além, os ajudadores podem prestar primeiros socorros psicológicos, mas fariam mais do que isto–estabeleceriam diferenças positivas de longo alcance na vida das pessoas que ajudam. Uma pessoa que estende a mão de ajuda a alguém que está... perto já satisfez o primeiro pré-requisito da assistência bem sucedida — um relacionamento amistoso.[8]

É este relacionamento amistoso, que já existia em certo grau, que desejamos capitalizar no seio da família eclesiástica. A porta já está aberta, ou pelo menos há uma pequena abertura, para entrarmos na vida de um irmão e dizer: "Eu me interesso por você." Com isto em mente, começamos a treinar pessoas para cuidar de seus pares. Nossa gente começou a participar dessas classes de treinamento com grande antecipação, e à medida que aprendiam e punham em prática o que haviam aprendido, crescia-lhes o entusiasmo. Os membros deste grupo diziam que se ofereceram porque desejavam aprender a ajudar as pessoas que sofriam, mas se sentiam insuficientes. Um líder da igreja comentou: "Preciso aprender como sair de mim mesmo e verdadeiramente envolver-me com os outros e interessar-me por eles." Uma jovem esposa observou: "Espero, especialmente, melhorar minha habilidade de aconselhar e conversar com as esposas de alcoólatras. Acho, também, que a classe me ajudaria a lidar com o nosso filho adotivo de um modo mais eficaz." Um empresário disse: "Para mim é fácil cuidar dos outros. O Senhor lidou comigo nesta área, mas ainda tenho muito que aprender."

Sabíamos que para atingir alvos como estes, este grupo não poderia ser uma classe de Escola Dominical típica — tinha de ser uma unidade de treinamento ativa. No princípio conservamos o grupo pequeno; mais tarde, aumentamos um pouquinho mais as classes. O currículo incluía um estudo cuidadoso dos princípios assistenciais do Novo Testamento. Cada membro do grupo escolheu uma pessoa necessitada na igreja a quem auxiliar durante o período de treinamento de treze semanas.

Foi estimulante ver os resultados que Deus nos deu nesta primeira e magra tentativa de crescermos como uma igreja que ama. Cada membro da classe deu seu testemunho de haver crescido na compreensão tanto do conceito como das habilidades de cuidar dos que se encontram em necessidade, e quase todos disseram que desejavam continuar o ministério que haviam começado.

Foi igualmente gratificante ver os resultados na vida dos que receberam esse cuidado. Um membro da classe escolheu cuidar de uma mulher idosa cujo marido era alcoólatra. Este homem professava ser cristão, mas era muito bruto com a esposa. O membro da classe, uma mulher que também havia passado por circunstâncias semelhantes, mas havia experimentado maior grau de vitória, gastou grande parte do tempo estimulando a mulher mais idosa, por telefone e pessoalmente. A esposa do alcoólatra se tornara muito amarga para com o marido, mas procurava amor e segurança. A mulher em treinamento também forneceu transporte até ao consultório do médico, uma viagem de ida e volta de quase oitenta quilômetros. Quando o marido alcoólatra foi hospitalizado por causa do vício, sua esposa, a princípio, disse que não o receberia de volta em

casa. Contudo, como resultado do estímulo que estava recebendo, ela abrandou. Recebeu-o com bondade e se ofereceu para trabalhar com ele numa tentativa de salvar o casamento.

À medida que essas classes de treinamento assistencial ativo vêm-se repetindo nos últimos anos, muitos têm observado que nossa igreja está crescendo como uma comunhão que ama, que cura. Vimos atingindo nossos alvos. Temos tomado isto, porém, não como sinal para desistirmos, mas como estímulo para prosseguirmos no que estamos fazendo.

Por sua própria conta

1. Leia com todo o cuidado 1 Coríntios 12 e Colossenses 1:18. Se a igreja é um corpo que tem Cristo como cabeça, que é que deveria caracterizar a vida do corpo ou a comunhão da igreja?
2. Na igreja, no próximo domingo, antes do início do culto, ore pelas pessoas que estão ao seu redor, que parecem solitárias ou sobrecarregadas. Depois procure conversar com pelo menos uma dessas pessoas após o culto. Ouça com interesse o que ela disser, e, se você sentir-se com liberdade de fazê-lo, diga-lhe algumas palavras de estímulo.

6

Tornando-se uma Família

Quase todos nós gostamos da idéia de receber atenções. Desejamos que os outros revelem interesse por nós. Mas quantos de nós, espontaneamente, nos esforçamos para dar atenção aos outros? É nesse ponto que muitas de nossas igrejas são notavelmente fracas. Mas não são as igrejas que são amistosas ou inamistosas — são os indivíduos. Por este motivo muitas igrejas têm pessoas encarregadas de dar as boas-vindas aos que transpõem as portas do templo cada domingo. Este é um bom começo; as pessoas reagem a um rosto amável, a um afetuoso aperto de mão, ou a uma palavra bondosa. Desejam saber que alguém está contente por vê-las.

As boas-vindas da entrada, porém, não passam do começo, porque o que realmente as pessoas que vêm à igreja desejam é amizade e aceitação autênticas. É possível cumprimentar alguém na porta da entrada mas não deixar que ele entre — na igreja, no lar, na vida. Uma breve saudação toma alguns minutos apenas; permitir que esse alguém entre significa participar da sua vida. É neste ponto que muitos traçam a linha divisória. Não estão dispostos a sacrificar o tempo — pois de fato a verdadeira amizade toma tempo. Não estão dispostos a fazer esforço — e é preciso esforço para ouvir e partilhar.

Não estão dispostos a correr o risco — e há risco em expor-se à intimidade de amizade contínua.

Um jovem solteiro que há pouco tempo filiou-se à nossa igreja disse-nos que desde sua primeira visita ficou impressionado com a amabilidade de nossa gente. Dando seu testemunho, ele mencionou haver sido viciado em drogas, mas que recentemente havia aberto o coração ao Senhor. Mudou-se para nossa comunidade a fim de começar um novo trabalho no campo da engenharia. Embora tendo sucesso profissional, sentia-se muito solitário e queria uma igreja onde pudesse nutrir-se espiritualmente e encontrar comunhão cristã estimulante. Desde o primeiro domingo ele foi convidado para os lares de nossos membros. Também verificou haver outros que tinham vindo a Cristo procedentes de um passado semelhante, e assim ele sentiu afinidade imediata com pessoas que entendiam suas necessidades. Começou a estudar a Bíblia e encontrou um parceiro de oração. Logo depois disso enfrentou alguns problemas no emprego; o chefe exercia forte pressão sobre ele, o que o deixava muito perturbado. Imediatamente ele verificou, porém, que tinha uma equipe de apoio, formada de homens que o ajudavam a levar sua carga e o apoiavam em oração. Três ou quatro semanas mais tarde ele relatou como Deus resolveu o problema. Ele se regozijava na vitória, e disse que esta era uma das mais significativas experiências que havia tido como cristão. É este tipo de amizade que faz de uma igreja uma comunhão que ama.

A comunidade local de crentes deveria caracterizar-se por um espírito de família — um vínculo de amor que só o entendem os que o experimentam. Um homem de meia-idade que aceitou a Cristo

durante uma enfermidade grave de sua esposa viu-se rodeado por este espírito. O belo testemunho da esposa havia sido o fator-chave de sua conversão; foi, talvez, providencial que um pastor se encontrasse presente no quarto de hospital quando ele entregou a vida ao Senhor pouco antes de sua esposa ser levada para a sala de cirurgia. Durante os meses da recuperação ele sentiu o peso do interesse amorável da família eclesiástica. Os visitantes traziam comida, arrumavam a casa, e às vezes paravam apenas para incentivá-los. Ao morrer-lhe a esposa, em virtude de um forte ataque cardíaco, de novo ele sentiu a reação carinhosa e generosa do povo de Deus. Numa refeição familiar improvisada após o culto memorial, ele comentou com o pastor sobre o bom comparecimento ao culto e sobre a intimidade de seus laços de família. E acrescentou: "A igreja é assim, só que um pouco mais. É como uma grande família."

Uma das características da vida de família que tanto atraíram este homem foi o cuidado amoroso que os cristãos demonstravam uns pelos outros. O apóstolo Paulo (bem como outros escritores do Novo Testamento) com freqüência acentua este ponto usando a expressão "uns aos outros". Ele usa esta frase diversas vezes nos capítulos 12 a 15 de sua carta aos Romanos. Fala do relacionamento especial e da intimidade que Deus tinha em mente para os crentes no corpo local, ou comunhão de crentes. Não é como ser membro de um clube; nem é como uma reunião social. Pelo contrário, o vínculo especial de amor ultrapassa todos os demais relacionamentos humanos (fora o casamento) por sua intimidade. Por exemplo, Paulo diz aos crentes de Roma que somos "membros uns dos outros"

(12:5). Ele usa uma analogia com o corpo humano para exemplificar a natureza e função da igreja. Embora sejamos indivíduos, cada um tendo diferentes dons, participamos da vida do corpo — a igreja local. Este princípio de "participação mútua" (como alguns lhe chamam) diz que pertencemos uns aos outros. Não podemos funcionar convenientemente ou crescer em maturidade se, de todo o coração, não nos comprometermos com uma comunhão de crentes e ativamente partilharmos nossas vidas com eles (veja Efésios 4:15-16).

O segundo modo pelo qual Paulo emprega o princípio de participação mútua na carta aos Romanos é ordenando amar-se cordialmente "uns aos outros com amor fraternal" (12:10). Visto que somos parte da família de Deus, o interesse afetuoso e mútuo da vida saudável da família deveria ser parte da vida da igreja.

Paulo usa este princípio pela terceira vez quando nos pede que prefiramos "em honra uns aos outros" (12:10). Esta abnegação também faz parte da vida da família saudável. Paulo expande esta idéia em sua carta aos Filipenses: "Nada façais por partidarismo, ou vanglória, mas por humildade, considerando cada um os outros superiores a si mesmo. Não tenha cada um em vista o que é propriamente seu, senão também cada qual o que é dos outros" (2:3-4). Lutar por posições ou pelo louvor dos homens é atuar com egoísmo. Buscar o progresso e a felicidade dos outros é exibir o amor de Cristo.

O quarto "uns aos outros" nesta seção de Romanos diz-nos que devemos ser do "mesmo sentir de uns para com os outros" (Romanos 15:5), referindo-se à unidade resultante de uma compre-

ensão clara do princípio do corpo. E quinto, Paulo diz que devemos acolher-nos "uns aos outros" (15:7). Este é o primeiro passo no cuidado da igreja local. Os que freqüentam nossas comunidades desejam ser aceitos incondicionalmente. Demasiadas vezes, muitas de nossas igrejas têm aceitado novos membros somente se estiverem à altura de um arbitrário conjunto de padrões: vestes, cabelo e estilo de vida têm de coincidir com um padrão legalista. Mas as Escrituras dizem: "Acolhei ao que é débil na fé, não, porém, para discutir opiniões" (Romanos 14:1). Isto não é fazer vista grossa ao pecado; é simplesmente uma questão de acolher e amar aqueles por quem Cristo morreu.

Paulo também nos diz em Romanos que devemos admoestar-nos uns aos outros (15:14). Esta é uma exigência difícil. O termo grego "admoestar" aqui empregado significa proferir uma palavra de estímulo para ajudar a corrigir outro cristão, sem provocá-lo ou deixá-lo amargurado. Paulo empregou o mesmo termo ao falar de sua relação com a igreja de Éfeso: "lembrando-vos de que por três anos, noite e dia, não cessei de admoestar, com lágrimas, a cada um" (Atos 20:31). A admoestação é uma forma de aconselhamento espiritual que requer amor piedoso, tanto por parte dos que o dão como dos que o recebem. Quando o relacionamento de participação mútua chega a este ponto, o amor se torna a regra. Na verdade, a igreja passa a ser uma família que ama.

Dois membros de minha primeira igreja ensinaram-me a importância deste princípio. Na época estávamos executando um programa de construção, e a obra havia chegado a uma fase em que os trabalhadores começavam a manifestar cansaço e

irritação. Esses dois homens haviam feito o trabalho pesado de encanamento, mas depois os planos foram alterados e eles tiveram de refazer parte do trabalho. Isto criou tensões, e os homens começaram a atacar-se mutuamente com um fogo de barragem verbal. Acabaram abandonando as ferramentas e voltando furiosos para casa.

Como pastor jovem e idealista, eu não sabia o que deveria fazer. Contudo, depois de orar, reconheci que devia admoestar cada um deles com amor. Ambos eram professores da Escola Dominical, mas eu sabia que nenhum deles estava em condições de ser usado por Deus após a briga. Assim, com temor e tremor, visitei um deles e a seguir o outro, transmitindo aos dois a mesma mensagem. Depois de dizer-lhes que eu tinha ouvido toda a discussão, perguntei: "O senhor não acha que deve pedir desculpas ao seu irmão? Acha que pode ser eficiente em sua classe amanhã neste estado mental?"

Eles reagiram maravilhosamente, mostrando sua maturidade em Cristo. No dia seguinte conversaram comigo, contando que um foi à casa do outro, pediu desculpas, fizeram as pazes, houve perdão e oração.

O tipo de igreja para a qual as pessoas se sentem atraídas é uma comunhão de participação mútua: onde, em disciplina de amor, cada membro ama o outro e está aberto para admoestar e ser admoestado — uma igreja em que os membros compartilham suas vidas uns com os outros.

O Dr. Gary Collins descreve o notável fenômeno do corpo de crentes como uma comunidade que cura.[1] Ele ressalta que os psicólogos descobriram a eficácia da ajuda de grupo, a que chamam de

"terapia de grupo". Neste tipo de terapia, um grupo vive, trabalha e se diverte junto, e cada membro tem uma responsabilidade. O grupo caracteriza-se pela comunicação aberta, e por uma atmosfera de "abertura, honestidade, calor, aceitação, e interesse mútuo".

Collins salienta que Deus há muito tempo proporcionou tal comunidade de cura — a igreja local. À medida que indivíduos ajudam a indivíduos, coletivamente têm o impacto dinâmico de um grupo vital, que ama. Nossas igrejas podem e devem ser grupos assim. Obviamente, o pastor sozinho não tem condições de realizá-lo. Na realidade, ele deve estar à testa do grupo e ser modelo de tal cuidado, pessoalmente e também no ministério do púlpito, aplicando, com habilidade, a verdade bíblica como um bálsamo que suavize as feridas do seu rebanho. Mas isso requer que toda a congregação trabalhe para produzir uma comunidade que cura.

Devemos encontrar um meio, em nossas igrejas, para que todos participem. O cristão médio deve convencer-se de que embora o pastor seja o líder, cada membro da igreja pode participar do ministério assistencial. David Dunston, especialista em ministérios leigos, comentou: "Há necessidade de convencer os cristãos das classes trabalhadoras de que merecem confiança e são respeitados. As pessoas que se acostumaram à idéia de que devem ser conduzidas, em vez de conduzir, precisam convencer-se de seu valor."[2]

O leigo leva uma nítida vantagem nos ministérios de pessoa-a-pessoa tais como evangelização, conversão e assistência, porque tem contatos que o pastor talvez nunca venha a fazer. Todo cristão fiel

possui, por exemplo, um círculo de amigos com os quais ele pode conversar e incentivar. Collins chama a esses incentivadores de "ajudadores de seus pares". Ele insiste, e com sabedoria, em que eles podem realizar o que os profissionais treinados talvez não consigam:

> Em contraste com os profissionais, o ajudador de seus pares (a) está mais próximo do ajudado, conhece-o como amigo, e dessa forma está mais bem capacitado para entender o problema e captar as pistas não-verbais, ou demonstrar sincera empatia; (b) está disponível com maior freqüência e dessa maneira pode proporcionar ajuda consistentemente e sempre que se fizer necessária; (c) com freqüência conhece a família do ajudado, sua situação no trabalho, seu estilo de vida, suas crenças, ou o bairro em que ele vive e pode, portanto, exercer um papel mais ativo em orientar nas decisões ou ajudar o amigo a mudar sua situação de vida; (d) pode comunicar-se na mesma linguagem. . . que o ajudado entende com facilidade; e (e) é mais simples, descontraído, aberto, informal, e inclinado a introduzir um humor que alivia a tensão.[3]

Vimos o potencial que todo cristão tem de prestar serviço aos seus pares e desenvolver o ministério assistencial da igreja. Cada aluno de nossas classes de treinamento escolhia, pelo menos, uma pessoa para dela cuidar, na maioria das vezes alguém com quem eles poderiam comunicar-se com facilidade e por quem achavam que Deus lhes havia dado a responsabilidade.

O conceito de ajudador dos seus pares foi belamente ilustrado por uma jovem esposa que decidiu incentivar uma jovem, nova em nossa igreja. O marido desta jovem era alcoólatra, e sua família enfrentava a tensão comum a este tipo de problema. Parecia que o Senhor escolhera a incentivadora, porque nossa obreira também havia experimentado as tensões e desânimo de um lar desfeito — sua mãe estava nas fases avançadas do alcoolismo. Ela entendia o problema e o sentimento de inutilidade que toma a pessoa ao observar um ente querido destruir a vida enquanto se recusa a admitir que tem um problema. Nossa obreira foi uma influência positiva na vida do novo membro, e elas passavam grande parte do tempo conversando e orando, por telefone bem como pessoalmente. E dessa maneira um membro novo que sofria recebeu estabilidade mediante uma ajudadora de seus pares que entendia o problema e decidiu cuidar dele. Esta jovem, o novo membro a que nos referimos, é agora uma eficiente obreira na Escola Dominical. O problema de seu marido ainda não foi resolvido, mas ela está aprendendo a ser forte no Senhor, a despeito do problema.

Por sua própria conta

1. Leia com cuidado João 12:23-26 e Filipenses 2:3-4. A que leva a submissão mútua? Tente responder em termos de atitudes, ações e compromisso.
2. Com base em Romanos 12:9-16 e Gálatas 6:1-2, como foi que Paulo instruiu os cristãos a cuidar uns dos outros?
3. Enquanto examina os versículos acima, alguma coisa lhe chama a atenção como uma

necessidade em sua vida na qual você gostaria de trabalhar de sorte que Deus possa usá-lo na vida de outra pessoa? Se assim for, anote-a para que você não venha a esquecer-se. No decorrer da semana, ore a respeito dessa necessidade, pedindo a Deus a obra santificadora do Espírito Santo para esta área de sua vida.

7

Aprendendo a Amar

"Hoje, enquanto eu estava com as costas viradas, alguém, sem que eu o esperasse, apertou-me o braço de uma maneira tranqüilizadora. Era o senhor. Esse toque foi aquele algo extra de que eu precisava. Muitíssimo obrigada."[1]

Um pastor de uma igreja do meio-oeste recebeu este bilhete de uma senhora, membro de sua congregação, que enviuvara recentemente. Uma pequena amostra de consideração e interesse havia significado muito para ela numa hora de necessidade. O mesmo pastor comentou mais tarde: "Há tão pouco tempo hoje em dia para um contato com alguém. Há tão poucos momentos para abraçar e apertar a mão de uma pessoa amiga. Há somente uns poucos segundos para deter-nos e olhar alguém direto nos olhos."[2]

Tocar talvez não seja a resposta total, mas pode significar muita coisa na expressão de nosso cuidado pelos outros. O pastor Leslie B. Flynn fala acerca desta necessidade, ressaltando que o costume da igreja primitiva era cumprimentar uns aos outros com "ósculo santo" (para exemplo, veja Romanos 16:16). Flynn lembra-nos que a necessidade de sentir o toque começa na infância:

> Testes psicológicos revelam que os infantes que não são acariciados sofrem privação

> emocional como adultos. Um bebê deve ser beijado, abraçado, segurado e acariciado todos os dias.

Flynn prossegue com seu comentário, dizendo que necessitamos deste tipo de atenção a vida toda:

> Mas a necessidade básica de sermos tocados e confortados continua através da vida. Um conselheiro aconselha segurar o filho no colo se você estiver assistindo à TV, a menos que ele seja maior do que você, esfregar o cabelo do filho ou dar-lhe um tapinha no braço quando você passa por perto, ou dar-lhe um beijo de boa-noite. Talvez toda a família necessite ser mais afetiva fisicamente. Os experimentos revelam que as pessoas em coma profundo muitas vezes mostram melhora na freqüência cardíaca quando os médicos ou enfermeiras lhes seguram as mãos.[3]

Com demasiada freqüência deixamos passar a oportunidade de expressar interesse autêntico pelos outros. Às vezes somos demasiado casuais, demasiado frívolos, ou apenas frios e distantes. Os cristãos devem aprender a comunicar-se uns com os outros por formas que expressem o amor de Cristo. Todavia, tais expressões devem ser naturais e significativas; nada forçado. O toque pode vir mais facilmente para alguns do que para outros. Em oração deveríamos perguntar: "Como posso expressar melhor o estímulo e a certeza sem que seja mal-interpretado?" A resposta do Senhor provavelmente será diferente para cada indivíduo.

Há certas precauções que devemos tomar nesta

área. Primeiro, nossos motivos devem ser corretos. Nosso objetivo deve visar claramente à honra do Senhor e deve ser um veículo por meio do qual expressarmos seu amor. Se você perceber um motivo oculto em seu desejo de ser expressivo, o caminho mais sábio é não expressá-lo! Segundo, tratar com discrição o toque entre os sexos. Se houver quaisquer matizes sexuais, a melhor coisa a fazer é afastar-se da situação. É preciso que nos lembremos sempre de que o alvo da expressão de interesse aos outros é uma mensagem inconfundível de amor cristão.

Quer sejamos capazes de sinceramente demonstrar amor cristão mediante o toque quer não, precisamos encontrar meios de relacionar-nos mais estreitamente com nossos irmãos e irmãs em Cristo. Thomas Dubay insiste em que o verdadeiro interesse não ocorrerá enquanto não chegarmos suficientemente perto para ver e entender as necessidades da outra pessoa: "Amar é viver dentro da pele do outro. É tornar-se o outro na mente e no coração, viver os interesses do outro. Amar é tornar-se irmão ou irmã de alguém."[4]

Amar aos irmãos não significa que sejamos melhores do que eles. Podemos identificar-nos facilmente com suas necessidades de consolo e ajuda porque já passamos por isso. Alguém definiu a evangelização como "um mendigo contando a outro mendigo onde encontrar pão". Amar é um sofredor contar a outro sofredor onde encontrar consolo.

Em 2 Coríntios 1:3-7 o apóstolo Paulo parece estar falando de tornar-nos instrumentos divinos de ajuda. Nesse breve trecho ele emprega a palavra "consolo" ou sua correspondente nada menos do

que dez vezes. A raiz grega desta palavra é a mesma usada nos nomes de Jesus Cristo e do Espírito Santo (para exemplos, veja João 14:16-18; 14:26 e 16:7). O Espírito Santo é nosso "Consolador" ou "Ajudador", aquele que caminha ao nosso lado para ajudar-nos, consolar-nos ou confortar-nos. A menos que deliberadamente nos aproximemos o bastante para fazer uma verdadeira oferta de ajuda, com interesse e compaixão, estamos apenas falando da boca para fora. As pessoas feridas percebem depressa quando nosso coração está ausente.

Essa passagem do capítulo 1 de 2 Coríntios também nos proporciona outra pista essencial para tornar-nos instrumentos divinos de ajuda. Paulo descreve um consolo que se origina do próprio Deus. Observe que *Deus é*, final e essencialmente o Consolador. Ele é "o Pai de misericórdias e Deus de toda consolação!" (v. 3). Paulo diz que Deus "nos conforta em toda a nossa tribulação" (v. 4). Contudo, segundo Paulo indica nesta passagem, o propósito de Deus em consolar-nos, ou de andar ao nosso lado para ajudar-nos, não é um fim em si mesmo. Ele tenciona que passemos a consolação adiante. Qualquer coisa que Deus nos dá, não é apenas para nosso benefício, mas também para preparar-nos a fim de repartirmos com os outros. Seu propósito é que nos tornemos consoladores e incentivadores. Isto está claro especialmente no versículo 4, onde lemos que "ele nos conforta em toda a nossa tribulação, *para podermos consolar aos que estiverem em qualquer angústia, com a consolação com que nós mesmos somos contemplados por Deus*".

Parece que a qualificação para ser incentivador de outros é ter experimentado, pessoalmente, o consolo e o estímulo de Deus. Muitas organizações

filantrópicas oferecem assistência somente ao nível humano. O cristão, porém, tem muita coisa mais que oferecer. Todavia, para ser eficiente, ele deve viver em íntima comunhão com Deus. Deve saber, por experiência, que Deus satisfaz às suas mais prementes necessidades: então ele será compelido a partilhar aquilo que Deus lhe deu. É aqui que a experiência espiritual se traduz em realidade prática. E, à medida que repartimos com os outros de uma forma prática, nossa própria apreciação das bênçãos divinas será mais vívida do que nunca.

Robert Schuller, muito conhecido nos círculos cristãos como pastor e pregador, escreve acerca dos grupos assistenciais que sua igreja criou e têm tido grande sucesso. A congregação está dividida em zonas geográficas, com oito famílias em cada grupo. Cada membro relata semanalmente ao líder do seu grupo. Schuller diz que primeiro eles aprendem a praticar o amor entre si, observando sete princípios:

1. Aprender a perder-se nos outros.
2. Aprender a ouvir atentamente.
3. Aprender a amar aos que não são amáveis.
4. Aprender a deixar os erros aos pés da cruz.
5. Aprender a descobrir o plano de Deus para a vida.
6. Aprender a depender do poder do Espírito Santo.
7. Aprender a conduzir outros a Cristo.[5]

Este é um conselho bom e prático para aproximar-nos das pessoas e nos interessarmos por elas. Temos aplicado alguns desses mesmos princípios em nosso programa de assistência, e os resultados têm sido vidas transformadas — entre nossos obreiros bem como entre os que recebem ajuda. Este princípio de bênção recíproca sempre funciona

quando nos entregamos ao serviço dos outros. Uma pessoa que estava ajudando uma mulher idosa disse: "Recebi muito mais do que dei. Ela tem sido uma bênção para mim!" A alegria que recebemos em dar-nos aos outros supera de longe os sacrifícios que tenhamos de fazer.

Descobrimos cinco princípios de grande significação no programa assistencial de nossa igreja. Cada um deles é um passo importante para aproximar-nos de outra pessoa e exercer um ministério eficaz.

O primeiro importante princípio é a *oração*. Todo ministério eficaz começa com a oração, e envolve pelo menos três aspectos: 1) *oração de preparação;* 2) *oração por direção;* e, 3) *oração de intercessão.* Cada um desses aspectos é de importância decisiva. Temos de começar orando pela preparação porque a tendência natural do coração humano não é alcançar os outros. Em virtude da inclinação a preocupar-nos apenas com nós mesmos, devemos aproximar-nos de Deus e aprender dele a amar. Orar com base em versículos como João 3:16 e 15:13, Romanos 5:8, e 1 João 4:10-11 ajuda-nos a perceber o quanto Deus nos ama. Ao agradecer a Deus seu amor por nós, começamos a orar também para que ele nos conceda amor aos outros.

Depois de preparar nosso coração, podemos prosseguir orando por direção. Uma olhada na comunidade eclesiástica (pedimos à nossa gente que comece seu ministério de assistência na igreja local) é quanto basta para revelar de imediato os que se acham em necessidade. Precisamos, então, pedir a Deus que nos mostre aquele a quem devemos servir.

Uma vez recebida a direção, passamos para o mais importante aspecto do ministério da oração: a

intercessão. Este foi um dos segredos do sucesso de Hudson Taylor em seu trabalho na China. Disse ele: "Só é possível mover os homens, por intermédio de Deus, pela oração." O apóstolo Paulo deu testemunho da oração intercessora a favor dos cristãos em Colossos, que um homem por nome Epafras fazia por eles:

> Epafras que é dentre vós, servo de Cristo Jesus, o qual se esforça sobremaneira, continuamente, por vós, nas orações, para que vos conserveis perfeitos e plenamente convictos em toda a vontade de Deus (Colossenses 4:12).

Um ministério assistencial começa com a oração, é sustentado pela oração, e tem êxito mediante a oração. O serviço por qualquer outro método desde logo se torna em uma atividade carnal e está condenado ao fracasso.

O segundo princípio necessário para um ministério assistencial direto é o *contato*. Este é um motivo por que Deus nos deixou no mundo depois de havermos sido salvos. Em sua oração sacerdotal, registrada no capítulo 17 de João, Jesus pediu a favor de seus seguidores: "Não peço que os tires do mundo; e, sim, que os guardes do mal" (v. 15). Como representantes de nosso Salvador, devemos ser instrumentos da bênção de Deus — suas mãos, seus pés, sua voz. Quase todos os crentes têm abundante contato com pessoas mas, amiúde, tal contato praticamente nada ajuda na expansão do reino de Deus. Estamos no mundo para manter contato com as pessoas necessitadas, de sorte que Deus possa servir-se de nós como seus ministros de misericórdia.

Temos, contudo, de ser cuidadosos, não nos aproximando agressivamente da pessoa pela qual estamos orando. Nosso alvo deve ser a construção de uma ponte de amizade, com cautela e moderação, ponte que possamos cruzar para atender às suas necessidades. Isto toma tempo. Algumas pessoas não se abrirão enquanto não ganharmos sua confiança por meio de nossa amizade.

Conversações casuais, talvez antes ou depois de um culto na igreja, proporcionam ótimos primeiros contatos. Prepare-se para que o relacionamento se desenvolva aos poucos. Um convite para a pessoa ir à sua casa, ou para tomar um café após o culto de domingo à noite muitas vezes abre a porta. Conversações por telefone, ocasionais e breves, também constituem um bom meio de manifestar interesse. Uma senhora idosa de nossa igreja deixa a muitos de nós com a cara no chão nessas questões de assistência. Embora raramente freqüente os cultos por causa de enfermidade, ela ora a favor de muitos membros da congregação, incluindo crianças. Por causa do seu especial interesse pelos de sua própria idade, muitas vezes ela lhes telefona para oferecer estímulo, contando da fidelidade de Deus para com ela, ou citando um versículo bíblico que tem sido para ela uma bênção constante. Às vezes esta senhora recita algumas de suas próprias poesias, sempre produto da mesma experiência recente da provisão e bênção de Deus. Em resposta, seus amigos idosos lhe telefonam quando se sentem desanimados. Eles acham que o simples conversar com ela no telefone levanta-lhes o ânimo.

O terceiro princípio-chave na assistência *é ouvir.*

Advertimos nossa gente a não ser conselheiros por conta própria, e ser tardos para dar conselho. Muitas vezes basta estar presente. Às vezes a pessoa necessitada nem mesmo deseja conversar; todavia, quando o faz, é muito importante ouvi-la com interesse, dando-lhe nossa integral atenção enquanto ela alivia o peso do coração. No próximo capítulo analisaremos com maior detalhe esta importante habilidade.

O quarto princípio que adotamos no programa assistencial de nossa igreja é *ajudar:* a doação voluntária de nós mesmos. É custoso ajudar. Envolve, por exemplo, dar tempo — e esta pode ser a mais custosa de todas as dádivas. Muitas vezes preferiríamos fazer uma saudação, enviar um cartão, ou dar algum dinheiro. Mas o tempo é uma mercadoria preciosa, e muitas vezes relutamos em abrir mão dele — muito embora seja ele a verdadeira dádiva que melhor diz: "Eu me interesso."

Juntamente com o tempo estão os dons de energia, de executar uma tarefa que alivie a carga da pessoa necessitada. Aqui, muitas vezes o significado reside não apenas na dádiva em si, mas também na mensagem que ela transmite.

Para a pessoa que o recebe, um ato de atenção é a marca da grandeza. Os cristãos deveriam, acima de tudo, ser conhecidos por tais atos de bondade. À medida que crescia nosso ministério assistencial, sentíamo-nos grandemente estimulados ao ver este tipo de ajuda com maior freqüência. Uma senhora decidiu visitar uma cristã idosa que sofria do coração. Ao descobrir as limitações físicas da mulher, ela passou a telefonar-lhe regularmente para

dizer: "Gostaria de ir aí amanhã para ajudá-la no trabalho da casa." Desnecessário é dizer que a mulher aceitava alegremente esta ajuda prática. Não só lhe aliviava a carga, mas também lhe dava uma nova alegria e certeza de que alguém se interessava por ela.

O quinto princípio essencial a um ministério de assistência é o *encorajamento*. Conquanto ele seja inerente aos outros quatro princípios, é necessário que a pessoa que dá assistência pense especificamente neste ponto. O resultado se manifestará em expressões deliberadas, atenciosas, com a intenção de elevar o ânimo da outra pessoa — seja face a face, por telefone, por meio de um bilhete, seja mesmo por meio de um cartão de cumprimentos escolhido cuidadosamente. O encorajamento pode assumir a forma de um elogio, um muito obrigado por uma tarefa bem executada, ou apenas o espontâneo "estou pensando em você".

A importância deste tipo de estímulo atingiu-me ao ouvir a história de uma mulher que, enquanto separava alguns pertences de sua mãe falecida, encontrou um cartão que ela enviara à mãe alguns anos antes. O cartão dizia: "Hoje de manhã, quando acordei e vi o sol brilhar, eu disse a Deus em tom suave: 'Bom dia, Senhor; abençoa a todos quantos eu amo.' Imediatamente pensei na senhora. . ." A mulher ficou surpresa por verificar que a mãe havia guardado esse cartão em sua Bíblia todos esses anos, entesourando o gesto de atenção amorosa da filha.

O encorajamento não prega nem força. Muitas vezes é uma palavra espontânea dentre as muitas

de um coração amorável, que jorra naturalmente quando partilhamos nossa vida com outras pessoas.

Ao retirar-me, após a visita a um homem que sofria de câncer em sua fase terminal, comentei: "Realmente nos interessamos pelo irmão." Imediatamente ele respondeu: "Os membros da igreja são muito amáveis e bondosos", e suas palavras foram prontamente confirmadas pela esposa. Este tipo de reação à nossa comunidade eclesiástica parece expressar-se cada vez mais, e isto tem sido de grande incentivo e também um estímulo para continuarmos a amar. Não digo que qualquer faceta especial de nosso ministério de assistência sirva de modelo para outras igrejas. Mas os seguintes métodos foram úteis em nossa congregação.

1. *Saudação e comunhão.* Muito embora tenham passado por nossas classes de treinamento, algumas pessoas não acham que possam exercer um ministério regular de assistência. Contudo, estão dispostas a funcionar como receptoras, dando as boas-vindas aos que comparecem aos nossos cultos. Outras acham mais fácil conversar informalmente com as pessoas no santuário após os cultos regulares. Como conseqüência, a igreja demora mais a esvaziar-se agora — o que é um indicador de boa saúde.

2. *Um incumbido de um.* A assistência pessoal é, naturalmente, ideal. Algumas pessoas fazem isto de modo espontâneo, enquanto outras pedem que sejam designadas para ajudar a alguém. Este método tem surtido considerável efeito em nossa igreja sob a liderança de uma enfermeira que desenvolveu um programa de três fases: 1) Cuidado pessoal;

2) cuidado na administração doméstica; e, 3) cuidado apoiador. A primeira fase requer treinamento de enfermagem e inclui funções que um assistente executaria em um hospital. A segunda envolve tarefas domésticas e consertos que se fazem em casa. A terceira fase inclui visitas ocasionais, envio de cartões de cumprimentos, e assim por diante. Todos esses obreiros estão interessados na pessoa como um todo e estão disponíveis para orar com ela ou ler-lhe as Escrituras. Temos uma pessoa que coordena todos estes ministérios assistenciais.

3. *Cuidado e participação.* Um grupo de obreiros reúne-se todas as semanas para trocar experiências, para estimular uns aos outros, e para continuar aperfeiçoando suas habilidades assistenciais. Eles procuram informar-se das necessidades de assistência da igreja e oram regularmente a esse respeito. Também se oferecem como voluntários para o trabalho de assistência pessoal.

4. *Trabalho pastoral dos diáconos.* Nossa ênfase sobre a assistência levou os diáconos a reconsiderar suas responsabilidades de guias espirituais. Pedimos a cada diácono que freqüente a Classe de Treinamento Assistencial, e depois conduza o seu segmento da congregação com este ensino a orientá-lo. Damos-lhe três ou quatro assistentes que trabalham com ele em suas obrigações como pastor.

Seja qual for o método adotado, é claro que a igreja local deve ser uma comunhão que ama. A vida do corpo, segundo a descrição de Paulo, requer que "cooperem os membros, com igual cuidado, em favor uns dos outros" (1 Coríntios 12:25).

Por sua própria conta

1. Anote as instruções que Paulo dá acerca de consolo, ou encorajamento, em 2 Coríntios 1:3-7. Procure descobrir a fonte, o propósito, e o exemplo de consolo nesta passagem.
2. Recapitule os cinco princípios-chave para cuidar de outros, arrolados neste capítulo. Escolha um desses princípios que você gostaria de desenvolver em sua vida. Sinta-se livre para principiar com uma área que lhe agrade pessoalmente.

G

8

Adotando um Espírito de Gentileza

Tem-se dito que as pessoas são como os ovos. "Podem parecer rijos por fora, mas se quebram com muita facilidade."[1] Reconhecemos esta nossa frágil condição e ansiamos por ser tratados com ternura, mas nem sempre nos lembramos de que os outros possuem a mesma necessidade. Às vezes parece que os tratamos como o funcionário do correio que estava despachando um pacote no qual se lia: "Conteúdo incerto: Manuseie com indiferença"! Muitas vezes nos preocupamos tanto com os nossos interesses que estamos por demais ocupados, ou descuidados demais, para notar as necessidades dos que cruzam nosso caminho.

Precisamos aprender a adotar um espírito de benévolo interesse pelos outros. Paul Welter pergunta com propriedade: "Os ajudadores devem apenas ser suaves? Haverá apenas dois tipos de pessoas, o tipo ajudador terno, e o tipo líder duro?" A resposta é não: mesmo o líder duro deve ser terno em seus tratos com as pessoas. É assim que Deus nos trata. Lembremo-nos, por exemplo, de sua grande ternura e sensibilidade para com as nossas necessidades, expressas no Salmo 103:13-14: "Como um pai se compadece de seus filhos, assim o Senhor se compadece dos que o temem.

Pois ele conhece a nossa estrutura, e sabe que somos pó."

Deus está plenamente cônscio de nossa condição humana. Ele sabe quão frágeis somos — criaturas de pó. Comparados com seu grande poder, somos completamente fracos e vulneráveis. E a maravilha deste contraste é que Deus se interessa por cada uma de nossas necessidades. Ele inclina-se com compaixão para tratar-nos com cuidado benevolente. Ele sabe como nos desfazemos facilmente sob pressão.

O apóstolo Paulo havia aprendido a tratar os outros com gentileza, muito embora ele fosse, por natureza, um líder severo, exigente. Ele lembra aos crentes tessalonicenses, por exemplo, que havia sido dócil entre eles, "qual ama que acaricia os próprios filhos" (1 Tessalonicenses 2:7). Todavia, em nenhum sentido ele foi fraco em seu ministério ao povo — pois uns poucos versículos mais adiante ele diz aos tessalonicenses: "E sabeis, ainda, de que maneira, como pai a seus filhos, a cada um de vós, exortamos, consolamos e admoestamos" (2:11-12a).

Esse cuidado gentil é responsabilidade de todos os cristãos. Paulo lançou este mesmo desafio à igreja gálata: "Irmãos, se alguém for surpreendido nalguma falta, vós, que sois espirituais, corrigi-o, com o espírito de brandura; e guarda-te para que não sejas também tentado" (Gálatas 6:1). Paulo escreveu estas palavras à igreja toda, e não apenas aos pastores. O texto sugere que a igreja deve constituir-se de pessoas sensíveis às necessidades alheias e prontas a oferecer apoio. Atitudes superiores não cabem aqui, porque cada um está sujeito às mesmas tentações. Portanto, escreve Paulo, deve-

mos levar as cargas uns dos outros, e assim cumpriremos a lei de Cristo (6:2).

Haddon Robinson escreve acerca desta necessidade de assistência gentil, citando um líder político que descreveu esse estado de quebrantamento de nosso tempo como "pessoas esfaceladas vivendo em um mundo esfacelado". Mas Jesus Cristo é o Rei dos reis; sua especialidade é consertar pessoas quebradas — e para isso ele nos utiliza. "Como parte da comunidade assistencial de Cristo, podemos ajudar as pessoas a andar e mostrar-lhes onde andar", declara Robinson. "Devemos empenhar-nos em sua empresa assistencial. Homens e mulheres esfacelados não se importam com o quanto sabemos, a menos que saibam o quanto nos importamos com eles."[3]

Os programas de nossa igreja podem ser bíblicos, eficientemente organizados, e salpicados de voluntários. Serão de pouco proveito, porém, a menos que as pessoas que procuramos ajudar sintam, através de nós, o toque bondoso e carinhoso do Salvador.

Paul Welter sugere várias formas pelas quais podemos mostrar ternura aos que buscamos ajudar:

1. Seja amistoso.
2. Aceite seu amigo. Cuidado com qualquer julgamento que você faça; lembre-se de que não lhe cabe julgar os outros.
3. Se tiver a tendência de falar depressa, fale mais devagar.
4. Ateste o valor da outra pessoa. Fale-lhe de seus pontos fortes conforme você os vê. Diga-lhe que você tem prazer em sua companhia.
5. Esforce-se por compreender a emoção que ela está sentindo.

6. Tente sorrir com os olhos bem como com a boca.
7. Pense a respeito dos interesses e das necessidades dela.[4]

Um de nossos obreiros demonstrou belamente diversos desses princípios. Carolina, uma jovem casada, procurava ajudar outra jovem, Debbie, cujo marido não era crente. Ele provinha de ambiente diferente e tinha pouco tempo para o Cristianismo. Debbie ficou muito desanimada e deixou de vir à igreja. Então Carolina entrou em cena. Esforçou-se por ser amiga de Debbie; levou-a para almoçar e convidou Debbie e o marido para irem à sua casa. Debbie começou a notar que Deus a amava e podia usar seu testemunho. Passou a freqüentar a igreja novamente e a orar pelo marido. Como resultado, ele começou a comentar sobre o testemunho da esposa, a pedir-lhe suas orações, e a ir à igreja com ela. Ainda não recebeu a Cristo, mas está demonstrando interesse. Carolina mudou-se para outra cidade, mas os resultados de seu cuidado ainda são evidentes.

Quando ativamente buscamos um interesse sensível pelos outros, devemos entender que a comunicação é um ponto vital. Diz Erich Fromm a respeito da comunicação: "O amor só é possível se duas pessoas se comunicam a partir do centro de sua existência."[5] Esta comunicação pode ser por palavras, pelo toque, por meio de um sorriso, ou apenas pela presença física. É triste dizer, porém, que amiúde deixamos de comunicar muita coisa positiva e construtiva. A comunicação eficaz só pode ocorrer quando a mensagem ou interesse de nosso coração é eficazmente transmitida à outra pessoa. E podemos medir essa eficácia verificando

se a pessoa sente e entende nossa mensagem. Em nossas classes de treinamento ensinamos diversos passos para melhorar as habilidades de comunicação pessoal, especialmente confeccionados para uso num ministério assistencial.

O primeiro passo é: *Inunde a experiência com oração.* Para o crente, toda comunicação eficaz origina-se na oração. Este é o motivo do pedido de Paulo aos crentes efésios: ". . .e também por mim; para que me seja dada, no abrir da minha boca, a palavra, para com intrepidez fazer conhecido o mistério do evangelho" (Efésios 6:19).

Conquanto Paulo se referisse a comunicar o evangelho, existe a mesma necessidade para comunicar amor num ministério assistencial aos irmãos na fé. Por este motivo ensinamos aos que tomam parte em nosso programa a fazer de sua comunicação com outros um assunto de constante oração. Descobrimos que muitas vezes isto nos impede de entrar atabalhoadamente no que esperávamos fosse um contato assistencial. Este hábito também nos lembra que devemos continuar voltando à oração para nosso próprio estímulo e para a sabedoria de que necessitamos a fim de ajudar aos outros.

Temos verificado que é perigoso atacar rápido demais, talvez com idéias grandiosas de nossa capacidade de efetuar mudanças em outra pessoa. Em virtude deste perigo, o segundo passo que ensinamos à nossa gente é: *Vá devagar!* Pelo menos em um caso, tive de pedir a um obreiro assistencial que recuasse. A pessoa que ele procurava ajudar tinha apreço pela sua boa intenção, mas repelia a sua agressividade. Precisamos lembrar-nos de que estamos lidando com pessoas, e as pessoas reagem à ternura.

Descubra as reais necessidades, dizemos também aos nossos obreiros. De outra sorte, podemos terminar respondendo a perguntas que nem mesmo foram feitas, aplicando o bálsamo de nosso ministério de amor a áreas da vida das pessoas nas quais elas não sentem dor.

A fim de descobrir onde as pessoas sentem dor, o próximo passo em nossa comunicação com elas é: *Ser um bom ouvinte.* Fui obrigado a aprender algumas lições nesta área. Aqueles de nós que servimos às pessoas sabemos quão fácil é dominar a conversação. Alguém propôs que assinássemos um "contrato de ouvir" —apenas como um lembrete:

> Vou ouvi-lo neste momento, melhor do que você já foi ouvido em toda a sua vida. Vou tentar fazê-lo sentir que você é a pessoa mais compreendida do mundo. Não julgarei, não farei suposições, não criticarei, não darei conselhos, nem farei coisa alguma que o impeça de revelar seus verdadeiros sentimentos. Vou dar-lhe 100% de minha atenção e todo o amor de que sou capaz, concentrando-me estrita e exclusivamente em entender você agora.[5]

Descobriremos muito mais rapidamente as verdadeiras necessidades e como satisfazê-las se dermos ouvidos em vez de falarmos. Este tipo de compromisso de ouvir levar-nos-á longe no cuidado pelos outros.

Tenha em mente que espalhar o que outrem nos conta a respeito de suas necessidades e preocupações pessoais fechará a porta mais depressa do que qualquer outra coisa. Acima de tudo, *guarde as confidências.* O crescimento das relações se desen-

volve mediante a edificação e manutenção de confiança pessoal.

Outro passo importante para a comunicação sensível é: *Não pregue sermões!* Somos veículos do amor de Cristo e não distribuidores de conselhos. É provável que qualquer tentativa de oferecer conselho, especialmente nas primeiras fases de contato, feche a porta. Certo jovem disse de um obreiro assistencial bem-intencionado: "Simplesmente mencionei uma idéia que eu tinha e ele começou a dizer-me todos os motivos por que eu estava errado. Simplesmente não gosto desse tipo de ajuda."

Tão importante quanto deter nosso impulso de pregar é o princípio: *Não julgue!* Um professor de aconselhamento disse-me que entre os fundamentos de uma comunicação sincera está a norma: "Não julgar e não dar conselhos — a menos que seja especificamente solicitado." Visto que a participação sincera é essencial a este tipo de ministério, devemos ter cuidado em ouvir com a mente aberta.

Uma vez que conseguimos descobrir as verdadeiras necessidades de uma pessoa ouvindo-a atentamente e com a mente aberta, é necessário dizer-lhe que estamos realmente interessados no que ela expressou. Um modo seguro de conseguir isto é: *Seja compassivo!* "Alegrai-vos com os que se alegram", diz Paulo, "e chorai com os que choram" (Romanos 12:15). Paulo descreve aqui a compaixão, ou *sentir com* a outra pessoa. É vital que vejamos o problema da perspectiva da outra pessoa, talvez perguntando a nós mesmos: "Se eu fosse ele, como me sentiria?" Talvez nunca passemos pela mesma experiência, mas nossas tentativas honestas de compreender serão apreciadas. Gary

Collins emprega o termo *afetividade* para descrever este tipo de aproximação compassiva:

> *Afetividade* é mais ou menos sinônimo de cuidado. É amabilidade e consideração manifestadas por expressão facial, tom de voz, gestos, postura, contato de olhos, e procedimento não-verbal como quem procura o conforto do ajudado. O calor humano diz: "Importo-me com você e com seu bem-estar."[6]

Um princípio de crucial importância para a nossa comunicação é: *Seja encorajador!* Embora devamos identificar-nos com as mágoas alheias, é também importante que mantenhamos nossa própria objetividade, a fim de ajudar alguém a sair do lodaçal do desânimo. As expressões verbais de cuidado e interesse ajudam aqui. Também é importante uma breve oração com a pessoa. Todavia, nunca se sirva dessa oração para pregar um sermão. Faça da oração um apelo a Deus, pedindo ajuda, força e — se for o caso — cura.

Juntamente com a oração, o estímulo mais eficaz amiúde vem da leitura da Bíblia — antes ou depois de orar, dependendo da orientação do Senhor. Muitas vezes é de grande eficácia ler apenas um breve Salmo sem comentá-lo. Os salmos 16, 23, 27, 40, 42, 62 e 91 são muito apropriados. Outra possibilidade é citar um versículo-chave, ou uma passagem, com o simples comentário: "Este versículo tem-me ajudado muito em tempos de necessidade." Passagens como João 10:27-30; 14:1-3; Filipenses 4:6-7; ou 1 Pedro 5:7 elevam o espírito e chamam a atenção de alguém para o amor que Deus tem por nós.

Por sua própria conta

1. Leia todo o Salmo 103, várias vezes, prestando especial atenção aos versículos 13 e 14. Com base na descrição de Davi, como caracterizaria o cuidado de Deus por você?
2. Leia todo o capítulo 2 de 1 Tessalonicenses, no qual Paulo relata seu ministério na igreja tessalônica. A julgar pelos versículos 7 e 8, como Paulo pôs em prática o tipo de cuidado do qual Davi fala no Salmo 103? Tente responder em termos de ações e procedimento específicos o que Paulo teria em mente.
3. Que poderia você fazer para praticar este tipo de cuidado com alguém no decorrer desta semana?

TERCEIRA PARTE

O CUIDADO ONDE É IMPORTANTE

9

Cuidando dos Idosos

David Moberg, da Universidade Marquette, escreve acerca de um fenômeno que ele chama de "Estados Unidos grisalhos", observando que de cada nove pessoas, uma tem mais de 65 anos — e nalgumas comunidades, a proporção é de uma para quatro.[1] Vinte e dois milhões de norte-americanos encontram-se nesta faixa etária, o que representa 15% da população. Entretanto, somos uma sociedade orientada para a mocidade. Alardeamos a beleza e o vigor dos jovens.

Contudo, esta obsessão com a mocidade se verifica não só no mundo secular, mas também na igreja — que tende a programar seus ministérios tendo em vista principalmente a juventude e as famílias jovens com filhos. Devido a esta tendência, a igreja está deixando de atender a um grande segmento da população e, conseqüentemente, deixando de satisfazer às necessidades de um grupo significativo dentro de suas próprias fileiras.

De acordo com Moberg, a igreja muitas vezes desonra a pessoas idosas. Ele insiste em que embora a igreja seja a instituição mais bem equipada de nossa sociedade para ajudar os aposentados, muitas congregações "cederam aos padrões culturais que têm contribuído para os problemas de cidadãos idosos". A seguir Moberg cita algumas das

práticas discriminatórias que refletem atitudes seculares, ou seja, atitudes que o mundo adota.

- Ênfase na juventude e famílias com filhos pequenos.
- Nomeação de membros mais jovens para cargos de liderança.
- Programação de reuniões para a noite quando as pessoas idosas acham difícil sair.
- Ênfase na evangelização que parece deixar fora os idosos.
- Enfoque no cuidado pastoral somente para as pessoas que têm necessidades prementes.[2]

Devido à nossa falha em satisfazer às necessidades básicas dos idosos, amiúde eles tendem a sentir-se esquecidos e indesejados. Esta situação pode gerar ira e amargura cada vez maiores para com a família, líderes eclesiásticos e pessoas mais jovens em geral.

A solidão é um fator que leva a pessoa idosa sentir que ela está sendo negligenciada. Conheço uma mulher piedosa que luta com este sentimento de rejeição porque há dezesseis anos não vê o único filho. Ela sabe onde ele está; escreve-lhe e ora por ele regularmente, mas não recebe resposta alguma. Ele tem dado mostras não só de não querer nada com ela, mas que, para ele, ela nem mesmo existe. Com freqüência ela se vê dominada pelas lágrimas.

A rejeição é esmagadora. Para a pessoa que a sofre, os motivos de sentir-se solitária e inútil são muito reais — embora as pessoas mais jovens tentem apresentar argumentos lógicos contra tais sentimentos. Uma pessoa idosa lamentava: "Meus filhos ficam contrariados quando digo que sou solitária." Talvez essas reações resultem de culpa da parte dos mais jovens que reconhecem haver negligenciado

parentes idosos mas não podem ou não querem enfrentar a situação honestamente.

Quando cristãos que professam haver experimentado o amor de Cristo não mostram sinais de interesse, não é de admirar que as pessoas mais velhas simplesmente se afundem cada vez mais num emaranhado de solidão, rejeição e até desespero. Willard Gaylin emprega palavras fortes para descrever o resultado desta negligência: "Quando os indivíduos se sentem suficientemente indesejados e desamados — quando se sentem abandonados por aqueles a quem amam — estão a caminho do mais perigoso e doloroso dos estados psicológicos, qual seja, a depressão."[3]

A situação dos idosos confronta-nos com duas conclusões imediatas. A primeira é que a necessidade é real, e se trata de um problema que se avoluma — especialmente com o crescente índice de longevidade. A segunda é que a igreja deve ser a primeira a se interessar. Que faremos?

Em acentuado contraste com a perspectiva humana, Deus mostra que ele cuida igualmente das pessoas de todas as idades:

> Ouvi-me. . . vós a quem desde o nascimento carrego e levo nos braços desde o ventre materno. Até à vossa velhice eu serei o mesmo, e ainda até às cãs eu vos carregarei; já o tenho feito; levar-vos-ei, pois, carregar-vos-ei e vos salvarei (Isaías 46:3-4).

Deus cuida dos idosos. A Bíblia pouco fala, se é que fala, a respeito de aposentadoria; ela nada diz, absolutamente, sobre aposentar-se do programa assistencial de Deus. Na verdade, Deus promete vigilância constante desde o berço até ao túmulo.

Deus diz-nos, também, que há honra na velhice: "Coroa de honra são as cãs, quando se acham no caminho da justiça" (Provérbios 16:31). O versículo 14 do Salmo 92 estabelece o potencial de utilidade que tem no programa de Deus a pessoa madura em anos, a pessoa idosa que andou com Deus: "Na velhice darão ainda frutos, serão cheios de seiva e de verdor." Embora o corpo envelheça e a visão se enfraqueça, o vigor espiritual pode ser mais forte do que nunca.

Ao ignorar os idosos, a igreja está perdendo um segmento significativo de seus recursos. A Bíblia diz-nos: "Com os idosos está a sabedoria, e na abundância de dias o entendimento" (Jó 12:12, ERC). Diz, também: "Para os jovens a glória é ser forte e bonito; a glória dos velhos é a sua experiência da vida" (Provérbios 20:29, BV). Precisamos deste tipo de sabedoria e de experiência na igreja. Em vez de negligenciar os idosos e dessa maneira impor sobre eles uma auto-imagem deficiente, devemos incluí-los em nossa estratégia de alcançar o mundo para Cristo. O salmista expressa o interesse de muitos de nossos irmãos idosos:

> Tu me tens ensinado, ó Deus, desde a minha mocidade; e até agora tenho anunciado as tuas maravilhas. Não me desampares, pois, ó Deus, até à minha velhice e às cãs; até que eu tenha declarado à presente geração a tua força, e às vindouras, o teu poder (Salmo 71:17-18).

Em um de seus livros, R. J. Havinghurst mostra diversas áreas de necessidade entre adultos mais velhos que exigem ajustamento por parte deles: força e saúde físicas decrescentes; aposentadoria e redução de rendimentos; a morte de um dos

cônjuges; um relacionamento explícito com o grupo de sua própria idade; certas obrigações sociais e civis; estabelecimento de alguns arranjos de vida satisfatórios.[4] A igreja precisa ajudar nossos irmãos idosos a fazer tais ajustes. Não basta simplesmente apaziguar nossa consciência apontando-os para a classe de Escola Dominical de sua faixa etária. Eles devem saber que são amados e membros vitais do corpo local de crentes.

Uma vez identificadas as necessidades entre os idosos, devemos planejar especificamente para atendê-las, dentro da estrutura de nossos compromissos bíblicos: cumprir a Grande Comissão de alcançar o mundo para Cristo; preparar os santos para a obra do ministério (Efésios 4:11, 12); demonstrar amor e buscar satisfazer às necessidades dos que sofrem e dos que são solitários (Tiago 1:27). Para tanto, devemos mostrar aos adultos mais velhos que os amamos e precisamos deles, dando-lhes um lugar nos ministérios da igreja local. Este tipo de participação dar-lhes-á um senso crescente de autovalor, ajudá-los-á a sentir-se necessários e úteis, e lhes proporcionará meios de superar a solidão.

Descobri, por acaso, como fazer que uma mulher que tem um grande coração para o Senhor mas está limitada fisicamente participe do meu ministério de pregação. Tive a oportunidade de ajudá-la de várias formas, incluindo levar-lhe fitas gravadas de meu sermão, todas as semanas. Em repetidas ocasiões ela me contava interessantes ilustrações que tinha ouvido em programas evangélicos de rádio. Descobri que durante algum tempo ela escrevia essas ilustrações. Depois de expressar-lhe meu apreço pelo que ela me contava, perguntei-lhe

se ela gostaria de ajudar-me. Esta idéia deleitou-a—e estou certo de que há muitas pessoas idosas que se sentiriam grandemente estimuladas se percebessem que seu pastor necessitava da ajuda delas. Sugeri-lhe que continuasse a anotar as ilustrações usadas pelos locutores de rádio, e também anotasse o nome da pessoa que usou cada historieta ou citação. Desde então ela tem-me fornecido fielmente esses úteis materiais para meus sermões. E ela sempre se emociona quando me ouve usar uma ilustração que ela me forneceu.

Uma das mais difíceis experiências para a pessoa idosa é mudar-se para um abrigo de velhos. Muitas vezes isto ocorre por sugestão do médico da família, porque a pessoa já não pode cuidar de si mesma. Muitas vezes a família luta contra esta mudança. Numa situação ideal, os filhos fariam todo o esforço possível a fim de levar o pai (ou mãe) idoso para seus próprios lares. Porém, quando todas as demais considerações são eliminadas, ou tentadas e finalmente julgadas insuficientes, talvez a única escolha seja uma instituição de assistência.

Sejam quais forem os motivos, tal mudança é uma experiência apavorante para as pessoas idosas. Elas acham que estão sendo afastadas do curso principal da vida, e vêem o fato como o último passo que precede a morte. Talvez a aposentadoria tenha sido traumática mas, pelo menos, ainda estão em um mundo mais ou menos normal — numa vizinhança, talvez com famílias, com o riso das crianças e a conversação com pessoas de várias idades. Poderiam ir ao armazém ou quitanda, dirigir carros. Mas o lar para velhos é um mundo anormal. Vivem com amigos enfermos, senis e moribundos. Não controlam seus programas diários de alimenta-

ção e sono. Pior do que tudo, talvez, muitos idosos que se encontram nesses lares raramente recebem visitas. De que maneira podemos estimular tais pessoas?

Richard A. Hubbard, Supervisor de Treinamento do Programa de Extensão de Saúde Mental da Universidade de Notre Dame, apresenta algumas sugestões úteis para a assistência aos que vivem em lares ou abrigos para idosos:

- Use comunicação não-verbal (toque, abraço, aperto de mãos), juntamente com a conversação, porque a idade muitas vezes priva os adultos mais velhos das habilidades sensoriais nas quais confiamos para comunicar-nos.
- Fale com vagar e com cuidado, evitando declarações abstratas. Se você não foi compreendido, tente reformular a mensagem antes de repeti-la.
- Evite repetir perguntas sobre o tempo ou sobre os companheiros de quarto, o que pode tornar-se cansativo. Disponha-se a dar informação sobre sua família ou seu trabalho.
- Permita que a conversação se concentre no passado, sem rememorar fracassos acontecidos. Fale de perdão quando for apropriado, tanto na esfera humana como na espiritual. Use também "o passado no tempo presente" — atualizando e orientando-os para mudanças nas áreas de que participam.
- Entenda o sentimento de haverem sito traídos, não só pela perda de colegas, amigos e família, mas também o que lhes parece ser a suprema traição — a sensação de que já não podem confiar em seus próprios corpos. Hub

bard escreve que "os olhos, a memória, as pernas ou os intestinos dessas pessoas talvez as estejam traindo".[6]

Poderíamos adotar alguns desses mesmos princípios para estimular pessoas idosas onde quer que as encontremos. Como acontece com pessoas de qualquer idade, o segredo está em tratá-las com amor e respeito. Elas detectam imediatamente qualquer tentativa de diminuí-las ou de manipulá-las. Uma senhora de oitenta anos, parenta minha, apanhou-me numa dessas manobras. Alguém me disse que ela estava nas primeiras fases da senilidade, e eu procurava descobrir até onde ela havia chegado. Comecei por fazer-lhe perguntas sobre seu passado e então continuei, dirigindo as perguntas mais e mais para o presente, tendo aprendido que as pessoas com estes problemas têm maior dificuldade com o presente. De repente ela me deteve no meio de meu interrogatório e, olhando-me diretamente nos olhos, disse: "Sei o que você está fazendo!" Fui apanhado completamente desprevenido pela sua acuidade. Eu não a havia tratado como igual, e caí na minha própria armadilha.

Temos feito várias tentativas em nossa igreja para desenvolver um ministério destinado aos adultos idosos, com graus variantes de êxito e fracasso. Havia a necessidade, bem como o nosso desejo de atendê-la, mas tomou-nos algum tempo para descobrir que o segredo estava na liderança certa. Como sempre acontece, Deus sabia exatamente do que necessitávamos. Ele enviou-nos um casal semi-aposentado — um casal afável, hospitaleiro, pelo qual todos imediatamente sentiram enorme afeição. Para nosso maior deleite, eles tinham um forte

desejo de começar um ministério com os idosos. Em maio de 1980 deram início ao que se tornou um significativo ministério de assistência entre pessoas aposentadas. Revendo os começos deste grupo, os dirigentes escreveram:

> Com o passar dos meses, sentíamos a presença do Espírito Santo. Paramos de queixar-nos de nossas dores e sofrimentos e começamos a falar mais acerca do que aprendemos estudando a Bíblia e sobre as orações que víamos respondidas, e também sobre nossa fé em Jesus Cristo.

O ministério adquiriu popularidade. Os idosos sentiram que, afinal, tinham algo que era deles próprios. Outros começaram a freqüentar o grupo. Depois de reunir-se por breve tempo uma vez por semana, resolveram dar ao grupo o nome de "Classe da Alegria".

Um dos problemas que enfrentamos logo de início foi o do transporte. A maioria não tinha carro; alguns sofriam de limitações físicas, e uma senhora era cega. Os dirigentes do grupo entraram em contato com um programa comunitário denominado "Rodas para os Idosos", programa cívico que existe em muitas cidades nos Estados Unidos, e agora um veículo transporta os membros para a igreja todas as terças-feiras.

A Classe da Alegria é a um tempo para estudo bíblico e comunhão assistencial. Cantam hinos, oram e lêem juntos a Bíblia, e também seguem um estudo bíblico estruturado. De entremeio com as reuniões semanais regulares, há freqüentes acontecimentos sociais como passeios, comes-e-bebes, festas de aniversário e viagens de ônibus. Os

membros também fazem chamados telefônicos regulares para os parceiros de oração e oram ativamente pelas necessidades uns dos outros. Sentindo-se desafiados pelas necessidades de nossos jovens, cada um deles escolheu um estudante pelo qual orar. Não estão apenas atendendo às suas próprias necessidades mas também alcançando outros.

A vida está-se tornando mais significativa para esses idosos porque um casal se interessou por eles. Tem-se dito que "Se semearmos sementes de bondade, recolheremos uma colheita de amor". Essas pessoas estão confirmando a veracidade dessas palavras. Algumas delas estão descobrindo a verdade de um verso de C. E. Cowman: "Algumas vidas, como as primaveras, florescem mais belamente no entardecer."

Por sua própria conta

1. Tendo por base Jó 12:12, Salmo 92:12-14, e Isaías 46:3-4, qual é a opinião que tem Deus das pessoas idosas?
2. Em espírito de oração, escolha uma pessoa idosa à qual você expressaria amor (não se esqueça dos pais e avós). Que idéias, extraídas deste capítulo, seriam mais úteis a você no cuidado para com essa pessoa?

10

Cuidando dos Solitários

Parece que a história de muitas pessoas em nosso tempo pode ser descrita com uma única palavra: Solidão! Parece que ela paira com tanta persistência sobre as pessoas como uma nuvem agourenta que priva tanto os jovens como os velhos do sabor da vida. No livro *A Solidão Não Dura Para Sempre,* James Johnson analisa "o mistério da solidão":

> A grande frustração está em procurar entendê-la. É como perseguir bolhas de sabão. Apanhar uma delas nada prova; é apenas uma mancha de produtos químicos que permanece em estado amorfo. Como a bolha de sabão, a solidão pode desafiar a definição.[1]

A solidão não faz acepção de pessoas. Ela, como um cão de caça, persegue a vida de jovens ou velhos, de ricos ou pobres. O escritor Leslie Flynn conta a história de um homem que andava de táxi no Times Square, em Nova Iorque, quando recebeu um bilhete que dizia: "Em vez de dar-me uma gorjeta, prefiro que o senhor converse comigo. Sinto-me solitário. — Seu motorista."[2] Todos nós temos uma necessidade genuína de conhecer pessoas que compartilhem nossas mais profundas preocupações. Quando nos falta tal amizade, pode-

mos cair desesperadamente numa depressão esmagadora. Flynn acrescenta:

> "Vozes Tristes" não é apenas o título de um hino. Alguns conselheiros alegam que a solidão é a doença mais propagada hoje nos Estados Unidos, e lhe deram o nome técnico de *despersonalização sem significado.* Muitos que não se acham isolados no espaço estão ilhados no espírito.[3]

Johnson também comenta sobre quão devastador é este problema. Ele cita uma entrevista com o psicólogo Dr. James J. Lynch, da Escola de Medicina da Universidade de Maryland, na qual Lynch advertia da conexão entre solidão e saúde:

> . . .o isolamento social, a perda súbita de amor e a solidão crônica são contribuintes significativos da enfermidade e morte prematura. Solidão não é apenas empurrar nossa cultura para o ponto de ruptura. . . .Por exemplo, o índice de morte por coronárias entre as viúvas de 25 e 34 anos é cinco vezes maior do que o das mulheres casadas. O índice de morte dos solteirões é 75% mais alto do que o dos homens casados, e quanto aos homens divorciados, o índice de morte é mais do que o dobro. A solidão — isolamento dos outros — cobra uma taxa tremenda.[4]

Para a maioria de nós é óbvio que sentir-se solitário e estar a sós não são a mesma coisa — o tempo que passamos sozinhos é uma interrupção necessária das pressões da vida, e pode ser um momento de grande produtividade. A maioria das

pessoas solitárias, contudo, não vê o problema dessa maneira. Sentem-se sozinhas no meio de uma multidão, e também se sentem solitárias e deprimidas quando a sós. As circunstâncias pouco importam, porque a solidão é emocional — ela vem de dentro.

É provável que o sofredor solitário não entenda seu próprio problema. Talvez ele lance a culpa sobre outros e fique com raiva — até mesmo de Deus. Tudo o que ele sabe é que dói por dentro, e ele deseja alívio, que acredita vir através das pessoas. Algumas pessoas solitárias percorrem grandes distâncias para obter a atenção pela qual anseiam. Lembro-me de um homem, já passado dos noventa anos, que constantemente telefonava para os parentes, com escusas inteligentes, embora algumas vezes frívolas, a fim de conseguir que eles o visitassem. Uma vez ele telefonou para a polícia local, no meio da noite, insistindo em que precisava de ajuda. Quando os policiais chegaram, ele lhes disse que estava com muita fome, mas fraco demais para sair da cama e ir até à geladeira. Com toda a cortesia, os policiais encontraram o alimento que ele havia pedido e serviram-lhe o lanche na cama. Ele estava contente quanto se retiraram, não por causa do sanduíche, mas pela atenção humana recebida.

Desde o princípio Deus sabia que o homem teria esta necessidade de companheirismo atencioso, como vemos na sua declaração de Gênesis 2:18: "Não é bom que o homem esteja só." Evidentemente, Jesus tinha isto em mente quando enviou os discípulos de dois em dois.

Conquanto alguns se vangloriem de "viver bem sozinhos" isto não é normal nem saudável. Outros talvez achem que são cristãos de segunda classe

quando lutam com a solidão, até que se lembrem de que os maiores homens travaram esta batalha. Elias, por exemplo, o grande profeta que derrotou os 450 profetas de Baal no monte Carmelo (1 Reis 18), quando ameaçado por Jezabel, mergulhou na depressão e na solidão. Embora escondido numa caverna no monte Horebe, ele clamou a Deus:

> Tenho sido zeloso pelo Senhor, Deus dos Exércitos, porque os filhos de Israel deixaram a tua aliança, derribaram os teus altares, e mataram os teus profetas à espada; e eu fiquei só, e procuram tirar-me a vida (1 Reis 19:10).

Embora Elias não o soubesse, havia 7.000 outros em Israel que permaneceram fiéis a Deus — mas na ocasião ele estava só e sem o estímulo deles. Quando fugia de Saul, Davi também foi dominado pela solidão. Sentiu-se abandonado de Deus (Salmo 13:1), oprimido pelos que o odiavam (Salmo 42), e às vezes totalmente deprimido e sem esperanças (Salmo 69:1-4).

Até Jesus sentiu a solidão. Se isto causa surpresa ao leitor, lembre-se de que ele lutou com o fardo de fazer-se pecado por nós enquanto orava sozinho no jardim do Getsêmani. Ele disse aos discípulos: "A minha alma está profundamente triste até à morte; ficai aqui e vigiai comigo" (Mateus 26:38). Contudo, os discípulos dormiram, e Jesus teve de lutar sozinho. Quando mais tarde pendia na cruz, e vencido pelo pleno impacto do sofrimento por nossos pecados, ele clamou: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" (Mateus 27:46).

Paulo, o vigoroso apóstolo dos gentios, teve momentos solitários também. O capítulo 4 da

segunda carta a Timóteo registra sua solidão como prisioneiro de Nero. Quase todos os seus amigos haviam partido quando ele enfrentou o julgamento pela primeira vez, por isso apelou para o seu jovem amigo e colaborador, Timóteo:

> Procura vir ter comigo depressa. Porque Demas, tendo amado o presente século, me abandonou e se foi para Tessalônica; Crescente foi para a Galácia, Tito para a Dalmácia. Somente Lucas está comigo. . .
>
> Na minha primeira defesa ninguém foi a meu favor; antes, todos me abandonaram. Que isto não lhes seja posto em conta (2 Timóteo 4:9-11, 16).

Todos esses homens, porém, venceram sua solidão. Cada um deles foi dominado, até certo ponto, enquanto lutava e parecia exaurir seus recursos humanos. Mas também cada um deles descobriu que podia contar com a vitória valendo-se dos recursos divinos. Elias ouviu "um cicio tranqüilo e suave" (1 Reis 19:12). Davi lembrou-se da fidelidade do Senhor para ajudar: "Por que estás abatida, ó minha alma? por que te perturbas dentro em mim? Espera em Deus, pois ainda o louvarei, a ele, meu auxílio e Deus meu" (Salmo 42:11). Jesus concluiu sua oração no jardim, dizendo: "Meu Pai, se não é possível passar de mim este cálice sem que eu o beba, faça-se a tua vontade" (Mateus 26:42).

Paulo também viu a Deus como sua fonte de ajuda. Embora tenha dito a Timóteo que nenhum amigo humano esteve com ele diante de César, ele foi pronto em acrescentar: "Mas o Senhor me assistiu e me revestiu de forças" (2 Timóteo 4:17). E, como que a acentuar a lição que aprendera em

sua solidão, ele faz esta afirmação positiva no versículo seguinte: "O Senhor me livrará também de toda obra maligna, e me levará salvo para o seu reino celestial. A ele, glória pelos séculos dos séculos. Amém."

Observe o padrão comum entre esses gigantes bíblicos, incluindo Jesus, em sua experiência da solidão. Primeiro, descobriram que os recursos humanos não bastam para enfrentá-la com êxito. Segundo, sentiram a necessidade de apoio de outros crentes. Terceiro, descobriram sua principal fonte de energia, e os recursos para vencer, na comunhão com Deus e na submissão ao governo divino, soberano e dominante em suas vidas.

Este padrão diz-nos algo importante sobre o lidar com a solidão: tanto o *fator pessoa* como o *fator divino* são importantes, e devemos aprender a valer-nos de ambos; mas nossa satisfação suprema está somente na comunhão íntima com Deus. Davi tinha o amigo Jônatas, mas ele derivava sua força da comunhão com Deus. Paulo contava com o amigo Lucas, mas no final ele foi encorajado pelo Deus que o assistiu.

Deveríamos ter como alvo levar as pessoas ao ponto em que elas confiem em Deus como a resposta suprema à sua solidão. A assistência não deve jamais reduzir-se a uma solução humanística dos problemas. Devemos aprender a amar no nível humano, mas no processo, também levar as pessoas à Fonte onde podem saciar a sede!

Chamou-me a atenção para este equilíbrio de elementos humano e divino a vida de uma mulher que perdera o marido. Havíamos trabalhado muito para mostrar amor ao casal, e eles haviam reagido com bondade, revelando grande capacidade de

amar a outros. Sempre insistimos com eles, porém, que o contentamento provém de uma crescente comunhão com Deus. Certo dia, após a morte do marido, a mulher me telefonou para dizer que na noite anterior ela sentira saudades e ficara muito tempo acordada chorando. Em meio às lágrimas ela lembrou-se de que apenas uma semana antes havia feito uma relação de dez coisas para quando se sentisse assim. Depois de pôr em prática alguns dos itens, ela voltou para a cama e adormeceu. Ela me deu a receita do que fazer quando a solidão a dominava:

1. *Orar* — para que o Espírito Santo de Deus o conforte e encha o vazio do seu coração.
2. *Chorar* — lavar o coração e a alma.
3. *Fazer* — algo em favor de alguém.
4. *Orar* — a favor de outros. Alguns dos problemas alheios podem fazer que os seus pareçam insignificantes.
5. *Exercitar* — sair a passeio, plantar flores, podar a grama, lavar o carro, limpar a casa, a garagem, o porão ou o sótão.
6. *Tornar agradável* — sua aparência. Se você tiver uma aparência melhor, sentir-se-á melhor.
7. *Convidar* — alguém para almoçar ou jantar, ou levá-lo para comer fora.
8. *Buscar* — um passatempo. Leia a Bíblia regularmente e entre para um grupo de estudo bíblico. Faça trabalho voluntário.
9. *Contar* — as bênçãos que você tem recebido e maravilhar-se da bondade de Deus para com você.
10. *Ler* — uma promessa especial da Bíblia. Para mim tal promessa é Jeremias 29:11: "Eu é

> que sei que pensamentos tenho a vosso respeito, diz o Senhor; pensamentos de paz, e não de mal, para vos dar o fim que desejais."

Aqui há algo, para cada um de nós, no combate à solidão. Lembra-nos que embora necessitemos uns dos outros, a resposta final à solidão encontra-se numa estreita e satisfatória comunhão com Deus. Contudo, quando estamos solitários, é confortador saber que Deus se utiliza das pessoas para ajudar pessoas.

Talvez não haja lugar em que a solidão pareça mais imprópria do que na igreja. Aquilo que para alguns é uma comunhão aconchegante e realizadora, pode ser exatamente o contrário para outros. A escritora Juanita Wright registrou algumas dessas vozes tristes: "Às vezes sinto-me mais solitária na igreja do que quando estou sozinha. . . .O período mais solitário de minha semana começa às 11 horas da manhã de domingo."[5]

Ao estudar a incitante frase de Isaías 40:1, "Consolai, consolai o meu povo", Gaines Dobbins cita o grande pregador J. H. Jowett, quando lhe perguntaram a que ele daria ênfase se a sua vida dependesse desse versículo. Jowett respondeu com perceptível emoção: "Eu me especializaria em compaixão e consolo!"[6] Eis um ministério que está ao alcance dos cristãos comuns: trazer compaixão e consolo aos que se acham solitários. Eis algumas sugestões práticas para tornar agradáveis as vidas das pessoas que sofrem:

Visitar. Para a pessoa solitária, nada é tão importante quanto uma visita. É um modo muito prático de dizer: "Preocupo-me por você." Tenho visto, muitas vezes, o rosto de uma pessoa idosa ou divorciada iluminar-se ao receber-me à porta. Nem

mesmo é necessário que eu tenha um motivo para a visita — basta dizer: "Eu estava pensando em você, por isso resolvi dar uma chegada." Às vezes as pessoas solitárias estão de tal modo famintas de companheirismo humano que falam o tempo todo. Falam a respeito dos filhos, dos netos, dos seus trabalhos, ou de seus passatempos. Então, quando me retiro, expressam com entusiasmo seu apreço por eu ter parado para conversar — e mal cheguei a dizer alguma coisa!

Telefonar. O telefone é um instrumento que proporciona acesso imediato a outra pessoa. Se soubermos usá-lo, podemos transformar esse breve contato em algo atencioso. Nossa afeição e amabilidade podem dar ânimo à vida da pessoa que se encontra no outro lado da linha. Um conselho muito útil sobre o uso do telefone é: trate sua "visita" por telefone como se ela estivesse presente. Ponha afeto e afeição na voz e seja agradável. Ponha na voz a tonalidade que diz: "estou contente em ouvi-lo".[7]

Escrever um bilhete. Um breve bilhete dizendo "estou pensando em você" ou um apropriado cartão de cumprimentos também são muito significativos. As pessoas solitárias, especialmente, gostam de corresponder. Uma nota estimulante pode ser um antídoto eficaz à solidão, um levantador de ânimo, mas não deve ser exortativa nem excessivamente emocional. Um cartão de aniversário, umas palavras de agradecimento por um serviço bem feito, ou apenas uma mensagem dizendo: "Orei por você esta manhã," causam grande efeito.

Convidar. As pessoas solitárias anseiam comunicar-se com outros. Muitos recomendariam que as convidássemos para ir à igreja, e é, sem dúvida,

uma boa sugestão. Mais significativo, porém, é *levá-las* à igreja, sentar-se ao lado delas, apresentá-las aos amigos, incluí-las em nossa conversação, e convidá-las para jantar conosco. Um convite somente, por bem-intencionado que seja, pode parecer que se trata apenas de um gesto cortês para com a pessoa solitária. Muitas vezes ignoramos totalmente os temores que se apoderam de tal pessoa, tais como o pavor de entrar numa sala cheia de gente, todos engajados no que parece ser uma conversação feliz.

Um exemplo disto é a uma mulher divorciada que contou-me sentir-se muito desconfortável e indesejada sempre que ia à igreja. Ela deu testemunho de uma fé crescente em Jesus Cristo. Não obstante, possuía um forte senso de ser uma excêntrica numa sociedade orientada para famílias. Tais pessoas necessitam de alguém que se interesse por elas a ponto de as convidar para o seu círculo de amigos e as fazer sentir-se amadas e desejadas.

Ao contar sua experiência de divórcio, Amy Ross Young acentua a importância de "um grupo de bons amigos. O número não tem importância; tem-na a mistura certa. Meu grupo inclui solteiros, alguns casais, algumas pessoas mais velhas que conheço desde a infância — e muitos casais de minha própria faixa etária."[8]

Podemos ajudar a pessoa solitária a encontrar um grupo de bons amigos que satisfaça às suas necessidades e orar por ela.

Um escritor anônimo resumiu o significado de cuidar das pessoas solitárias nesta linha que nos obriga a pensar: "Meça sua semelhança com Cristo pela sensibilidade que você tem para com a solidão dos outros."

Por sua própria conta

1. Leia acerca do notável encontro registrado em 1 Reis 19:9-18. Como foi que Deus capacitou Elias a vencer sua solidão?
2. De acordo com 2 Timóteo 4:9-18, que é que fez Paulo sentir-se solitário, e como venceu ele as circunstâncias?
3. Você é dado a períodos de solidão? Reexamine a lista de dez coisas que fazer quando a solidão é esmagadora apresentada neste capítulo, e a seguir elabore a sua própria relação. Não se esqueça de selecionar um versículo-chave para decorar, de modo que possa meditar nele em tais ocasiões. Guarde esta lista onde lhe seja fácil encontrá-la.
4. Em espírito de oração, decida *quando e como* irá ajudar alguém que você sabe ser solitário, escolhendo, talvez, uma das quatro sugestões práticas apresentadas neste capítulo como meio de expressar seu cuidado.

11

Cuidando dos Enfermos

Nossa sociedade vive obsedada com a boa saúde. Não só a desejamos, mas parece que a exigimos. Quando a enfermidade ataca, imediatamente indagamos: "Por que eu?" Talvez achemos que estamos à mercê das voltas caprichosas de alguma roleta. Ou tememos estar sendo punidos por algum pecado passado. Temos medo de sofrer, e achamos que a vida não foi criada com tal intenção.

O teólogo britânico J. I. Packer trata deste problema num artigo interessante e útil, curiosamente intitulado: "Saúde pobre pode ser o melhor remédio." Diz ele:

> Hoje, porém, deslumbrado pelas maravilhas da medicina moderna, o mundo Ocidental sonha em abolir por completo a má saúde, aqui e agora. Conscientizamo-nos da saúde numa forma que, em si mesma, é um tanto enferma, e certamente não tem precedentes — nem mesmo na antiga Esparta.
>
> Por que fazemos dieta a corremos e praticamos todas as demais coisas que melhoram e sustentam a saúde, e nisso colocamos tanta paixão? Por que estamos tão absorvidos em buscar com afã a saúde do corpo? Estamos correndo atrás de um so-

> nho, o sonho de nunca ficar doente. Estamos chegando a considerar a existência livre de dor como um direito natural do homem.[1]

Estamos, de fato, "correndo atrás de um sonho"? Esta pergunta apresenta problemas especiais para o cristão. A pessoa que acha que vive em um mundo de acasos luta menos com a aceitação intelectual das inesperadas reviravoltas da vida, por dolorosas que sejam. O cristão, porém, crê num universo de ordem sob o controle de um Deus amoroso. Como se arranja ele com as experiências incertas que parecem contraditar a compreensão que ele tem deste Deus amoroso? Alguns resolvem o problema declarando que a cura, como parte da expiação, é o direito inalienável de todo verdadeiro cristão. Tudo o que se tem de fazer é ter fé. O corolário dessa proposição é que se não somos curados, simplesmente nos faltou fé. O Dr. Packer reage fortemente contra esta opinião:

> É aqui que, com delicadeza mas com firmeza, ofereço minha objeção. Este raciocínio é errôneo — cruel e destrutivamente errôneo — como sabe muito bem todo aquele que buscou a cura miraculosa e não a encontrou, ou aquele que foi solicitado a ajuntar os pedaços da vida de outros que passaram por essa experiência. Dizer-lhe que a cura tão desejada lhe foi negada por causa de alguma falha em sua fé quando a pessoa labutou e esforçou-se por todos os meios conhecidos para devotar-se a Deus e "crer para receber a bênção", é ser arremessado à aflição, ao desespero e a um senso de abandono de Deus.[2]

Charles Farah Jr., escritor que vem de uma formação em que a cura tem sido um importante artigo de fé, parece concordar com Packer. Ele cita a trágica experiência de um casal que, crendo que Deus curaria seu filho diabético, parou de dar-lhe a dosagem receitada de insulina. Três dias depois o filho morreu. Após lutar com este problema, Farah conclui: "Há diferença entre fé e presunção." A seguir ele comenta:

> A cura é um negócio tão complexo que ninguém, exceto Deus, tem realmente as respostas. . . .Levou-me muitos anos para chegar à convicção de que o Deus de variedade infinita tem muitos modos diferentes de curar e que todos são evidências de sua graça providencial. . . .Se Deus é a Fonte de toda cura e Jesus é nosso modelo, por que não aceitar a ciência médica e a cura pela oração como igualmente providas pelo cuidado amoroso de nosso Pai? Por que faríamos milhões de cristãos sinceros, cheios do Espírito, sentir-se culpados por usar a medicina quando ela é, também, parte do grande plano curador de Deus?[3]

Sim, este correr atrás de um sonho, para muitos é, deveras, uma viagem em direção à culpa. Quando não recebem a cura que tanto buscam e pela qual oram, segue-se uma grande sondagem do coração. Perguntas não respondidas inundam a mente, bem como sentimentos de haverem sido tratados injustamente — "outros foram curados; por que não eu?" Então surge a ira, bem como a depressão. Mas o fato inegável é que nem todos são curados, e não há respostas fáceis. Por motivos que

só ele sabe, Deus decide não curar algumas pessoas. Até o grande apóstolo Paulo, a quem Deus usou com tanto poder para curar muitos outros, teve de deixar seu colaborador, Trófimo, doente em Mileto (2 Timóteo 4:20).

Talvez as mais importunas perguntas em tempos de enfermidade sejam as irrespondíveis. Uma senhora idosa entra no hospital para a sua vigésima-quinta rodada de uma grande cirurgia. Ela me pergunta com um olhar de tristeza: "Pastor, por quê?" As vezes o doente pergunta: "Por que eu? Que foi que fiz?" Os discípulos fizeram pergunta semelhante quando viram o homem cego de nascença: "Mestre, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego?" (João 9:2). A resposta de Jesus não foi a que esperavam: "Nem ele pecou, nem seus pais; mas foi para que se manifestem nele as obras de Deus" (9:3). Em sua soberania, Deus permitiu que tal acontecesse para a realização de seus propósitos.

Dennis Saylor, capelão do hospital de Albuquerque, sugere que nossa submissão aos propósitos soberanos de Deus deveria levar-nos a formular um tipo diferente de pergunta: "Talvez, em lugar de perguntar 'Por que eu?' uma pergunta mais construtiva e produtiva seria: 'O quê, Senhor?' "[4]

Para formular esta última pergunta, devemos recorrer ao Senhor a fim de descobrirmos o que ele deseja que aprendamos por via da experiência. Devemos lembrar-nos de que Deus não nos selecionou como um alvo para sua vingança; antes, sucumbimos à enfermidade simplesmente porque somos humanos. Estamos sujeitos às mesmas bactérias como o estão nossos vizinhos incrédulos.

Contudo, como cristãos temos certas vantagens

ao enfrentar a enfermidade. Sabemos, por exemplo, que Deus pode proteger-nos porque isso se ajusta ao seu propósito para nós numa hora especial — como ele fez com os filhos de Israel durante seus quarenta anos de peregrinação no deserto. Por outro lado, talvez ele nos permita experimentar a enfermidade — tal como o "espinho na carne" de Paulo (2 Coríntios 12:7-10), espinho que, no dizer de Paulo, o impediria de ensoberbecer-se. Três vezes Paulo orou pedindo a cura que não teve, e a resposta de Deus foi: "A minha graça te basta" (v. 9). A graça de Deus é sempre comensurada com nossa capacidade de resistir. Paulo aprendeu que Deus mostraria seu poder com maior eficácia num corpo exteriormente fraco. Visto que isso daria glória a Deus, o apóstolo testificou que "de boa vontade" aceitava qualquer coisa que Deus trouxesse à sua vida.

Conheço uma mulher que estava ensinando sua classe de Escola Dominical quando caiu desmaiada. Ela sentiu um aperto no peito e caiu ao chão vítima de um ataque cardíaco. Mais tarde, na U.T.I. de um hospital da vizinhança, ela confidenciou que o ataque a tomara completamente de surpresa. Mas também ela me disse: "Pastor, estou pronta para o que der e vier da parte do Senhor." Podemos aliviar-nos de muita luta desnecessária se descansarmos no que Deus soberanamente nos designar, e em seguida aprender o que ele tem para ensinar-nos através da experiência.

O cristão sempre tem nas Escrituras uma fonte principal de ajuda através das várias lutas da vida. A primeira epístola de Pedro é uma porção especialmente útil para a qual voltar-nos na hora da enfermidade. Nessa carta o apóstolo dirige-se aos

sofredores de todo o mundo. Pedro vê o sofrimento como a experiência normal do crente, e sua carta contém várias passagens-chave utilíssimas para meditação durante a enfermidade.

Nos versículos 6 e 7 do primeiro capítulo, Pedro diz-nos que devemos estar cientes de que Deus permite que seus filhos passem por curtos períodos de provação para testar-lhes a fé:

> Nisso exultais, embora, no presente, por breve tempo, se necessário, sejais contristados por várias provações, para que o valor da vossa fé, uma vez confirmado, muito mais precioso do que o ouro perecível, mesmo apurado por fogo, redunde em louvor, glória e honra na revelação de Jesus Cristo. . . .

Observe que ele diz que esta provação é por breve tempo. O tempo não é como nós o vemos, mas como Deus o vê à luz da eternidade. A finalidade é que nossa fé seja fortalecida e aperfeiçoada, assim como o ouro é apurado através do aquecimento. Há momentos em que a doença é uma prova dessa natureza. Não há motivo para sentir-nos culpados, e temer estarmos sendo punidos por pecado que cometemos.

Outra passagem-chave encontra-se no capítulo 4, versículos 12 e 13:

> Amados, não estranheis o fogo ardente que surge no meio de vós, destinado a provar-vos, como se alguma coisa extraordinária vos estivesse acontecendo; pelo contrário, alegrai-vos na medida em que sois co-participantes dos sofrimentos de Cristo, para que

> também na revelação de sua glória vos alegreis exultando.

Pedro acautela-nos, nesta passagem, a não pensarmos que tais provações são estranhas à vida cristã. Cristo sofreu na terra, e o mesmo se dará conosco. Devemos aceitar a enfermidade como um intruso doloroso. Devemos até regozijar-nos, visto que nos identificamos com Cristo em seus sofrimentos, e aguardamos com ansiedade a participação de sua glória.

A terceira passagem que gosto de citar é 1 Pedro 5:10; ela é como respirar ar fresco: "Ora, o Deus de toda a graça, que em Cristo vos chamou à sua eterna glória, depois de terdes sofrido por um pouco, ele mesmo vos há de aperfeiçoar, firmar, fortificar e fundamentar." Aqui, de novo Pedro diz que o sofrimento é passageiro. Os resultados, contudo, são permanentes. O grego aqui sugere que Deus fará o sofredor "sólido como o granito" e "o encherá de força" (de caráter), havendo lançado novos fundamentos em sua vida. Tais são as possibilidades que Deus oferece numa hora de enfermidade. Existe algo melhor que poderíamos fazer do que confiar em sua palavra e descansar em seu cuidado soberano?

Dar entrada num hospital para uma intervenção cirúrgica é sempre uma experiência amedrontadora, carregada de incerteza e confusão.

Bruce Shelley identificou três períodos básicos que o paciente de cirurgia tem de enfrentar: 1) a noite anterior e as primeiras horas do dia da operação; 2) os três dias ou tanto após a cirurgia em que os sinais vitais são baixos e é muito provável que ele esteja sob o efeito de anestésicos; e 3) os quatro dias ou

mais de retorno à mobilidade e aos sinais vitais mais fortes. O paciente necessita de apoio e encorajamento nesses períodos. Shelley sugere que há, pelo menos, três disposições de ânimo fundamentais que correspondem àquelas fases: 1) *medo,* quase sempre faz parte das horas antes da operação; 2) *sentimento de solidão,* comum durante os seis ou sete primeiros dias; e 3) *depressão,* comum por volta do quinto ou sexto dia por causa da impaciência com os índices de recuperação.[5] É importante ter em mente essas necessidades quando se visita um paciente, quer num quarto de hospital, quer em seu lar.

A despeito da movimentação, o hospital é um lugar solitário, e as visitas têm grande significado. Não vá, porém, com alvos elevados de ministrar a um auditório cativo, especialmente quando a pessoa está muito mal. Seja moderado, cuidadoso, atencioso e refreie-se — assim você ganhará muito mais terreno. Damos a seguir algumas diretrizes para o cuidado de uma pessoa doente.

1. *Visita antes da cirurgia.* O período anterior à operação é crucial e será de grande significado para o paciente e para sua família ter algum apoio assistencial. Se você acha que não lhe convém ir pessoalmente, é bom chamar um pastor evangélico. A visita seria feita na noite anterior, ou logo de manhã, cerca de uma hora antes da cirurgia. Este é um momento para palavras tranqüilizadoras, um toque suave, a leitura de um Salmo, e uma oração pedindo a presença e a direção de Deus para a cirurgia.

2. *Atendimento à família.* Muitas vezes levo membros da família do paciente para tomar um café ou uma refeição durante a espera aparente-

mente interminável enquanto a pessoa amada está na cirurgia. Isto diz-lhes do meu cuidado e também ajuda a passar o tempo. Há, contudo, outros modos de ajudar a família: tomar conta de crianças pequenas, liberando a mãe para visitar o hospital; trazer alimento para a família enquanto um membro está doente e há pouco tempo para cozinhar; oferecer para levar e trazer as pessoas do hospital. Tudo isso representa gestos de amor durante as horas de tensão.

3. *Visita depois da operação.* Isto é importante, mas não vá cedo demais, como no dia da operação. Muitas vezes o paciente está sob o efeito de sedativos e talvez nem se lembre de sua visita. Em geral, somente a pessoa amada mais próxima é que deve estar presente durante esse período. A mesma norma se aplica também ao dia posterior a uma operação importante, quando o paciente estaria sofrendo o maior desconforto.

Muitas vezes o segundo dia é bom para visitas (se estiver em dúvida, entre em contato com a família). Há, porém, certas áreas do hospital que a pessoa não poderá visitar, a menos que se trate de um parente chegado ou de um pastor: a Unidade de Tratamento Intensivo (U.T.I.), a Unidade de Terapia Coronariana (U.T.C.) e certas áreas de isolamento. (Se você não estiver seguro, informe-se.) Outra área com acesso limitado é o Pavilhão da Maternidade, onde normalmente só a família imediata tem permissão de visitar. Nos casos mais críticos sua melhor ajuda pode ser dada à família, que estaria passando longas horas na sala de espera.

4. *Seja discreto!* Em geral, as visitas devem ser breves — cerca de quinze minutos. Na maioria das

vezes, apenas duas pessoas, ou talvez três tenham permissão de ficar no quarto ao mesmo tempo. Seja comedido, não só por deferência ao paciente que você visita mas também em consideração aos demais pacientes que estejam no mesmo quarto. Não fale em voz alta; não faça brincadeiras; em hipótese alguma se assente no leito do enfermo!

5. *Seja encorajador.* Há certas coisas que não se devem discutir num quarto de hospital ou na casa do enfermo. Por exemplo, não é o momento propício para contar suas experiências de cirurgia, ou as de um amigo ou parente. Não investigue o estado de saúde do paciente, pode ser que ele ache ser um assunto por demais pessoal para discutir. Não dê conselhos médicos e não comente sobre os gastos com o tratamento. (A exceção a esta regra é se a pessoa está-se recuperando bem, e se você quer ajudar com as despesas.)

Você pode comunicar coisas positivas, como uma notícia estimulante do "mundo lá fora". Diga também que você está orando pelo paciente. Pode também mencionar o cuidado que a família dele está recebendo. Aqui, também, uma breve leitura dos Salmos é muito tranqüilizadora, juntamente com um breve momento de oração.

6. *Continue a mostrar interesse.* Se o período de hospitalização for longo, talvez você queira visitar duas vezes por semana. Se ninguém mais estiver visitando a pessoa, essas visitas podem ser mais freqüentes. Nesse caso as visitas seriam um pouco mais demoradas, mas deve observar a maioria das regras acima. Quase todos os pacientes gostam de receber bom material de leitura durante a fase de recuperação, e em muitos casos gostariam que você lesse para eles.

Por sua própria conta

1. Nos versículos seguintes, ou em algumas passagens bíblicas de sua própria escolha, faça a relação de algumas verdades úteis que você transmitiria a uma pessoa doente. 2 Coríntios 12:9-10; 1 Pedro 1:6-7; 4:12-13, e 5:10.
2. Faça você mesmo uma pequena pesquisa, e selecione alguns livros ou revistas que deveria ter em mãos para dar às pessoas enfermas.

12

Cuidando dos Aflitos

"Ninguém jamais me disse que o pesar se parecia tanto com o medo."[1] O pesar é uma experiência universal. Todo ser humano é lançado nesta luta implacável uma ou mais vezes durante sua existência. Contudo, a universalidade do pesar não torna mais fácil a sua compreensão. Gary Collins comenta: "A morte e o pesar são problemas difíceis de enfrentar. Quando eles chegam, lutamos com todos os recursos de que dispomos, mas bem que preferiríamos não falar sobre eles."[2] Haddon Robinson descreve a aflição como uma experiência do deserto: "Uma das experiências do deserto pela qual passamos na vida acontece quando nos morre um ente querido. Tão certamente quanto a morte se segue à vida, assim é certo que nós mesmos tropeçaremos nessa região e teremos de cuidar dos outros que fazem essa jornada."[3]

Que é aflição? Collins a define simplesmente como "uma reação importante, normal, à perda de qualquer objeto significativo ou pessoa. . . .Na verdade, sempre que se remove uma parte da vida, há aflição."[4] Em geral, nossa tendência é pensar na angústia em conexão com a morte, mas a experimentamos após numerosas perdas na vida: divórcio, aposentadoria, um filho que deixa o lar, a perda de um objeto de estimação, isso para citar umas

poucas. Mas é provável que a morte seja a aflição mais difícil de enfrentar.

O capítulo 15 de 1 Coríntios refere-se à morte como "inimigo" que um dia será destruído. Essa passagem também descreve a morte como tendo um "aguilhão", sugerindo a dor e sofrimento que associamos com ela. É-nos difícil aceitar a morte como parte do ciclo da vida. Contudo, o escritor da carta aos Hebreus deixa claro que a morte não só é inevitável, mas deliberadamente planejada para nós: "aos homens está ordenado morrerem uma só vez" (Hebreus 9:27).

Ao contender com a perda, é bom lembrar que nosso Salvador estava familiarizado com a morte, e ele sabia o que era padecer. Isaías falou dele como "homem de dores e que sabe o que é padecer" (53:3). Os Evangelhos apresentam-no assistindo a pessoas enlutadas, como a família de Lázaro (João 11). O lado humano de Jesus se revela quando ele não se envergonha de chorar junto ao túmulo do seu amigo. Os presentes ficaram tão comovidos por esta mostra de emoção que exclamaram: "Vede quanto o amava!"

O pesar é uma reação humana normal à perda. A despeito do que a sociedade diga, é importante que nos entristeçamos. Arthur Freese ressalta que muitas vezes nos referimos a esta experiência, ou processo, como "obra da aflição", expressão introduzida por Sigmund Freud e que descreve a tarefa do luto. Ela é obra, é dolorosa, lenta e repetitiva.[5] Após a morte dum esposo, por exemplo, as pessoas me perguntam a respeito da viúva: "Pastor, como vai ela? Está suportando bem?" O que pretendem dizer com essas perguntas, quase sempre, é que os cristãos fortes devem agüentar estoicamente: embo-

ra feridos por dentro, devem exibir um exterior de que tudo vai bem. As pessoas tendem a pensar que este comportamento é sinal de que o cônjuge sobrevivente vai bem e acabará vencendo. Nada se distancia mais da verdade: esses aparentes sinais de força podem, na realidade, ser sinais de perigo. William Miller, capelão de hospital, faz uma necessária advertência contra atribuir expectativas irrealistas a uma pessoa aflita:

> A voz interior que inibe a pessoa que sofre e a pressão externa da "sociedade" para ser estóico juntam-se e formam uma conspiração contra a natureza do sofredor, que deve expressar com autenticidade os reais sentimentos da experiência aflitiva. E a conspiração tem êxito toda vez que a pessoa aflita obedece e "coopera". O suprimir com êxito os vários sentimentos de pesar pode ganhar a aprovação da sociedade ("Céus, e não é que ela resistiu bem?!"), mas o preço da dor da perda deve ser pago. A psique humana exigirá o pagamento com juros.[6]

Em um de seus livros, Miller declara que suprimir as emoções do pesar é criar dificuldades para mais tarde. A fim de esclarecer este ponto, ele cita a escritora Sylvia Plath, que se lembra de ter sido dominada pela angústia reprimida em virtude da morte do pai, quando mais tarde ela foi visitar-lhe o túmulo:

> ". . .as pernas se me dobraram, e sentei-me na grama molhada. Eu não conseguia entender por que chorava tanto. Lembrei-me, então, de nunca haver chorado pela morte

> de meu pai. Minha mãe também não havia chorado. Ela simplesmente sorria e dizia que para ele a morte foi um ato de misericórdia, porque se ele tivesse vivido, ficaria paralítico pelo resto da vida. . . ele preferiria a morte a ficar paralisado. Encostei o rosto na superfície lisa do mármore e gritei minha perda na chuva fria."[7]

O sintoma inicial do pesar muitas vezes é um choque, um meio saudável de defesa de nossos sistemas numa hora de repentina tensão. Donald Howard, pastor australiano, ressalta com sabedoria que este sintoma é tão natural para os cristãos quanto o é para os incrédulos: "a pessoa que perdeu um ente querido pode agir como se nada tivesse acontecido. O 'brilho' de algumas pessoas num funeral talvez seja sintomático de choque e não de fé cristã."[8]

Passado o choque, e quando menos esperamos, emergem outros sintomas de pesar que exigem expressão. Isso também é normal. Disse-me uma viúva, meses após a morte do marido: "Choro um pouquinho quase todos os dias." As expressões de dor podem ser variadas, confusas ou mal interpretadas, mas devem ser exteriorizadas. William Miller diz: "minha observação é que o esgotamento é o que manterá o aflito inteiro e integrado."[9]

Em 1969, a psiquiatra Elisabeth Kubler-Ross esboçou o que ela crê serem as fases pelas quais uma pessoa passa no processo do pesar. Embora nem todos concordem quanto ao número de fases, ou que o processo da angústia sempre ocorra em passos tão bem definidos, o fato de expor-nos a tal progressão ajuda-nos a entender a angústia e a

estar mais bem preparados para servir a outros.[10]

Em seu excelente livro sobre assistência pastoral, Wayne Oates oferece um esquema que mostra as cinco fases da obra do pesar. Ele arrola esses cinco passos como uma "Reação do Paciente", reação normal ao tomar conhecimento de uma enfermidade terminal. A seguir ele mostra cinco passos correspondentes de envolvimento por parte da família, dos médicos, e do pastor. Cada conjunto de passos desempenha um importante papel, mas o esboço de Oates sobre a reação do paciente é especialmente útil para os que desejam compreender o que outra pessoa enfrenta no processo do pesar:

1. *Negação.* Descrença, isolamento; a decisão de partilhar ou não os sentimentos acerca da morte que se aproxima.
2. *Ira.* Encontrar objetos adequados para a ira (por exemplo: o médico, os membros da família, o pastor, e até Deus).
3. *Barganha.* Rever as infidelidades passadas para com o homem e para com Deus. Reversão à imagem do eu como uma pessoa de "sorte" ou "sem sorte".
4. *Desespero.* Depressão. Lamento pela perda de partes do corpo, alterações na aparência, incapacidade. Desespero por causa de excessivos custos médicos, perda de emprego.
5. *Aceitação.* Aumento das horas de sono — exatamente o contrário de diminuí-las, como acontece com as crianças. "Um último descanso antes de uma longa viagem." "Combati com todas as minhas forças."

Conquanto Oates otereça esses como os passos angustiantes para uma pessoa moribunda, os so-

breviventes terão semelhantes experiências de pesar. Lembre-se, porém, de que é possível que algumas pessoas experimentem apenas parte desta progressão, e talvez em ordem diferente. Também, algumas fases se repetem sem motivo aparente, conforme C. S. Lewis descreve sua experiência após a morte da esposa:

> Hoje à noite todos os infernos do pesar recente abriram-se de novo, as palavras loucas, o ressentimento amargo, o estômago alvoroçado, a irrealidade do pesadelo, as lágrimas vertidas. Pois na aflição nada "permanece na mesma posição". Continua-se emergindo de uma fase, mas ela sempre recorre. Rodeia e rodeia. Tudo se repete. Estou andando em círculos, ou atrevo-me a esperar que estou numa espiral? Se, porém, numa espiral, estou subindo ou descendo?[11]

É dolorosamente óbvio que não superamos com facilidade a perda de uma pessoa amada. O choque inicial, como que por misericórdia, tem um efeito entorpecente. O impacto real da perda possivelmente durará meses, e até anos. Mesmo então, exatamente quando pensamos haver superado a situação pode ser que ela retorne, conforme C. S. Lewis a descreve. Tem-se referido ao pesar como "território não mapeado". Tateamos nosso caminho através do que parece um interminável, e talvez infinito, labirinto de emoções. Lewis pinta um quadro do pesar como "um longo vale, um vale serpeante, onde qualquer curva pode descortinar um panorama inteiramente novo".[12]

A luta parece infinda, mas Deus, em sua bonda-

de, traz cura, estabilizando o pranteador uma vez mais. Uma jovem mãe comentou, diversos anos após a perda do filhinho de cinco anos: "Não se consegue ter lembranças felizes enquanto não se passar pelas tristes." A pessoa aflita geralmente emergirá da luta emocional fortalecida e capaz de deleitar-se com os tempos felizes que a memória respigou do passado. Entrementes, nossa tarefa como cristãos que cuidam é apoiar com amabilidade tal sofredor enquanto ele luta ao longo desse caminho incerto.

Quase todos nós nos sentimos mais à vontade cuidando dos solitários, dos enfermos, dos idosos, ou até dos divorciados, do que dos que sofreram a perda de um ente querido. Temos a tendência de sentir-nos incômodos sobre como ajudar uma pessoa aflita. Uma viúva que havia recebido grande dose de estímulo de outra senhora da igreja, resumiu tal ajuda ao sorrir e dizer, com óbvio apreço: "Ela estava sempre presente quando eu precisava dela." O cuidado com as pessoas que perderam entes queridos não é tanto uma questão de palavras ou de atos quanto o é de apoio silente, gentil; oferecer-nos a nós mesmos como alguém em quem possam apoiar-se, alguém pronto para ouvir, alguém que espera com paciência, sem fazer comentários, enquanto as lágrimas são enxugadas e a história de "como ele morreu" é contada e recontada. Alguém disposto a ouvir o relato tantas vezes repetido de "que grande sujeito era ele".

Nas fases iniciais de choque e negação, é importantíssima a terapia de "simplesmente estar presente". Haddon Robinson escreveu um excelente livrete sobre o pesar. Nesse livrete, um instrumento muito útil na assistência a outros, ele fala do

importante ministério que os amigos podem exercer na primeira "Fase de Crise":

> Acima de tudo, devem estar presentes. As pessoas desejam amigos durante a angústia, e o consolo vem quando a pessoa despojada sabe que não está sozinha. Quando surge uma necessidade, cuidam dela. Fazer o papel de babá, dar telefonemas, providenciar alimento, lavar a roupa, levar recados, fornecer transporte e uma série de outros detalhes da vida podem facilmente ser esquecidos a menos que um amigo os realize.

Robinson identifica a fase seguinte como "Fase de Crisol", um período de sofrimento mais intenso que pode durar três meses ou mais. É quando muitos laços emocionais com o passado devem ser tratados e cortados. Robinson compara esses laços às cordas que amarravam Gulliver, o viajante fictício de Jonathan Swift: "Como nas *Viagens de Gulliver,* em que o herói é amarrado à terra pelas cordas dos liliputianos, do mesmo modo o que sofre pesares está amarrado por mil e uma cordas emocionais à pessoa falecida." Neste período nossa presença física é também importante, conforme acentua Robinson: "O final da tarde parece especialmente difícil e o mesmo se dá com as noites."[13] Poderíamos convidar essa pessoa para uma refeição, um passeio, ou uma ida a um "shopping center". Sobre tudo, é importante ouvir sem oferecer comentários. Nossa parte é ouvir com compaixão os sentimentos que a pessoa desolada expressar — até mesmo a ira. Também seria útil oferecer-lhe algum material de leitura.

A fase final da progressão do pesar é o que Wayne Oates chama de "Aceitação", e Haddon Robinson denomina de "Fase de Construção". Esta é a época em que a pessoa aflita começa a sair de sua depressão e reconstruir a vida sobre novos alicerces. Robinson insiste: "As pessoas precisam ser estimuladas a engajar-se em atividades tão-logo tenham energia emocional para despender nelas."[14] Aqui entramos com estímulo e até com apoio prático, ajudando a pessoa a voltar a uma vida ativa, renovando atividades e relacionamentos que outrora desfrutou. Robinson sugere:

> A esta altura algumas pessoas conseguem um emprego. Embora haja atividade voluntária disponível, um emprego onde o sofredor sinta uma responsabilidade mais forte para com o empregador pode ser até mais útil. Mesmo no caso de homens e mulheres que não tenham de trabalhar para ganhar a vida, podem usar o trabalho como sustentador da vida. Outros matriculam-se numa faculdade como meio de estabelecer novos e criativos padrões de vida.[15]

Todos nós sofremos aflição, mas não precisamos deixar-nos vencer por ela. Os que aprenderam a andar em comunhão com Cristo estarão mais bem preparados. Davi falou desta fonte de força ao dizer com tanta beleza: "Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal nenhum, porque tu estás comigo: a tua vara e o teu cajado me consolam" (Salmo 23:4). Essas palavras tranqüilizadoras vêm de um homem que aprendeu a reconhecer a perfeição e a segurança do Pastor sempre presente. Este tipo de consolo resulta de conservar-

mos cuidadosamente nossa comunhão com Jesus e de aprendermos a concentrar nossas vidas nele. Conforme declara Robinson: "A aflição diminui quando temos um centro eterno para nossas vidas."[16]

Matthew Henry, o grande comentarista bíblico do século dezoito, deu um testemunho estimulante ao prever sua própria morte. Visto como ele não queria que seus amigos e amados sofressem indevidamente, escreveu a seguinte mensagem para ser lida depois do seu passamento:

> Gostaríeis de saber onde estou? Estou à vontade na casa de meu Pai, nas mansões aqui preparadas para mim. Estou onde desejo estar — não mais no mar tormentoso, mas no porto seguro e tranqüilo de Deus. Meu tempo de semear acabou e estou ceifando; minha alegria é a alegria da colheita. Gostaríeis de saber como vivo aqui? Sou aperfeiçoado em santidade. A graça foi absorvida em glória. Gostaríeis de saber o que estou fazendo? Vejo Deus, não como num espelho obscuramente, mas face a face. Participo da doce alegria de meu precioso Redentor. Canto aleluias àquele que está sentado no trono, e louvo-o constantemente. Gostaríeis de saber que bem-aventurada companhia tenho? Ela é melhor do que a melhor na terra. Aqui estão os santos anjos e os espíritos de homens justos aperfeiçoados. . . .Estou com muitos de meus antigos conhecidos com os quais trabalhei e orei, e que vieram para cá antes de mim. Finalmente, gostaríeis de saber por

quanto tempo isto continuará? É uma aurora que nunca desaparece! Depois de milhões e milhões de eras, ela continuará tão nova quanto o é agora. Portanto, não choreis por mim!

Por sua própria conta

1. Leia em João 11:17-37 como Jesus consolou Maria e Marta que sofriam pela perda do irmão. Pense nos aspectos do procedimento de Jesus que você observa nesta passagem. Que pode você aprender dele acerca da assistência aos enlutados?
2. Identifique algumas passagens bíblicas que lhe pareçam especialmente consoladoras em tempos de aflição. Quais delas você gostaria de citar a uma pessoa que perdeu um ente querido? Que poderia você dizer a respeito de Deus segundo ele é revelado nessas passagens?
3. Escolha algum material de leitura para ter à mão a fim de ajudar uma pessoa aflita, e leia esse material antes de distribuí-lo.

13

Uma Vida de Amor

"Eu estava armado contra argumentos, preparado para a retórica, pronto para enfrentar a lógica. Mas não tinha defesa alguma contra o amor."[1]

A assistência às pessoas não se limita apenas aos casos especiais que consideramos até aqui. Antes, o amor é a regra universal de sucesso em todos os nossos tratos humanos. Howard Hendricks faz esta pergunta desafiadora: "Já lhe ocorreu que o amor é a maior força positiva que existe?"[2] Sim, o amor é poderoso. É eficaz. É irresistível.

Esta primazia do amor vem à luz na primeira carta de Paulo aos coríntios. No capítulo 12 ele esboça aquela surpreendente lista de dons especiais à disposição do corpo de Cristo. Entretanto, com toda essa admirável provisão para o sucesso, ele não se dá por satisfeito; o Espírito Santo compele-o a concluir o capítulo oferecendo algo até melhor. Ele termina: "Entretanto, procurai, com zelo, os melhores dons", e a seguir acrescenta: "E eu passo a mostrar-vos ainda um caminho sobremodo excelente." Com essa introdução, Paulo lança-se ao capítulo treze e à maior descrição do amor em toda a literatura. Aqui ele nos ensina que o amor é a característica essencial necessária em todas as relações humanas, e para toda a vida. Parece justo dizer que a vida cristã é uma vida de assistência.

Paulo declara, nos três primeiros versículos de 1 Coríntios 13, que o amor é preeminente. Como cristãos, nossos tratos com as pessoas só têm êxito se o amor estiver no controle. Podemos reivindicar capacidade de linguagem, o dom de pregar, uma compreensão completa das Escrituras, grande fé, e até disposição para sacrificar tudo o que temos, mas nada disso tem valor algum se o amor de Cristo não for a regra controladora de nossa vida. Graham Scroggie, escritor britânico, resume esses três primeiros versículos com três breves afirmativas: "1) O amor deve possuir toda a nossa natureza emocional; 2) O amor deve controlar nossas forças intelectuais; 3) O amor deve dominar nossa faculdade da vontade."[3]

Nos versículos 4-7 Paulo descreve o amor divino em termos práticos. Esta é a vida assistencial. As características aqui apresentadas são convincentes. Manifestadas em nossos relacionamentos, elas fazem crível nossa vida cristã. Elas são importantes onde quer que estejamos: na família, nos negócios, no ministério aos perdidos ou aos salvos, na assistência aos divorciados ou aos moribundos.

A declaração resumida no versículo 8 é um poderoso comentário sobre tal vida: "O amor jamais acaba." A vida cristã deve ser dominada pelo amor de Deus, que não busca os seus próprios interesses, mas é sacrificial. A vida do cristão que ama deve ser um canal desobstruído para o livre fluxo desse amor a outros. Entregar-nos a uma vida de assistência é estar constantemente disponíveis ao Espírito Santo para serviço eficaz até que sejamos chamados ao lar na glória.

Não há dúvida sobre os motivos que Deus tem para a evangelização. As Escrituras são claras: Não

foi mero dever ou urgência divina que trouxe o Salvador à terra para morrer na cruz, mas o amor. Este motivo supremo se revela em João 3:16: "Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito. . ." Esta é uma das mais belas e mais bem conhecidas expressões do amor de Deus para um mundo perdido e moribundo. Porém nos comovemos ainda mais quando descobrimos que Deus nos amou, muito embora o tivéssemos rejeitado. Paulo declara em Romanos 5:6-8 que poucos são os que dariam a vida para salvar uma pessoa de bem, mas Cristo morreu por aqueles cujas vidas não lhe eram agradáveis de forma alguma: "Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco, pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores." Este é o modelo que temos para amar os não amáveis ao procurar ganhá-los para Cristo.

Quando o amor de Deus tem primazia em nossa vida, ele se torna o instrumento mais eficaz no atrair os perdidos para Cristo. Alguns dão a isto o nome de "pré-evangelização" — o processo de chamar a atenção das pessoas de modo que possamos declarar verbalmente a mensagem de livramento a que chamamos "evangelho". Howard Hendricks usa uma ilustração curiosa mas eficaz, tirada de um conto de fadas para desafiar-nos a esta responsabilidade:

> Lembra-se do conto de fadas do sapo feio que era, em realidade, um formoso príncipe? Tudo o que era preciso para quebrar o encanto da feiticeira malvada era um beijo de uma moça bonita. Mas que moça bonita beijaria um sapo horroroso de feio? Obvia-

mente, só aquela que primeiro parasse para conversar com ele e viesse a conhecê-lo.

Nós que trazemos a beleza de Jesus Cristo mediante sua graça, passamos por muitas almas amedrontadas, perdidas, feias. Um toque de cortesia, mas apressado e superficial, não é suficiente para transmitir uma mensagem de amor. Dá apenas para começar. O amor entra no reino da necessidade, flui para uma vida a fim de oferecer soluções.[4]

Na Grande Comissão, registrada em Mateus 28:19-20, Jesus nos convoca para "fazer discípulos", batizá-los, e então ensiná-los "a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado". O primeiro passo para fazer discípulos é evangelizar e o segundo é acompanhar. Em um de seus livros, Walter Henrichsen resume este cuidado do recém-convertido nesta breve declaração: "Acompanhar, pois, é nada mais e nada menos do que interesse paterno aliado ao senso comum."[5]

Todos os pais sabem que cuidar de um bebê envolve mais do que preparar mamadeiras e lavar fraldas. O amor da mãe e do pai, constante e tranqüilizador, é decisivo para o desenvolvimento infantil. Henrichsen insiste em que este tipo de ambiente é essencial ao crescimento saudável do novo crente em Cristo: "Uma das necessidades básicas da vida é ser amado e desejado. Precisamos aplicar o princípio do cuidado amoroso e terno aos nossos bebês em Cristo. Envolva o novo crente com amor!" A seguir Henrichsen sugere três coisas que podemos fazer para ajudar o novo cristão a sentir-se aceito e amado: 1) convidá-lo à nossa casa

para tomar refeições conosco e fazê-lo sentir-se como parte da família; 2) envolvê-lo no carinho e na comunhão da igreja; e 3) levá-lo junto — viajar juntos, praticar esportes juntos, fazer coisas juntos.[6]

Sem amor autêntico, a paternidade espiritual será mecânica, legalista e, provavelmente, ineficiente. Embora, às vezes, seja possível insistir com outros no sentido de irem à igreja, estudarem a Bíblia, e até mesmo darem testemunho, sem a presença calorosa do amor, a tendência é produzir cristãos que se assemelham a robôs, aos quais faltam a sensibilidade e as graças que fazem atraente a vida cristã. A criança nutrida no amor tem possibilidades de ser amável e vir a ser um adulto amável. Este princípio é válido também na vida cristã.

Paulo recomendou, com entusiasmo, Timóteo aos filipenses como um fazedor de discípulos que realmente cuidaria deles: "Espero, porém, no Senhor Jesus, mandar-vos Timóteo, o mais breve possível. . . .Porque a ninguém tenho de igual sentimento, que sinceramente cuide dos vossos interesses" (Filipenses 2:19-20). Paulo diz mais no versículo 21 que muitos não tinham este cuidado com os novos crentes; pelo contrário, interessavam-se por si mesmos. Contudo, ele tinha confiança ao enviar Timóteo, porque ele próprio havia treinado a Timóteo e os filipenses sabiam que este jovem servo de Cristo era digno de confiança: "E conheceis o seu caráter provado, pois serviu ao evangelho, junto comigo, como filho ao pai" (v. 22). Timóteo havia aprendido a cuidar com amor dos novos crentes porque foi assim que Paulo, seu pai na fé, o treinou. E uma criança amorosa tem possibilidade não só de tornar-se um adulto amoroso, mas também produzir outra geração de crianças amorosas.

Agostinho ensinou que a natureza do amor se vê no desejo da pessoa que ama de ser um com a pessoa amada. Isto se retrata com suma beleza na cena terrenal de um casamento feliz. O conceito bíblico de dois tornarem-se um (Gênesis 2:24) é a expressão máxima da unidade no casamento. Descreve o vínculo perfeito, alegre, íntimo que Deus pretendia que um homem e uma mulher conhecessem ao unir-se pelos laços sagrados do matrimônio.

Tem-se dito que "num casamento bem-sucedido é preciso que o casal se apaixone muitas vezes, mas sempre pela mesma pessoa!" Conta-se a história de uma mãe cujo filhinho perguntou: "Mamãe, que é que as pessoas dizem quando se casam?" Um tanto incerta, ela respondeu: "Prometem amar e ser bondosas uma para com a outra." Depois de pensar um pouco, o jovenzinho disse com ingenuidade: "A senhora nem sempre está casada, não é mesmo, mamãe?" O discernimento das crianças às vezes é supreendente. Jim Groen, presidente da Mocidade International para Cristo, relata aconselhar uma jovem adolescente que disse: "Mamãe e papai agem como se se odiassem mutuamente. Todas as noites eles discutem. Brigam como gato e cachorro, e isso me dilacera. O senhor não imagina o ambiente de nossa casa. Às vezes parece que vou explodir e desaparecer." Com relação a este problema, J. Allen Peterson cita Philip Gilliam, ex-juiz do tribunal de menores de Denver: "A falta de afeição entre pai e mãe é a maior causa que conheço de delinqüência juvenil. Não é a maneira de tratar os filhos; é a maneira como os pais se tratam um ao outro, porque o filho se sente seguro ao saber que o pai ama à mãe."

O amor no casamento, como em qualquer outra

situação, não deve ser apenas de boca, mas também de fato. Lembro-me de ter visto uma caricatura em que um jovem casal se está abraçando, e obviamente o faz com prazer. Mas eles não são os únicos enlevados pelo momento arrebatador: o filho pequeno dança agitado aos pés deles, clamando. "A próxima vez é minha!" Sim, o amor dos pais é contagioso, e a geração mais jovem se contagia muito depressa.

Infelizmente, para alguns o casamento se torna rotina. As pequenas cortesias dos tempos de namoro e dos primeiros dias de casados perdem-se de alguma maneira num labirinto de atarefamento. Por estranho que pareça, muitas vezes é mais fácil ajudar pessoas de fora do círculo familiar — visitar um amigo no hospital, trocar o pneu do carro da vizinha viúva — do que executar pequenos atos de cuidado aos que nos são próximos. É importante que dediquemos tempo aos membros de nossa família — consertar uma torneira que está pingando, servir o café da manhã na cama, ou assar um bolo preferido.

Os filhos compreendem a idéia de cuidado, e talvez até surpreendam os pais. Nunca me esquecerei de uma manhã de Natal quando nossos três filhos, que na ocasião tinham pouco mais do que o curso primário, fizeram o que menos esperávamos. De repente a luz acendeu em nosso dormitório, e três rostos sorridentes apareceram. Nossos filhos entraram cantando uma canção de Natal e trazendo um bule de café, duas xícaras e uma Bíblia. Depois de algumas risadas e abraços, eles leram a história do Natal registrada no capítulo 2 de Lucas, enquanto encostados na cabeceira da cama sorvíamos o café quentinho. Eles estavam mostrando interesse!

Com isso diziam o quanto nos amavam; agora, crescidos, fazem o mesmo em suas famílias.

O cuidado deve começar em casa — num lar cristão. É exemplificado e então captado pela próxima geração como parte natural da vida, e não como algo imposto ou exigido. À medida que avançamos pela vida, ele se torna um padrão natural para expressar amor àqueles com os quais entramos em contato — amigos, colegas de escola, cooperadores. O cuidado prático também flui livremente de uma vida bem fundamentada nas Escrituras — tanto no lar como na igreja. Com tal formação, o amor floresce e cresce. E as pessoas que crescem num ambiente de amor espontaneamente estenderão a mão de ajuda aos que as cercam: "Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns aos outros" (João 13:35).

Por sua própria conta:

1. Fixe alguns alvos assistenciais para sua vida nas áreas mencionadas neste capítulo: evangelização, fazer discípulos, relacionamentos com o cônjuge, com os pais ou com os filhos.
2. Que passos daria você agora para começar a pôr em prática esses alvos e fazer uma diferença real na vida de alguém pelo poder do amor?

Apêndice:

Como Iniciar um Ministério de Atendimento em sua Igreja

As sugestões a seguir baseiam-se no que temos experimentado e verificado que funciona no ministério assistencial de nossa igreja. Lembre-se de que identificar e satisfazer às necessidades é decisivo para o sucesso de um programa de atendimento, por isso tenha cuidado em decidir sobre qual funcionará melhor em sua área de ministério ao considerar a adaptação do material contido nas páginas seguintes.

Identificar as necessidades

• Orar com os líderes leigos e com os seus assistentes pelas necessidades que demandam atendimento na sua área ou na sua igreja.

• Depois de considerar, em espírito de oração, e de acordo com o melhor conhecimento que você tem a essa altura, delineie com cuidado essas necessidades tão claramente quanto possível.

• Estabeleça alvos. Primeiro, fixe objetivos de longo alcance que você espera realizar, dando ao grupo um marco desafiante a atingir. A seguir fixe alvos imediatos, mensuráveis (tais como os que você espera atingir em um mês, seis meses, e assim

por diante) que lhes dêem uma estratégia prática e realista para atingimento dos alvos de longo alcance.

• Escolha um líder, ou um líder apoiado por uma pequena comissão, para encabeçar o programa.

• Decida quanto à data para iniciar o treinamento das pessoas como ministros assistenciais.

Escolha e reúna os materiais que você planeja usar no programa. Por exemplo, você pode usar este livro.

Para começar uma unidade de treinamento

Escolha as pessoas certas. O melhor é escolher as que parecem ter disposição bem como o desejo de amar. Nossos grupos têm sido uma mistura de idosos e jovens.

Tamanho do grupo. Cuide para que cada grupo seja pequeno, o suficiente para facilitar oração, discussão e relatórios eficazes. Temos limitado nossos grupos a 8 ou 12 pessoas. Tentamos grupos maiores, mas não funcionaram bem.

Tempo requerido. O treinamento trimestral baseado no currículo da Escola Dominical (treze aulas de uma hora cada) tem dado bons resultados para nós. Este livro foi planejado de forma a ser usado com esse modelo.

Plano de aula. A fim de descobrir o que a sua gente já sabe e o que precisa aprender sobre o cuidado de outros, talvez seja bom fazer um pequeno teste, uma forma de avaliação na primeira aula. Nas páginas 161-163 há uma amostra de um teste que temos usado, juntamente com as respostas dadas por um de nossos grupos.

Não se esquecer de iniciar cada aula com momentos de oração a favor da própria aula e também

das pessoas que receberão assistência.

Na primeira aula, com a ajuda da classe, organize uma lista de pessoas de sua igreja que precisam de cuidado especial. A seguir leve cada aluno a escolher uma pessoa que receberá sua assistência durante o período de treinamento.

Em cada aula, separe tempo para que os membros relatem suas atribuições assistenciais da semana anterior. Esses relatórios serão apresentados oralmente, mas você também pode pedir relatórios escritos. Para nós tem dado bom resultado o uso de uma folha de "Avaliação da Assistência" por volta da sexta semana de nosso programa de treinamento. Veja a página 164 onde damos uma amostra desse formulário (também contendo as respostas de um de nossos grupos de assistência).

Inclua tempo para ensino em cada sessão. Se você quiser, use os treze capítulos deste livro como currículo, ou apenas as seções "Por sua própria conta" que se encontram no final de cada capítulo, como atribuições. Talvez lhes seja útil usar sugestões para estudo, como o modelo que apresentamos na página 166. Sugiro que você organize as suas próprias, baseando-se no material e nos textos bíblicos indicados neste livro. A distribuição das folhas de "sugestões" se faria em cada aula para que os participantes tomem nota, ou você pode pedir que a completem em casa para a próxima sessão.

Concluindo a unidade de treinamento

A fim de avaliar a eficácia de sua unidade de treinamento e determinar como cada pessoa se enquadra no ministéro de atendimento, talvez seja útil você usar um formulário de avaliação ao final do

período de treinamento de treze semanas. Nas páginas 167-168 damos uma amostra do formulário de avaliação que usamos com um de nossos grupos.

Além de realizar uma avaliação ao término do período de treinamento, também damos a cada membro da classe a oportunidade de assumir o compromisso com um ministério de atendimento. O formulário que apresentamos nas páginas 169-170 oferece cinco possibilidades de participação, e no momento estamos ampliando para sete áreas:

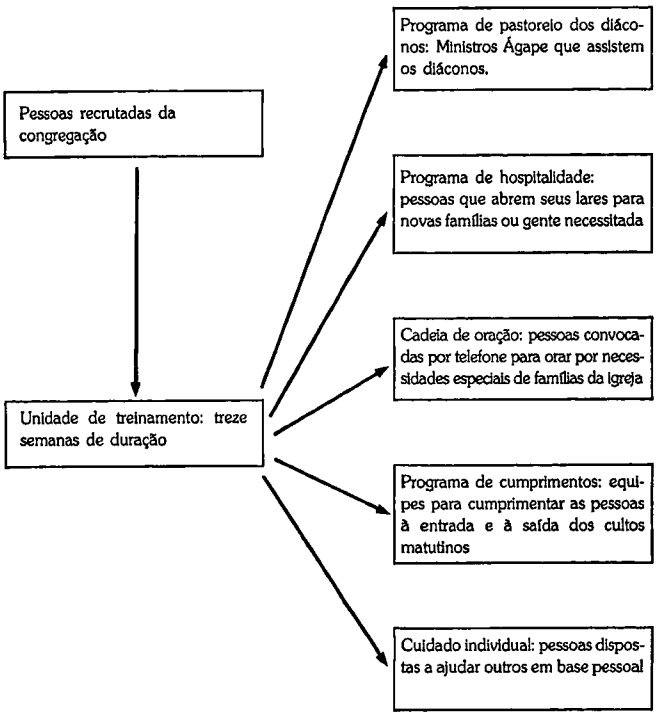
- assistência por pastoreio (assistir os diáconos em seu programa pastoral)
- assistência pela hospitalidade
- assistência pela participação na corrente de oração da igreja
- assistência cumprimentando as pessoas após os cultos regulares da igreja
- assistência mediante ajuda física (transporte, refeições, e assim por diante)
- assistência mediante estímulo (mostrando amizade)
- assistência mediante o patrocínio (favorecendo e ajudando novos convertidos e novos membros).

Apresentamos, a seguir, um fluxograma de nosso modelo assistencial que delineia a progressão geral de nosso programa.

Fluxograma do Modelo Assistencial

Recruta-se um pequeno grupo de oito a doze pessoas da congregação para cada ciclo da unidade de treinamento. O grupo recebe treinamento durante treze semanas (um trimestre da Escola Domi-

nical) no cuidado pastoral ao nível dos leigos. Ao termino do treinamento e levando em consideração a preferência individual, cada pessoa é colocada num programa contínuo no qual ela exerce suas habilidades assistenciais.



AMOSTRA DE FORMULÁRIO: TESTE PRÉVIO

Esta avaliação foi feita no início da unidade de treinamento. As respostas foram dadas pelos alunos de uma classe de dez membros.

1. Você gosta de si mesmo?
   Sim (9) Não (0)
   Não tem certeza (1)
2. É possível amar a outra pessoa se o amor de Deus não for real para nós?
   Sim (2) Não (8)
3. Se você escolhe as pessoas às quais demonstrar amor, é o amor de Deus real para você?
   Sim (2) Não (8)
4. O amor exige que você (indique as três melhores respostas):
   a. demonstre-o por palavras. (5)
   b. dê presentes materiais. (0)
   c. dê de seu tempo. (7)
   d. ouça a pessoa amada. (10)
   e. dê conselho. (0)
   f. censure a pessoa. (0)
   g. visite com freqüência. (0)
   h. abra mão de desejos pessoais a fim de ajudar. (8)
5. Pode você, honestamente, amar alguém e recusar-se a dar-lhe o de que ele precisa?
   Sim (1) Não (9)
6. Quando um membro da igreja está em necessidade ou solitário (indique a melhor resposta):
   a. é o pastor que deve atender a essa necessidade. (0)
   b. deve solicitar-se à família da pessoa que atenda à necessidade. (0)

c. quem estiver mais próximo deve satisfazer à necessidade. (10)

7. Em sua maioria, as pessoas que têm problemas falam deles. Verdadeiro (2) Falso (4) (Quatro não souberam responder.)
8. Pode uma pessoa dar amor se ela nunca recebeu amor de outro ser humano? Sim (1) Não (9)
9. As pessoas são solitárias porque alguém deixou de mostrar-lhes amor. Verdadeiro (9) Falso (1) (1 não tinha certeza)
10. Se você tivesse de visitar uma pessoa que acaba de perder um ente querido, você (indique as melhores respostas):
    a. dir-lhe-ia que Deus a ama? (6)
    b. ouviria sua história? (9)
    c. dir-lhe-ia para não chorar? (0)
    d. leria um trecho da Bíblia para ela? (9)
    e. oraria com ela? (10)
    f. dar-lhe-ia alguma coisa para ler? (2)
    g. dar-lhe-ia conselho sobre como vencer a aflição? (0)
    h. falaria sobre a pessoa falecida? (2)

Seu nome _____

O que você gostaria de obter desta classe?

Aconselhar melhor aos que se acham em necessidade. (6)

Mostrar o amor de Deus aos que estão em necessidade. (3)

Orar eficazmente pelos que estão em necessidade. (1)

Saber quando ajudar e quando dizer não. (1)

Cientificar-me das necessidades que me cercam. (1)

AMOSTRA DE FORMULÁRIO: AVALIAÇÃO DA ASSISTÊNCIA

Usamos esta avaliação quando chegamos à metade de nossa unidade de treinamento.

Nome _____ Data _____
Pessoa que está recebendo cuidado _____
Endereço _____

Que fez você, realmente, para expressar cuidado? Confira as seguintes afirmativas e comente se achar apropriado.

1. Observei sua necessidade, que era (solidão, alguém para ouvir, alguém que mostrasse amor, estímulo, etc.)
2. Entrei em contato com ela por telefone (7) , escrevi-lhe um bilhete (0) , fiz-lhe uma visita (8) , outros meios (convite para vir à minha casa)
3. Prestei atenção (todos os 10)
4. Encorajei-a (ouvindo, sendo bom, lendo a Bíblia, orando)
5. Li a Bíblia (3) , orei (5)
6. Dei assistência material ou física (levando ao médico, levando para tomar banho, fazendo limpeza, ajudando a fazer compras)
7. Outras observações (use o verso da folha se necessário):
8. Houve necessidade de mais contatos? (6 disseram que sim)
   Se houve, para que fim? (continuar encorajamento)
   Quantas vezes? (de vez em quando, uma vez por semana, uma semana sim outra não)
   Você fará isto? (6 disseram que sim)
   Alguém mais deveria fazê-lo? (2 disseram que sim)
   Quem? (pastores)

AMOSTRA DE FORMULÁRIO: SUGESTÕES PARA ESTUDO

O Cuidado é Arraigado no Amor

Jesus ensinou que o amor cumpre a lei. Todo crente é responsável, portanto, por praticar a lei do amor. Em direção dos homens, isto significa mostrar interesse. Examine Mateus 22:35-40.

1. Que é que o intérprete da lei parece estar procurando ao formular esta pergunta? (vv. 35-36)

2. Qual o maior de todos os mandamentos? Por quê? (vv. 37-38)

3. De que maneira o segundo mandamento assemelha-se ao primeiro? Você vê relação entre esses dois mandamentos? (v. 39)

4. Qual a importância desses dois mandamentos? (v. 40)

5. Que conclusões você tira desta passagem sobre o que Jesus espera dos crentes hoje?

Outras observações:

AMOSTRA DE FORMULÁRIO: AVALIAÇÃO FINAL

Este é relatório dos treinandos ao fim da unidade de treinamento. As seguintes respostas foram colhidas das respostas dos treinandos.

Nome _____ Data _____
Pessoa(s) atendida(s) por você _____

1. Entrei para a Unidade de Treinamento porque (indique todas as respostas correspondentes ao seu caso):
   a. Senti que o dever me obrigava a fazê-lo. (0)
   b. Percebi necessidades em minha vida de ser uma pessoa que mostre mais cuidado pelos outros. (7)
   c. Senti interesse e desejo de fazer algo pelas pessoas que necessitam de ajuda. (8)
   d. Interessava-me que nossa igreja se tornasse uma comunhão que dá assistência. (8)
   e. Outros _____
2. Acho que tenho melhor compreensão do que deve ser uma "pessoa que cuida".
   Sim (8) Não (0) Talvez (2)
3. Percebo que compreendo melhor as mágoas das pessoas que necessitam de assistência.
   Sim (10) Não (0) Talvez (0)
4. Em uma escala de 1 a 6, queira indicar o nível em que se sentiu à vontade ao cuidar dos seguintes tipos de pessoas em necessidade (1 = mínimo; 6 = máximo):

	1	2	3	4	5	6
os solitários	1	1	4	4	3	2
os idosos	0	2	5	0	5	3
os enfermos	1	1	0	4	4	0
os moribundos	3	3	1	1	0	1
os enlutados	0	2	3	3	1	1
os divorciados	1	1	3	5	0	1
outros	0	0	0	0	0	0

5. Como resultado da Unidade de Treinamento, cresci em minha capacidade de cuidar nas seguintes áreas:

	nenhuma melhoria	alguma melhoria	muita melhoria
como ouvir		8	3
o que dizer		7	5
o que fazer		7	5
quando aconselhar		5	7
livros para distribuir		5	7
textos bíblicos a usar	1	7	3
como orar	1	7	3

Fale sobre sua experiência em cuidar dos que estavam sob sua responsabilidade durante a classe:

1. Como expressou cuidado?
   (ouvindo, telefonando, providenciando transporte, ajudando em casa etc.)
2. Como as pessoas receberam o cuidado que você expressou?

(a maioria expressou grande apreciação; uma reservada.)

3. O que lhe deu esta experiência de cuidado? (maior compreensão das pessoas e de suas necessidades; sentimento de realização; consciência das deficiências próprias.)

AMOSTRA DE FORMULÁRIO: COMPROMISSO COM UM MINISTÉRIO DE ASSISTÊNCIA

1. Estou agora preparado para permitir que o Senhor me use como lhe aprouver para expressar cuidado aos que estão em necessidade. Sim (9) Não (0) Não estou certo (2)
2. Estou disposto a pagar o preço para servir ao Senhor desta maneira:
   dar tempo (9) dar energia (8) dar materialmente (8) reagir com paciência (8) guardar confidências (10)

PARTICIPAÇÃO FUTURA

1. Desejo estar disponível como cristão que cuida em nossa igreja das seguintes maneiras:
   a. assistir no programa pastoral dos diáconos como "ministro ágape". (4)
   b. assistir no programa de hospitalidade abrindo meu lar para as pessoas que estão em necessidade. (6)
   c. fazer parte de uma corrente de oração. (8)
   d. ajudar no programa de cumprimentar as pessoas. (6)
   e. estar à disposição para cuidar de indivíduos quando surge a necessidade. (7)

2. Acho que o Modelo de Assistência (indicar as respostas verdadeiras na sua opinião):
   a. tem satisfeito uma real necessidade em nossa igreja. (10)
   b. tem satisfeito uma real necessidade para mim. (9)
   c. deve continuar. (11)
   d. necessita de maior desenvolvimento antes que seja útil. (0)
   e. não deve continuar. (0)

Outros comentários que você deseja fazer sobre a Unidade de Treinamento, seu valor, seu futuro, etc.

(Todos deveriam ter a oportunidade de receber este treinamento).

(Parece que ele aproximava mais os membros da classe.)

(Acho esta classe muito valiosa para a igreja.)

(Apresentar outras sugestões úteis para estudo, além das que foram dadas acima.)

Notas

Capítulo 1

1. Benjamin B. Warfield, "On the Emotional Life of Our Lord", *Biblical and Theological Studies,* editado pelo corpo docente do Seminário de Princeton (Nova Iorque: Scribners, 1912), pág. 42.
2. Warren W. Wiersbe, *Be Real* (Wheaton: Victor Books, 1972), pág. 138.

Capítulo 2

1. Margery Williams, *The Velveteen Rabbit* (Nova Iorque: Doubleday, s/d.) págs. 16-17.
2. John Powell, *Why Am I Afraid to Love?* (Niles, Ill.: Argus Communications, 1972), págs. 23-24.
3. Maurice Wagner, *The Sensation of Being Somebody: Building an Adequate Self-Concept* (Grand Rapids: Zondervan, 1975, pág. 194.
4. Wagner, pág. 31.
5. Verna Birkey, *You Are Someone Very Special* (Westwood, N.J.: Fleming H. Revell, 1977), pág. 3.

Capítulo 3

1. Warfield, "On the Emotional Life of Our Lord", págs. 40-41.
2. Dean Turner, *Committed to Care* (Old Greenwich, Conn.: Devin-Adair, 1978), pág. 155.

Capítulo 4

1. Francis Schaeffer, *The Church at the End of the Twentieth Century* (Downers Grove: InterVarsity, 1970), pág. 153.
2. Willard Becker, *Love in Action* (Grand Rapids: Zondervan, 1969), pág. 19.
3. William Barclay, *The Daily Bible Study Series*

(Philadelphia: Westminster Press, 1960), pág. 14:252.

4. Powell, *Why Am I Afraid to Love?*, pág. 17.

5. Powell, pág. 17.

Capítulo 5

1. Orien Johnson, *Recovery of Ministry: A Guide for the Laity* (Valley Forge: Judson Press, 1972), pág. 39.

2. Ray C. Stedman, *Body Life* (Glendale, Calif.: Regal Books, 1972), pág. 25. (Esta obra foi publicada em português com o título de "A Igreja, Corpo Vivo de Cristo", Editora Mundo Cristão, São Paulo.)

3. Stedman, pág. 25.

4. Stedman, pág. 51.

5. Schaeffer, *The Church at the End of the Twentieth Century,* pág. 73.

6. Elton Trueblood, *The Incendiary Fellowship* (Nova Iorque: Harper & Row, 1967), pág. 30.

7. Joyce Landorf, *Power,* 24 de agosto de 1980.

8. Paul Welter, *How to Help a Friend* (Wheaton: Tyndale, 1978), pág. 29.

Capítulo 6

1. Gary Collins, *How to Be a People Helper* (Santa Ana, Calif.: Vision House, 1977), pág. 131.

2. David Dunston, "The Role of Auxiliary and Supplementary Ministers", *The Churchman,* abril-junho de 1974, Vol. 88, Nº 2, pág. 121.

3. Collins, págs. 58-59.

Capítulo 7

1. Conforme citado por Arthur A. Rouner, Jr. em *How to Love* (Grand Rapids: Baker Book House, 1974), pág. 106.

2. Arthur A. Rouner, Jr., *How to Love,* pág. 106.

3. Leslie B. Flynn, *You Don't Have to Go It Alone* (Denver: Accent Books, 1981), pág. 144.

4. Thomas Dubay, *Caring: A Biblical Theology of Community* (Denville, N.J.: Dimension Books, 1973), pág. 53.

5. Robert H. Schuller, Your Church Has Possibilities (Glendale, Calif.: Regal Books, 1974), pág. 68-70.

Capítulo 8

1. Anônimo, "Trouble-Shooting", *Campus Life,* 8 de outubro de 1978, pág. 53.

2. Welter, *How to Help a Friend,* pág. 211.

3. Haddon Robinson, "On Target", *Focal Point,* julho-setembro de 1981, págs. 2-3.

4. Welter, págs. 214-215.

5. Erich Fromm, *The Art of Loving* (Nova Iorque: Harper & Row, 1956), pág. 103. (Esta obra existe em português, sob o título "A Arte de Amar".)

6. Collins, *How to Be a People Helper,* pág. 34.

Capítulo 9

1. David O. Moberg, "What the Graying of America Means to the Local Church", *Christianity Today,* 20 de novembro de 1981, pág. 30.

2. Moberg, págs. 30-31.

3. Willard Gaylin, *Caring* (Nova Iorque: Alfred A. Knopf, 1976), pág. 154.

4. R. J. Havinghurst, *Human Development and Education* (Nova Iorque: David McKay, 1953), pág. 2.

5. John Gillies, *A Guide to Caring for and Coping with Aging Parents* (Thomas Nelson, 1981); este livro é muito útil aos que têm pais idosos.

6. Richard A. Hubbard, "Pastoral Care in the

Nursing Home", *The Journal of Pastoral Care,* dezembro de 1980.

Capítulo 10

1. James Johnson, *Loneliness Is Not Forever* (Chicago: Moody Press, 1979), pág. 9.
2. Flynn, *You Don't Have to Go It Alone,* pág. 11.
3. Flynn, pág. 11.
4. James J. Lynch, citado por James Johnson em *Loneliness Is Not Forever,* págs. 11-12.
5. Juanita Wright, "Loneliness — No Instant Antidote", *Power for Living,* 24 de setembro de 1978, pág. 8.
6. Gaines S. Dobbins, *A Ministering Church* Nashville: Broadman Press, 1960), pág. 176.
7. Amy Ross Young, *By Death or Divorce. . . It Hurts to Lose* (Denver: Accent Books, 1981), pág. 106.

Capítulo 11

1. James I. Packer, "Poor Health May Be the Best Remedy", *Christianity Today,* 21 de maio de 1982, pág. 14.
2. Packer, pág. 14
3. Charles Farah, Jr., *From the Pinnacle of the Temple* (Plainfield, N.J.: Logos International, s/d), págs. 3-4 e 13-14.
4. Dennis E. Saylor, *And You Visited Me* (Seattle: Morse Press, 1974), pág. 16.
5. Bruce Shelley, "How to Make a Hospital Visit", *Focal Point,* julho-setembro de 1981, pág. 9.

Capítulo 12

1. C. S. Lewis, *A Grief Observed* (Nova Iorque: Seabury Press, 1961), pág. 7.
2. Collins, *How to Be a People Helper,* pág. 411.

3. Haddon Robinson, "Good Grief", *Focal Point,* julho-setembro de 1981, pág. 8.
4. Collins, pág. 411.
5. Arthur Freese, *Help for Your Grief* (Nova Iorque: Schocken Books, 1977), pág. 48.
6. William A. Miller, *When Going to Pieces Holds You Together* (Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1976), pág. 29.
7. Citado por William A. Miller em *When Going to Pieces Holds You Together,* págs. 30-31.
8. Donald Howard, *Christians Grieve Too* (Carlisle, Penn.: The Banner of Truth Trust, 1980), pág. 13.
9. Miller, pág. 33.
10. Elisabeth Kubler-Ross, *On Death and Dying* (Nova Iorque: Macmillan, 1969).
11. Lewis, págs. 66-67.
12. Lewis, pág. 47.
13. Haddon Robinson, *Grief* (Christian Medical Society, reimpressão, Grand Rapids: Zondervan, 1976), págs. 12-13 e 17.
14. Robinson, *Grief,* pág. 16.
15. Robinson, *Grief,* pág. 16.
16. Robinson, *Grief,* pág. 21.

Capítulo 13

1. Jim Hancock, citado em *Decision,* fevereiro de 1978, Vol. 19, Nº 2, pág. 15.
2. Howard G. Hendricks, *Say It with Love* (Wheaton: Victor Books, 1975), págs. 15-16.
3. W. Graham Scroggie, *The Love Life* (London: Pickering and Inglis, 1935), págs. 24, 26 e 28.
4. Hendricks, pág. 9.
5. Walter A. Henrichsen, *Disciples Are Made — Not Born* (Wheaton: Victor books, 1974), pág. 80.
6. Henrichsen, págs. 87-88.